



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA**

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
CEARÁ**

**PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ENSINO E FORMAÇÃO DOCENTE
– PPGEF (UNILAB/IFCE)**

MESTRADO EM ENSINO E FORMAÇÃO DOCENTE

VANESSA CARVALHO DA SILVA FRANÇA

**O TRABALHO DOS PROFESSORES NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS NO MUNICÍPIO DE PARNAÍBA-PI: diálogos narrativos.**

**REDENÇÃO – CE
2021**

VANESSA CARVALHO DA SILVA FRANÇA

O TRABALHO DOS PROFESSORES NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO MUNICÍPIO DE PARNAÍBA-PI: diálogos narrativos.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Ensino e Formação Docente (PPGEF) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) em associação ao Instituto Federal do Ceará (IFCE) como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestra em Ensino e Formação Docente.

Linha de Pesquisa: Ensino e Formação.

Orientador: Prof. Dr. Lourenço Ocuni Cá.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte

França, Vanessa Carvalho da Silva.

F881t

O trabalho dos professores na educação de jovens e adultos no município de Parnaíba-PI: diálogos narrativos / Vanessa Carvalho da Silva França. - Redenção, 2021.
183f; il.

Dissertação - Curso de Ensino e Formação Docente, Mestrado Profissional em Ensino e Formação Docente, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2021.

Orientador: Prof. Dr. Lourenço Ocuni Cã.

1. Professores - Prática de ensino. 2. Educação de jovens e adultos - Piauí. 3. Aprendizagem ativa. I. Título

CE/UF/BSP

CDD 371.39

VANESSA CARVALHO DA SILVA FRANÇA

O TRABALHO DOS PROFESSORES NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO MUNICÍPIO DE PARNAÍBA-PI: diálogos narrativos.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Ensino e Formação Docente (PPGEF) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) em associação ao Instituto Federal do Ceará (IFCE) como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestra em Ensino e Formação Docente. Linha de Pesquisa: Ensino e Formação.

Orientador: Prof. Dr. Lourenço Ocuni Cá.

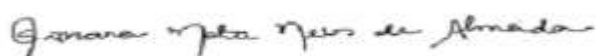
Aprovado em __ / __ / __

Membros da Banca Examinadora



Prof. Dr. Lourenço Ocuni Cá – Orientador

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB



Prof. Dra. Sinara Mota Neves de Almeida – Avaliadora Interna

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB



Prof. Dr. Cleidivan Alves dos Santos – Avaliador Externo

Universidade Federal do Piauí - UFPI

**REDENÇÃO – CE
2021**

DEDICATÓRIA

Dedico esta produção à maior mestra que já conheci. Essa não era uma mestra de um mundo letrado, mas uma mestra sábia em ensinar as “coisas da vida” e expor um universo em saberes práticos. A você, minha avó Noemia.

À minha mãe, Ildener Carvalho, mulher que se tornou uma fortaleza com as situações que a vida lhe impôs. Obrigada mamãe, por muitas vezes, em finais de semana ficar com meu filho para que eu pudesse me dedicar à escrita.

Obrigada por torcer por mim em cada etapa.

A todas as mães e pesquisadoras deste país, onde as discrepâncias entre os gêneros são gigantescas. A vocês mulheres, mães trabalhadoras, que esperam os filhos dormirem para poder se dedicar às suas escritas. Este trabalho é oriundo desse contexto. É uma vitória nossa!

E também a todas as mães de sujeitos com algum tipo de deficiência física, intelectual, auditiva e, principalmente, mães de pessoas com autismo. Esta que aqui escreve, sabe a luta que é viver nessa condição e mesmo assim, diante das adversidades, consegue acreditar em um mundo mais justo e igualitário a partir da educação. Essa produção também é de vocês!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, a inteligência suprema, pela oportunidade de realização deste grande sonho. Obrigada, meu Senhor, por inserir em meu coração o desejo profundo de tentar o mestrado e não desanimar pelas vezes que não conseguia a tão sonhada aprovação. Obrigada por sossegar meu coração, pelo consolo nos momentos de tristeza e, principalmente, por estar comigo sempre.

Sou grata também à minha família, onde aqui trago inicialmente meu filho, Dante, obrigada pela força que me deu após seu nascimento e pela mulher que me tornou com a sua chegada. Agradeço a você por tornar-me mãe e por me apresentar a Vanessa que hoje sou. Por você eu mato e morro, meu filho.

Estendo meus agradecimentos ao meu companheiro de vida, luz dos meus olhos, meu amor, Tchesco França, te amo! Obrigada por acreditar em mim, de me poupar dos problemas que aconteciam nas sextas para eu não viajar e assistir aula preocupada com a casa. Obrigada em cumprir seu papel como pai, segurando a barra quando eu não estava por perto.

Ao meu cunhado, Luiz Felipe, que se tornou um irmão para mim, grata pela companhia, escuta, parceria, e também por sempre vibrar e brincar comigo.

Aos meus pais, Ildener e Francisco, obrigada por todos os ensinamentos, por investirem e acreditarem em mim, e por dizer que eu era capaz. Tenho grande respeito e carinho pelos dois. Amo vocês!

Ao meu irmão, Walber Carvalho, por cumprir de fato o que é ser irmão, obrigada por ser meu maior elo com o meu passado, confidente, amigo, parceiro, por se preocupar com as minhas viagens e com todo o processo do mestrado. Veja, meu irmão, estamos colhendo esses frutos!

Saindo do seio familiar, quero agradecer também aos professores/colaboradores desta pesquisa, profissionais aos quais “tiro meu chapéu”, pois encararam esse processo metodológico em um ano atípico e com um leque de novas habilidades a serem desenvolvidas e aceitaram o desafio de escreveram este trabalho comigo. Obrigada meus colegas de profissão. Estamos juntos!

Sou grata ao meu orientador, Professor Dr. Lourenço Ocuni Cá, que sempre me deixou bem à vontade na escrita, trazendo suas sábias colaborações

ao trabalho. Aqui também estendo meus agradecimentos aos professores: Dra. Sinara Mota (UNILAB) e Dr. Cleidvan Alves (UFPI) pelo aceite para estarem comigo desde a qualificação até a defesa, onde em ambos os momentos fizeram valiosíssimas contribuições; como também pelo impacto que causaram em minha vida acadêmica. Obrigada, vocês são exemplos a serem seguidos!

Aproveito o ensejo e abraço com gratidão a todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Ensino e Formação Docente – PPGEF (UNILAB/IFCE), aos que ministraram disciplinas, minha eterna gratidão por ajudarem a esculpir a profissional que hoje sou.

E é claro, agradeço aos meus amigos. Como a caminhada ao lado de vocês foi mais prazerosa! A todos da primeira turma do PPGEF, obrigada por me acolherem na “terra” de vocês. Em especial quero agradecer ao Carlos Henrique, o primeiro grande amigo que fiz no mestrado, ainda na seleção do programa. Obrigada *baby*, pelo acolhimento, pelas conversas, pelas cajuínas, por me receber em sua casa e, principalmente, por acreditar em mim.

Não posso deixar de citar alguns amigxs queridxs de profissão: Aline, Geórgia, Hielly, Keila, Thesca, Elizeilda, Christyelle e Saulim. Pessoal, obrigada mesmo, de coração. Vocês são essenciais!

Agradeço à toda comunidade da Escola Municipal Antonio Seligmann, instituição que estava trabalhando antes do mestrado, e onde fui alfabetizada e onde alfabetizei. Obrigada Nazaré, pela oportunidade de trabalhar na EJA e conhecer a modalidade na perspectiva de professora. Obrigada Renata, Tia Zezé, Jô, Roberta, Ana Paula, Sara, Lili e Luciane, vocês acreditaram em mim, até mesmo quando nem eu acreditei. Levo vocês em meu coração.

Quero agradecer também a toda comunidade da Faculdade de Ensino Superior de Parnaíba – FAESPA. Instituição que vi nascer e que me dá a possibilidade de crescer profissionalmente. Agradeço à professora Rosilda Sales, pelas inúmeras oportunidades dadas e confiadas a mim, agradeço à Dalva e ao Fabricio, por dividirem comigo os sabores e dessabores do exercício da docência e da coordenação no ensino superior.

Encerro meus agradecimentos trazendo os nomes dos meus avós maternos, Noêmia e Izidorio (*in memoriam*), vocês foram os primeiros que me levaram à escola e se preocuparam com o meu futuro nos estudos. Como eu

queria vocês aqui comigo! A saudade sempre aperta, mas a certeza do reencontro me conforta.

Obrigada a todos! Família, amigos, trabalho, conhecidos, alunos, colegas, motoristas e atendentes (Ana Paula, da Guanabara, de quem me tornei cliente fidelidade). A todos vocês, minha palavra é gratidão! Vocês contribuíram muito para esse fato, que não é apenas um título, mas sim a realização de um grande sonho!

“Não há saber mais, nem saber menos, há saberes diferentes”
– *Paulo Freire*

RESUMO

Uma prática docente significativa é elemento-chave para o desenvolvimento integral do aluno. A Educação de Jovens e Adultos (EJA) não foge de tal premissa, pois uma boa ação docente contribui para a permanência dos alunos em sala de aula e na redução dos índices de evasão. Assim, esta produção possui como objetivo geral, analisar a prática docente na EJA no município de Parnaíba-PI. Devido à natureza do objeto de estudo, optamos por uma pesquisa narrativa e pela abordagem qualitativa como metodologia, em que dialogamos com os seguintes teóricos: Cunha (2010), Ludke e André (2014), Conelly e Cladinim (2004), Souza (2007), entre outros. Para a concretização do trabalho, contamos com cinco professores atuantes em turmas da EJA pertencentes ao quadro docente da rede municipal de ensino da cidade. Com o intuito de responder às questões norteadoras da pesquisa, optamos pelos questionários e diários narrativos como instrumentos viabilizadores da investigação. Após a produção dos dados, estes foram organizados e analisados de acordo com a proposta de análise de conteúdo Bardin (2006). Visando um melhor entendimento, intensificamos as leituras nos estudos de nomes como Formosinho (2009), Nóvoa (2000), Gadotti e Romão (2011), Amaral (2020), Castelli Jr (2019) e Freire (2013). As informações produzidas foram minuciosamente analisadas à luz dos teóricos e sistematizadas em três marcos principais: Marco A - Formação Docente, Marco B - Reflexões sobre a Prática, Marco C - Principais Necessidades e Carências. No desenrolar deste trabalho, houve momentos de reflexões sobre a prática docente, e, por meio destas análises, os professores reviram seus processos de ensino e aprendizagem, onde foram ressignificados – com os alunos em sala de aula. As informações obtidas através deste estudo foram o principal subsídio para a efetivação de um dos objetivos específicos do trabalho: o produto educacional, um *e-book*, intitulado: “DESAFIOS DO SER E TORNAR-SE PROFESSOR DA EJA: Contributos para uma aprendizagem significativa e emancipatória”, uma produção inédita na rede municipal, pensada, organizada e construída para professores atuantes na modalidade. A publicação será distribuída para todos da categoria que trabalham na EJA.

Palavras-chave: Prática Docente. Educação de Jovens e Adultos. Parnaíba-PI. Aprendizagem Significativa.

ABSTRACT

A significant teaching practice is a key element for the integral development of the student. The education of young people and adults does not escape this premise, because a good teaching action corroborates to the permanence of students in the classroom and the reduction of school evasion. Thus this master dissertation has as its main objective to analyze the teaching practice in the EJA (acronym for the education of young people and adults in Portuguese) in the municipality of Parnaíba-Piauí-Brazil. Due to its nature, a narrative research as well as a qualitative approach were used as methodology in which theorists such as: Cunha (2010), Ludke e André (2014), Conelly e Cladinim (2004), Souza (2007), among others served as its basis. So, to conclude this master dissertation five teachers working in EJA, those belonging to the staff of the school system of Parnaíba were taken part of the research. In order to answer the research questions of the research, a questionnaire and narrative diaries were chosen as instruments that enable the investigation. After production of the data, they were organized and analyzed according to the procedure of content analysis created by Bardin (2006). Aiming a better understanding, readings from Formosinho (2009), Nóvoa (2000), Gadotti e Romão (2011), Amaral (2020), Castelli Jr (2019), Freire (2013) among others were intensified. The information produced was thoroughly analyzed and systematized in three main milestones: Milestone A-Teaching Training, Milestone B-Reflections on educational practices, Milestone C-Main needs. During this master dissertation, there were moments of reflection on teaching practice, through these analyses, teachers could review their teaching and learning processes along side with their students in the classroom. The educational product, an e-book entitled: "DESAFIOS DO SER E TORNAR-SE PROFESSOR DA EJA: Contributos para uma aprendizagem significativa e emancipatória". (Challenges of being and becoming a teacher of EJA: contributions to a meaningful and emancipatory learning.) was created through the information obtained in this study which was the main subsidy for the implementation of its specific objectives. The E-book is an unprecedented and unique production in the municipal educational system, thought, organized and built for teachers working in the modality. It will be distributed to all categories that work with EJA.

Key-words: Teaching Practice. Youth and Adult Education. Parnaíba-Piauí. Meaningful Learning.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01	Perfil dos Colaboradores da Pesquisa	30
Figura 02	Capa do <i>e-book</i> Desafios do ser e tornar-se professor da EJA: contributos para uma aprendizagem significativa e emancipatória	42
Figura 03	Identificação dos Interlocutores da Pesquisa	79
Figura 04	Marcos para Análise de Dados	79

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AEE	Atendimento Educacional Especializado
APL	Academia Parnaibana de Letras
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CNER	Campanha Nacional para a Educação Rural
ENCEJA	Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos
EJA	Educação de Jovens e Adultos
FUNDEB	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação Básica
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IFPI	Instituto Federal do Piauí
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
MOBRAL	Movimento Brasileiro de Alfabetização
PIB	Produto Interno Bruto
PME	Plano Municipal de Educação
PMP	Prefeitura Municipal de Parnaíba
PROEJA	Programa Nacional de Integração da Educação Básica com a Educação Profissional na EJA.
PNE	Plano Nacional de Educação
SECAD	Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade
SEDUC	Secretaria de Educação
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SESC	Serviço Social do Comércio
SESI	Serviço Social da Indústria
UESPI	Universidade Estadual do Piauí
UFDPAr	Universidade Federal Delta do Parnaíba
UFPI	Universidade Federal do Piauí
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
ZPE	Zona de Processamento de Exportação

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
2 METODOLOGIA DA PESQUISA: OS CAMINHOS PERCORRIDOS DURANTE O TRABALHO	24
2.1. Apresentação da Pesquisa: Dimensão qualitativa e caracterização narrativa	26
2.2. Representação Contexto empírico: Local da investigação e participantes	28
2.2.1 Conhecendo os Participantes do Estudo	29
2.2.2 Trilhando os caminhos da Pesquisa	30
2.3. Instrumentos Viabilizadores da Pesquisa	31
2.3.1. Sobre a utilização dos questionários	31
2.3.2. Sobre a utilização dos Diários Narrativos	32
2.3.3. Sobre a Utilização das Rodas de Conversa	35
2.4. Coleta e Análise de Dados	37
2.5. Produto Educacional	39
2.5.1. <i>E-book</i> - “Desafios do ser e tornar-se professor da EJA: contributos para uma aprendizagem significativa e emancipatória”	41
3 CONTEXTUALIZANDO A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS ...	47
3.1. Perspectivas Históricas acerca da Educação de Jovens e Adultos...	49
3.2. Perspectivas Contemporâneas acerca da Educação de Jovens e Adultos	59
3.3. Considerações sobre a Modalidade EJA	62
3.3.1 A cidade de Parnaíba - PI	64
3.3.2 A EJA em Parnaíba	66
3.4 O Professor da EJA e suas práticas.....	69
3.4.1 A Atuação docente na EJA e seus entraves	69
4. DANDO VOZ A QUEM REALMENTE FAZ A EJA EM PARNAÍBA: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS CONSTRUIDOS PELOS COLABORADORES DO ESTUDO	77

4.1. Marco para Análise A – Formação Docente	79
4.2. Marco para Análise B – Reflexões sobre a Prática	86
4.2.1. Estratégias utilizadas para o ensino na EJA	87
4.2.1.1. Propostas adotadas pela EJA em contexto de Pandemia	92
4.2.2. Motivações e Comprometimento com o ensino na EJA	95
4.3. Marco para Análise C – Carências percebidas na modalidade	96
5. CONSIDERAÇÕES RELEVANTES A PARTIR DA PESQUISA	105
6. REFERÊNCIAS	114
APÊNDICES	119
APÊNDICE A – Produto Educacional: Desafios do Ser e Tornar-se Professor da EJA: Contributos para uma aprendizagem significativa e emancipatória	120
APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	132
APÊNDICE C – Questionários para os professores	135
APÊNDICE D – Convite para a escrita dos diários.....	138
APÊNDICE E – Orientações para a escrita dos diários	139

INTRODUÇÃO

*“Parnaíba berço – casa – mesa,
beira rio beira vida.
Parnaíba
desejo de nunca, jamais, partir!”*

Alcenor Candeira Filho

O poeta parnaibano Alcenor Candeira Filho, um dos principais nomes da literatura do Piauí e membro da Academia Parnaibana de Letras (APL), descreve em seus versos acima, o envolvimento que tem com sua terra natal, caracterizando-a como berço, casa e mesa. Palavras que podem ser interpretadas como abrigo, proteção e sustento. Além disso, o autor ainda apresenta sua vontade de nunca partir da terra pela qual possui bastante estima.

Dessa forma, tomo¹ a liberdade de pegar emprestado as palavras do autor e também caracterizo a cidade como esse local de aconchego, crescimento e identidade. Partilhamos o mesmo desejo de nunca partir desta terra, onde nascemos, crescemos e tiramos o nosso sustento. Infelizmente, quando precisamos sair, mesmo que temporariamente para alcançar voos maiores, é constante o desejo de trabalhar, se qualificar e regressar para a cidade tão querida. Parnaíba é uma cidade cheia de encantos, belezas naturais e de um povo bem acolhedor. Dessa forma as linhas que seguirão trarão uma ilustração da mesma nos diversos segmentos.

Parnaíba é um município brasileiro do estado do Piauí com uma população estimada de 152.653 habitantes, segundo dados do IBGE para o ano de 2018 (IBGE, 2019), sendo o segundo município mais populoso do estado. A densidade populacional é classificada como média para alta, com 334.51 hab/km² (IBGE,2019), com taxa de urbanização de 97,3%. É um dos quatro municípios litorâneos do Piauí (além de Ilha Grande, Luís Correia e Cajueiro da Praia). Localizado na bacia hidrográfica do Rio Parnaíba, é cortado por este rio que se divide em vários braços a formar o famoso Delta do Parnaíba, o terceiro maior do mundo, só perdendo para o do Nilo, no Egito, e o do Mekong, no sudeste asiático.

¹ Na escrita deste trabalho, algumas vezes utilizo a primeira pessoa do singular, principalmente quando me remeto às minhas experiências enquanto pesquisadora e professora.

Um desses braços é o "rio" Igarapu, onde se localiza o Porto das Barcas. A maior parte da cidade está na margem direita do Igarapu, enquanto a restante está na Ilha Grande de Santa Isabel, já no Delta do rio Parnaíba.

Associado ao crescimento populacional e ao incremento das demais atividades econômicas, outras esferas do setor de serviços igualmente ganham relevo com a introdução de negócios associados à grandes redes de varejo e até mesmo iniciativas locais. Conforme dados do IBGE, o Produto Interno Bruto do Município (PIB) para o ano de 2016, último dado divulgado, foi da ordem de R\$ 1,9 bilhão, com PIB per capita de R\$ 12.787,32.

No contexto da microrregião, o município apresenta PIB e IDH superiores à média, muito embora haja espaço para melhorias desses indicadores. O IDH do município para o ano de 2010, o último apresentado pelo IBGE, é de 0,687, tendo demonstrado uma evolução em comparação às duas últimas medições. A principal atividade econômica está vinculada ao agronegócio, com destaque para a exportação de cera de carnaúba, óleo de babaçu, gordura de coco, folha de jaborandi, castanha de caju, algodão e couro. O município dispõe ainda de indústrias de produtos alimentícios, perfumaria e cosméticos. Em vista dessa vocação, o município foi agraciado com uma zona de processamento de exportação (ZPE).

Por estar situada no litoral, a cidade possui clima tropical quente e úmido, com uma vegetação predominantemente de igarapés, mangues, caatinga e mata dos cocais. A temperatura média varia entre 27°C a 32°C, com a presença de chuvas entre os meses de dezembro a maio.

No aspecto econômico, o município se mantém basicamente do seu comércio, setor turístico e do funcionalismo público. Quase metade da população, ou seja, cerca de 45,1% sobrevive com rendimentos mensais de até um salário-mínimo. O setor de turismo, em particular, vem contribuindo de forma significativa para o desenvolvimento do município, atrelado a políticas públicas e a um processo de profissionalização contínua voltado para a atração e a prestação de melhores serviços aos visitantes de todas as partes do Brasil e do mundo. Nesse ambiente, novos hotéis, resort e outros grandes empreendimentos turísticos ganham espaço e contribuem para dinamizar a economia local com a geração de emprego e renda.

No ano de 2009, Parnaíba foi considerada a cidade mais dinâmica do estado do Piauí, a quinta da região Nordeste e a 32^o em âmbito nacional. Além dessa ascensão econômica, o município ainda é destaque pelas exuberantes paisagens, marcadas pelos carnaubais, dunas, o Delta do Parnaíba e, é claro, pelo pequeno, porém, deslumbrante litoral.

A cidade é um dos 65 destinos mais procurados pelos turistas em *ranking* nacional. Compõe a “Rota das Emoções”, juntamente com os Lençóis Maranhenses e Jericoacoara, no estado do Ceará, considerados o melhor roteiro turístico em 2009 pelo Ministério do Turismo.

A Prefeitura Municipal de Parnaíba (PMP-PHB), em sua página oficial na internet, relata que desde o início dos anos 2000, o Produto Interno Bruto (PIB) da cidade aumentou consideravelmente. O fato se deve às novas oportunidades de negócios e conseqüentemente empregos que surgiram na região a partir da segunda década do século XXI. A cidade vem crescendo de forma progressiva, e recentemente o município foi contemplado com uma usina eólica situada na Praia da Pedra do Sal. Além disso, ganhou grandes supermercados, franquias de lojas nacionais e *shoppings centers*.

A taxa de escolarização de 6 a 14 anos de idade era de 97,5%, conforme dados de 2010 (IBGE, 2019). As matrículas no ensino fundamental contavam 21.376 e as matrículas no ensino médio contavam 6.209 no ano de 2018. Um total de 1.103 docentes foram contabilizados no ensino fundamental e 460 docentes no ensino médio, espalhados por 96 escolas de ensino fundamental e 25 escolas de ensino médio. A relação aluno por professor é, portanto, de respectivamente 19,3 e 13,5 para o ensino fundamental e ensino médio. O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) para 2017 foi de 4,6 para os anos iniciais e 3,7 para os anos finais, inferiores à média nacional para a mesma aferição, que foi de 5,8 e 4,7, respectivamente. A taxa de analfabetismo do município compreende ainda 8,6% da população.

No contexto da educação superior, Parnaíba vem se consolidando como polo regional, tendo como área de influência, para além da microrregião, várias outras cidades do Estado do Piauí e mesmo de outros Estados, em especial do Ceará, do Maranhão, da Paraíba e do Tocantins, cujas populações já consideram a oferta educacional parnaibana entre as suas opções de estudos. Dentre os setores que compõem a estrutura da cidade, o da educação é

composto por importantes instituições de ensino superior, aqui cito a UFDPAr Universidade Federal Delta do Parnaíba (UFDPAr), criada recentemente, a partir do desmembramento do Campus Ministro Reis Velloso da Universidade Federal do Piauí por meio da Lei Nº 13.651 de 11 de abril de 2018, além do *campus* da Universidade Estadual do Piauí (UESPI) e o Instituto Federal do Piauí (IFPI).

Nessas instituições são ofertados à população cursos a nível superior e pós-graduações *stricto sensu*. A cidade ainda conta com algumas instituições privadas que oferecem à população cursos de graduação e pós-graduação *lato sensu*.

A Educação Básica existente na cidade de Parnaíba é composta por instituições mantidas pelo poder público e privado. O setor público é assistido pelas esferas municipal e estadual. Os docentes lotados na esfera pública da rede municipal são selecionados por intermédio de concurso público para cargo efetivo, e teste seletivo para contratação de professores temporários. Infelizmente, o último concurso para professor efetivo da rede aconteceu no ano de 2010.

Ciente dos fatos e fazendo uma leitura sobre eles, percebe-se que a trajetória no âmbito educacional não corresponde ao mesmo percurso dos outros setores da cidade, pois ainda há a falta de estudos, pesquisas e variadas informações voltadas para a excentricidade e as peculiaridades típicas da região que aqui circunda a cidade de Parnaíba.

Tal pensamento ganhou força no momento em que conheci mais profundamente a realidade da população parnaibana. A partir de 2010, quando me graduo em Pedagogia e passo a conviver com um número maior de pessoas em um contexto educacional, o que acaba acontecendo quando me efetivo como professora da rede municipal de ensino.

Na minha trajetória enquanto professora da educação básica da rede pública de ensino de Parnaíba-PI foi-me dada a oportunidade de transitar em diferentes modalidades de ensino. Todas essas experiências possibilitaram-me observar e, principalmente, refletir sobre a prática docente e como se constrói a relação com o processo de ensino e aprendizagem.

Ainda por intermédio dessas inúmeras vivências, aproximo-me pela primeira vez da modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA) enquanto ainda era aluna do curso de Pedagogia na Universidade Federal do Piauí (UFPI).

Nesse primeiro, porém significativo contato, deparei-me com uma realidade nova e distante das discussões que aconteciam na academia.

O tempo passou, outras oportunidades de estágio apareceram em outros campos de trabalho, mas a EJA continuava sendo um ponto de atenção e destaque. Era comum nas discussões em sala de aula, o seguinte pensamento: “será que daria certo com alunos já adultos?” Ou então, pensar se as questões discutidas funcionariam de maneira adequada com alunos adultos?

Veio a formatura, o concurso público, oportunidades de trabalho em outros locais como a escola da rede regular e as turmas de AEE (Atendimento Educacional Especializado) e só me deparei novamente com a referida modalidade como professora efetiva da rede de ensino da cidade que resido – Parnaíba. Ao atuar na EJA, esses questionamentos que já rondavam desde a graduação, tomaram forma e receberam alguns nomes. Com mais maturidade e experiência, percebia entraves existentes e constantes na modalidade: interrogava-me os motivos pelos quais as formações voltadas à EJA eram tão escassas e em alguns momentos até inexistentes.

Em meu íntimo, surgiam inquietações sobre os motivos da flexibilização da carga-horária e, principalmente, a razão do alto número de alunos evadidos. Algo que ajuda a tentar compreender era o fato de que algumas turmas que iniciavam o ano letivo com o número de trinta a quarenta alunos matriculados, encerravam o ano com 15 discentes frequentando as aulas.

À percepção da época, tal situação não fazia sentido, principalmente ao comparar com as turmas de ensino fundamental da modalidade regular tais números eram bem diferentes. Griffante e Bertotti (2013) alertam que mudanças tanto no currículo, na qualificação do docente e de políticas públicas que visem sanar as dificuldades encontradas nas salas de aula da EJA, devem promover uma educação de qualidade a todos, incluindo os jovens e adultos. Seria esse o caminho a se seguir?

A partir dessas observações, reflexões e análise sobre as próprias práticas e das situações cotidianas que vivi e ainda vivo enquanto professora lotada em turmas de Educação de Jovens e Adultos, surgiu o interesse de se aprofundar na temática. Ir além do discurso sem fundamentação, ao pesquisar bibliografias, conhecer a história da modalidade e assim tentar compreender quais fenômenos a cercam e como podem ser melhorados.

Ao dialogar com os pares, as falas se limitavam às seguintes expressões: “Aluno de EJA é assim mesmo” ou então “tudo na EJA deve ser considerado” ou ainda “é um público difícil”. Após escutar os colegas docentes, que devem ser, e são, valorizados nesta produção, somente um pensamento surge no íntimo da autora deste trabalho: “Por que essa caracterização da modalidade? ”.

Quais os saberes necessários e existentes possuem os professores da rede de ensino? Qual o nível formativo desses professores? O que a modalidade possui que caracteriza o aluno de EJA como o “assim mesmo” O que caracteriza o aluno da modalidade EJA como problemático? O que deve ser levado em consideração nesse caso? Por que os discentes são considerados um público difícil? (A mesma pergunta foi feita acima, com outras palavras). Eis alguns questionamentos que surgem no decorrer da pesquisa.

Gadotti e Romão nos advertem que:

Os professores que trabalham na EJA, em sua quase totalidade, não estão preparados com o campo específico de sua atuação. Em geral, são professores leigos ou pertencentes ao próprio corpo docente do regular. Nota-se que, na formação de professores, em nível médio e superior, não se tem observado preocupação com o campo específico da educação de jovens e adultos. (2011, p. 145).

Sendo assim, a inquietação surgida ainda na minha época de graduanda continua a persistir no íntimo. Será que os professores que atuam na EJA em Parnaíba se sentem preparados para o exercício do seu trabalho?

No ano de 2017, assumi a disciplina de Geografia com as turmas da etapa IV, o que na rede municipal parnaibana corresponde ao 6º e 7º ano do ensino fundamental. Naquela época, a única experiência que tinha com a modalidade tinha sido com o estágio supervisionado na faculdade. Já nas primeiras aulas procurei conhecer os alunos, saber suas preferências, aptidões, gestos e valores, no entanto, o silêncio nas turmas era perceptível, as impressões que tinha eram que não havia o hábito do diálogo com o professor. Quando entrava na sala de aula, logo se questionava: “fessora, a gente não vai escrever?”

Então, neste contexto, inicio meu trabalho com a Educação de Jovens e Adultos, um trabalho baseado no diálogo e na escuta. Pude verificar que os alunos não estavam acostumados a falar, não por falta de vontade, mas sim porque não eram propostas situações que lhes exigissem tal comunicação. A

partir dessas observações, fazendo da sala de aula o *locus* de trabalho, um verdadeiro laboratório, comecei a relacionar a minha prática docente na EJA às situações corriqueiras do nosso cotidiano.

Inicialmente, percebi que, dependendo da forma como os componentes curriculares eram propostos, os alunos compreendiam de maneira mais exitosa ou não. Ainda nessa trajetória, detectei como as formações voltadas ao público adulto não eram tão frequentes quanto as demais, afinal a educação é um direito de todos, independentemente de critérios como idade, classe social, sexo e/ou raça.

Desde 2017, até o corrente ano, sempre estive ligada às turmas de Educação de Jovens e Adultos, inclusive remotamente em virtude da pandemia mundial de COVID-19. Nesse movimento percebe-se como os ciclos se repetem, pois, a falta de formação e material próprio para a EJA acarreta em um trabalho docente ineficaz e que provoca um círculo vicioso, não condizentes aos preceitos legais à educação. Como romper tal ciclo? Como impedir que essa situação continue a se perpetuar? Um dos primeiros pontos que se pretende elencar é que esse rompimento não é uma incumbência apenas do professor e de sua prática, mas sim de todos os setores sociais.

O docente é sem dúvidas o profissional com grande protagonismo nessa situação, mas não é o único. Com Gadotti e Romão colocam:

A prática educativa, reconhecendo-se como prática educativa, se recusa a deixar-se aprisionar na estreiteza burocrática de procedimentos encolerizantes. Lidando com o processo de conhecer, a prática educativa é tão interessada em possibilitar o ensino de conteúdos às pessoas quanto em sua conscientização. (GADOTTI E ROMÃO, 2011, p .22).

Sendo assim, quebrar esse conflito se configura como algo de cunho social, emancipador e político. Ao professor cabe em suas aulas, e em outras oportunidades que tiver, propor reflexões, mostrar situações, aproximar teoria e prática a fim de efetivar com clareza o processo de ensino-aprendizagem.

Ao partir desta contextualização, é notável que alguns pontos merecem uma certa relevância, dentre os quais ousou elencar alguns principais:

- 1- Qual/is as práticas os docentes da EJA da rede municipal mais adotam?
- 2 - Quais os impactos da formação e da não formação voltadas para o público da EJA?
- 3 - Quais as principais carências e queixas relacionadas à EJA?
- 4 - Quais os principais desafios encontrados na EJA?

E assim, nessa constante busca pela construção dessas respostas o presente trabalho elege como objetivo geral:

- Analisar a prática docente da EJA no município de Parnaíba - PI.

Associado a esse objetivo, têm-se os objetivos específicos:

- Identificar quais fatores motivam os professores da EJA a trabalhar nesta modalidade;
- Compreender os reais obstáculos enfrentados pelos professores investigados;
- Propor um produto educacional voltado à realidade encontrada a partir desta pesquisa;

Pelo fato do programa de pós-graduação se tratar de um mestrado profissional, além da dissertação, os discentes são convidados a propor um produto educacional diretamente ligado ao seu objeto de pesquisa. Este produto viabilizará reflexões, caminhos e até possíveis soluções para as problemáticas inerentes ao objeto de estudo.

Para fins de organização, a presente dissertação é composta por cinco seções: inicialmente a **introdução**, que trouxe, um panorama com inúmeras e variadas informações sobre a cidade de Parnaíba em seus diferentes aspectos inclusive o educacional. Nesta parte também, foram mostrados aspectos da trajetória percorrida até o encontro com a temática estudada, onde é enfatizado os caminhos percorridos até chegar ao objeto desta pesquisa.

A segunda seção da produção, intitulada – **Metodologia da Pesquisa**: os caminhos percorridos durante a produção, apresenta informações sobre os procedimentos adotados para o presente trabalho, desde a pesquisa

bibliográfica até os instrumentos e técnicas adotadas para a coleta, análise e interpretações dos dados produzidos pelos seus participantes.

Nessa parte é exposta, além da caracterização da pesquisa, o local da investigação e aqueles envolvidos nela, e por fim, o produto educacional que é uma das exigências do programa do mestrado, algo que emerge como uma possível alternativa para equacionar o problema investigado durante a investigação proposta e para além dela. É importante ressaltar que esse produto educacional, descrito detalhadamente na seção metodológica, foi construído a partir das falas coletadas pelos professores investigados, o que oportuniza ainda discutir as principais barreiras que enfrentam desde a formação, passando pelas dificuldades quanto ao ensino e as realidades socioculturais neste processo.

O **referencial teórico** acerca da temática em questão estará sistematizado na terceira seção do trabalho, a qual foi aqui nomeada de: Contextualizando a Educação de Jovens e Adultos. Nesta parte, trago exposto todo um percurso histórico subsidiado teoricamente onde são enfatizados os pontos mais relevantes para a temática estudada.

Além da perspectiva histórica, apresento também aspectos contemporâneos, com o intuito de possibilitar ao leitor uma visão abrangente da EJA na atualidade, propiciando ainda uma análise e reflexão da modalidade em si. Nesta etapa do trabalho, trarei algumas considerações históricas e políticas sobre a Educação de Jovens e Adultos, especificamente na cidade de Parnaíba, desde sua caracterização até peculiaridades, propostas e projetos, e também evidências sobre a prática/trabalho docente, que serão expostos neste tópico.

A quarta seção deste trabalho nomeada como “Dando voz a quem realmente faz a EJA em Parnaíba: análise e discussão dos dados construídos pelos colaboradores do estudo” corresponde à etapa de **análise e discussões dos dados**, produzidos pelos interlocutores da pesquisa. Apoiados em três marcos principais, analisamos criteriosamente e apresentamos os achados da pesquisa e os seus resultados. Essa etapa foi elaborada a partir dos questionários respondidos pelos docentes investigados, e, principalmente, pela construção dos diários narrativos.

Ainda buscamos privilegiar uma apreciação sobre os desafios encontrados diariamente no ensino de jovens e adultos, e tentar visualizar como a educação conseguirá vencer as barreiras postas não só pelos alunos, mas

também por professores, e toda organização escolar que faz parte desse processo de democratização da educação.

Na quinta e última seção desta dissertação, mostro algumas **considerações relevantes**, trago quais os impactos desta produção, reflexões sobre a realização da mesma e como a mesma pode contribuir com a educação parnaibana. Todo o texto é composto pelas falas dos professores participantes, como também pelas contribuições de autores que nos subsidiaram teoricamente como: Formosino (2009), Cruz (2018), Nóvoa (2000), Gadotti e Romão (2011), Cá (2010), Amaral (2020), Beraldi (2017), Peres (2016), entre outros.

Feitos todos os apontamentos sobre a caracterização desta pesquisa, exponho a seguir, a primeira seção - Metodologia da Pesquisa: Os Caminhos Percorridos durante o trabalho.

2 METODOLOGIA DA PESQUISA: OS CAMINHOS PERCORRIDOS DURANTE O TRABALHO

*‘Querem que vos ensine o modo de chegar à ciência verdadeira?
Aquilo que se sabe, saber que se sabe; aquilo que não se sabe,
saber que não se sabe; na verdade é este o saber’.*

Confúcio

O filósofo chinês Confúcio (551 – 479 a.C) é conhecido mundialmente pelos seus pensamentos e posicionamentos éticos e políticos, e também por difundir conhecimentos significativos com os mais jovens. Sua fala era subsidiada pela reflexão e pregava que através dos estudos era possível sair de uma situação de miséria e garantir uma melhor condição de vida, tendo a educação como principal caminho.

Nesta etapa apresentamos o corpo metodológico da pesquisa. Tal fase é de extrema importância para o trabalho, pois ao iniciar muitas são as interrogações que surgem no cenário: Como imagino essa pesquisa? Qual o tipo de trabalho pretendo desenvolver? Há um melhor caminho a seguir? Se existe, que caminho é esse? Como alcançar os objetivos de forma mais assertiva e próxima à realidade? Independentemente do percurso pelo qual se decide percorrer, a maneira pela qual esse trajeto será transcorrido é de grande relevância para a investigação bem como para seus impactos.

Inicialmente, devido a minhas experiências profissionais e do meu caminho ainda enquanto graduanda de pedagogia na Universidade Federal do Piauí (UFPI), sempre tive uma maior ligação com a Educação de Jovens e Adultos. Desde o ano de 2017 trabalho com a modalidade, mas desde a época dos estágios, entre os anos de 2007 e 2008, ainda na graduação, percebia a EJA à margem das pesquisas acadêmicas, das formações docentes e, principalmente, negligenciada pelo poder público, fato este que pode ser ilustrado pelas poucas produções acadêmicas que abordem sobre a temática em questão.

Assim, participar da Educação de Jovens e Adultos me proporcionou conhecer, atuar e debater sobre a docência. Além disso, me possibilitou enxergar a realidade de uma forma clara e bem objetiva, e com isso fazer uma leitura de todos os aspectos que concernem o cenário desta pesquisa. Neste sentido, a

principal alavanca para a realização do presente trabalho surgiu das minhas experiências profissionais e pessoais enquanto professora e estagiária na rede municipal de ensino de Parnaíba.

A ideia inicial deste trabalho em si é resultante de inúmeras situações vivenciadas por mim, que fizeram-me refletir sobre uma problemática maior. Meu intuito é compreender quais os motivos dos índices de evasão da EJA no município, e, a partir disso, analisar como a prática docente contribui ou não para essa evasão. Além de verificar quais as recomendações propostas pela secretaria municipal ou poder público direcionado para essa modalidade, bem como conhecer quem são os professores e alunos inseridos na EJA.

Ao analisar tais questões, pude compreender que a problemática não era algo exclusivo, procurei conversar com alguns colegas de trabalho, e a partir desse diálogo me encontrei em seus testemunhos, me mostrando que eu não lidava com um problema pessoal.

Aqui apresento os fundamentos metodológicos que amparam esse trabalho, desde a sua idealização até o presente momento. Com as primeiras leituras sobre a temática em questão, pude perceber que a metodologia selecionada deveria ser para o pesquisador um mecanismo de investigação que o auxilie no alcance dos objetivos, como também um definidor dos meios para perceber a realidade daquele fenômeno em determinado momento analisado.

Alves argumenta que:

A metodologia é considerada um instrumento do pesquisador, uma vez que é através da especificação dos caminhos a serem adotados que se torna possível delimitar a criatividade e definir o como, onde, com quem, com quê, quanto e de que maneira se pretende captar a realidade e seus fenômenos. (2003, p.61).

Nota-se que os caminhos a percorrer durante a pesquisa são um valioso e imprescindível recurso que objetiva auxiliar o pesquisador por meio de técnicas nas mais diversas situações referentes ao seu estudo. Assim, um esquema metodológico funciona como um mecanismo orientador que conduzirá o pesquisador pelos caminhos, muitas vezes desconhecidos, em que se almeja uma nova perspectiva, isto é, o desenvolvimento de uma *práxis* educativa.

Para Cunha (2010, p.26) “a pesquisa científica implica a busca de possíveis respostas e/ou soluções para problemas surgidos no dia a dia, recorrendo ao método científico que deve ser objetivo, sistematizado e rigoroso”. Logo, quando os objetivos e a metodologia dialogam entre si, e se encaixam em suas peculiaridades, o resultado acaba implicando diretamente em algo não trivial, mas em um trabalho mais preciso, coeso, dinâmico, rico e, cientificamente mais coerente.

2.1 Apresentação da Pesquisa: Dimensão qualitativa e caracterização narrativa

Por se tratar de uma temática de grande relevância, vi na abordagem qualitativa uma maior segurança no trilhar no desenvolvimento deste trabalho. Assim, de acordo com a caracterização deste tipo de pesquisa em específico e a importância dos relatos de seus interlocutores, bem como as interpretações dos fatos aqui tratados, percebi que é necessário buscar uma abordagem que “prevalece a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados aos dados obtidos onde a análise tende a ocorrer de modo intuitivo” (PEREIRA, 2010), ou seja, o estabelecimento de proposições gerais com base no conhecimento de dados singulares.

Ao sugerir uma abordagem qualitativa, esta pesquisa propõe reflexões não apenas exclusivas a mim, mas também aos sujeitos participantes, pois se tenta analisar o contexto desses mesmos indivíduos, verificando os crivos que possuem para possíveis apreciações. Alguns estudiosos asseguram que:

A abordagem qualitativa requer que os investigadores desenvolvam empatia para com as pessoas que fazem parte do estudo e que façam esforços concentrados para compreender vários pontos de vista. O objetivo não é um juízo de valor; mas, antes, o de compreender o mundo dos sujeitos e determinar como e com que critério eles o julgam (BOGDAM e BIKLEN, 2015, p.287).

Sendo assim, esse tipo de abordagem em questão proporciona uma maior aproximação entre os agentes interlocutores da pesquisa, o que nos remete a uma relação mais próxima com o fenômeno estudado. O que é corroborado por

aquilo que pretendo desenvolver, isto é, uma pesquisa em conjunto com um grupo de professores, onde será privilegiada a participação ativa e efetiva dos investigados.

Por ter optado pela pesquisa qualitativa como abordagem a ser usada, selecionei os meios que de acordo com os objetivos seriam os mais propícios e adequados com a caracterização da mesma.

Para se realizar uma pesquisa é promover o confronto entre os dados, as evidências, as informações coletadas sobre determinado assunto e o conhecimento teórico construído a respeito dele. Em geral isso se faz a partir de estudos de um problema e limita sua atividade de pesquisa a determinada porção do saber, a qual ele se compromete a construir naquele tempo (LUDKE; ANDRÉ, 2014. p.27).

Logo, os instrumentos a partir daqui selecionados visam construir um saber teórico e analisar as reflexões acerca dele, portanto, levamos em consideração os pontos guias da pesquisa, os sujeitos envolvidos no processo como também o objetivo geral e os específicos.

Neste ensejo, elegemos a pesquisa de cunho narrativo como meio de investigação, pois foi realizada a análise dos fatos e das ideias presentes na exteriorização que os sujeitos participantes fizeram através da linguagem, neste caso, especificamente tanto da linguagem oral quanto a escrita. No campo da Educação, as pesquisas de cunho narrativo vêm se caracterizando como meios de compreender o docente, não apenas como profissional, mas também como ser social. Cunha (2010) afirma que essas pesquisas:

Vem adotando as narrativas como metodologia investigativa sobre o ser professor entre outros pelo seu caráter social e sua natureza explícita, ao trazer o sujeito para o centro das investigações tornando públicas as vozes dos interlocutores do estudo (2010, p. 27).

Assim, a pesquisa narrativa permite que os sujeitos investigados externem a sua subjetividade, as experiências que vivenciaram, bem como sua maneira de significar o mundo ao seu redor. Tornando-se assim o centro dos processos investigativos e capaz de direcionar os rumos da pesquisa.

Contar e ouvir histórias é algo nato do ser humano e quem conta tem a possibilidade de externar não apenas uma descrição, mas também oferece detalhes que são peculiares a uma ou mais experiências. Quem escuta também adentra em um mundo imaginativo, onde várias reflexões podem e devem surgir. Connelly e Clandinin (2004) salientam uma especificidade importante acerca das narrativas: “a temporalidade”. Os autores evidenciam que neste aspecto não há uma sequência de fatos com ordem cronológica, os fatos são narrados a partir da importância daquilo para os sujeitos. Cabendo ao pesquisador em uma etapa posterior, a análise dos dados, selecionar aquilo que de fato é pertinente ou não ao seu objeto de estudo.

2.2 Representação do Contexto empírico: Local da Investigação e participantes

A tipologia selecionada para a realização desta pesquisa, a abordagem qualitativa, é caracterizada por ser mais flexível, além de possuir como objeto de investigação a compreensão, a descrição e a geração das hipóteses. Assim, “os dados são fenômenos sociais importantes produzidos pelos participantes da pesquisa e coletados pelo pesquisador no decorrer da investigação”. (CUNHA, 2010. p. 33-34).

Nesse sentido, especificamente para este estudo, os dados foram produzidos por cinco professores de cinco escolas públicas da rede municipal. As escolas estão situadas em bairros distintos da cidade de Parnaíba – PI, onde cada escola tem um professor representante. Os sujeitos investigados atuam em turmas de Educação de Jovens e Adultos e compõe o quadro docente das turmas de primeira a quinta etapa. O único critério para a participação dos sujeitos no presente estudo é que estejam ligados de alguma forma (concurso, teste seletivo ou portaria) à Secretaria Municipal de Educação.

Quanto ao número de participantes, acreditamos que uma quantidade maior de sujeitos poderia comprometer a profundidade da análise e do aproveitamento dos dados, considerando a quantidade de registros que poderão ser produzidos no período destinado à escrita dos diários narrativos. Vale

ressaltar que a escolha por dialogar diretamente com os professores neste perfil é tentar uma maior aproximação com o que se é vivenciado em sala de aula por aquilo que será materializado nos diários.

2.2.1 Conhecendo os participantes do estudo.

Para a realização desta pesquisa, contamos com a colaboração de cinco professores que atualmente trabalham diretamente em turmas de Educação de Jovens e adultos. Esse grupo aderiu voluntariamente à presente pesquisa e autorizou a divulgação dos dados produzidos por eles. Ressalto que previamente à aceitação dos partícipes foi explanado todo o percurso metodológico da investigação, bem como seus objetivos e produto educacional.

Após o aceite dos professores, explicamos um pouco sobre as metodologias adotadas e combinamos a não divulgação dos nomes, no intuito de preservá-los enquanto sujeitos. Todos os professores concordaram prontamente com o convite e ficou acertado que eles receberão em primeira mão o produto educacional resultante da pesquisa.

Para composição deste grupo foram estabelecidos alguns requisitos, para atender as especificidades do estudo:

- Ser professor da Educação de Jovens e Adultos;
- Exercer a função em escola mantida pela esfera municipal;
- Participar do estudo na condição de voluntário.

É necessário expor que elegemos dialogar com docentes atuantes na esfera municipal devido ao foco principal do estudo. Cada um dos participantes é oriundo de uma escola da rede, sendo cada uma das instituições situada em bairros e localidades distintas que ampliaram as informações sobre a realidade parnaibana de ensino na EJA.

O grupo constituído pelos interlocutores da pesquisa é bastante heterogêneo, desde que suas idades são bem variadas e nenhum deles trabalha exclusivamente com a modalidade EJA. Por fim, ressaltamos que todos esses colaboradores possuem vínculos empregatícios com outros órgãos públicos ou

empresas. Os docentes já possuem experiência na modalidade e relatam estarem satisfeitos ao se inserirem na EJA enquanto trabalhadores e reconhecem que há algumas lacunas no processo educativo e concordam que o ensino deveria ser mais significativo para a vida do aluno.

A partir das informações coletadas individualmente por intermédio dos questionários, construímos a tabela abaixo, que nos possibilita uma visualização do perfil dos participantes da pesquisa:

Figura 01: Perfil dos Colaboradores da Pesquisa

PERFIL DOS COLABORADORES DA PESQUISA					
NOME	FAIXA ETÁRIA	FORMAÇÃO	TEMPO DE DOCENCIA NA EJA	CONDIÇÃO DE TRABALHO	OUTRA FUNÇÃO
Professor Azul	36/41 anos	Graduado em Pedagogia com Especialização	9 anos	Efetivo	Efetivo em outro município
Professor Vermelho	36/41 anos	Graduado em Letras/Português com Especialização	6 anos	Efetivo	Efetivo em outro município
Professor Amarelo	31/35 anos	Graduado em Pedagogia com Especialização	5 anos	Substituto	Efetivo em outro Município
Professor Verde	31/35 anos	Graduado em Letras e Pedagogia com Especialização	9 anos	Efetivo	Efetivo em outro município
Professor Preto	Acima de 48 anos	Graduada em Pedagogia e Arte com Especialização	17 anos	Efetiva	Efetivo em outro município

Fonte: Dados do questionário

2.2.2 Trilhando o percurso da pesquisa

O pontapé inicial para a constituição do grupo que participou da pesquisa foi uma visita à Secretaria Municipal de Educação da cidade de Parnaíba em março do corrente ano. A visita aconteceu logo após o exame de qualificação

desta pesquisa que ocorreu no mês de fevereiro. Na Secretaria Municipal de Educação, procuramos o responsável pelo ensino fundamental, que após ouvir nossas explicações e considerações sobre a pesquisa e o perfil do docente que procurávamos, nos deixou livres para fazer a seleção dos participantes.

Todas essas informações também foram apresentadas aos responsáveis pelo setor da Educação de Jovens e Adultos e na mesma ocasião, apresentamos também a documentação referente à pesquisa, incluindo o Termo de Conscientização Livre e Esclarecido. As responsáveis pela Educação de Jovens e Adultos, por sua vez, nos repassaram uma lista com todas as escolas municipais que estão ofertando a modalidade em questão no ano letivo de 2021. Após o parecer positivo das autoridades para a concretização da pesquisa, e munidos com lista de escolas, fizemos os convites aos professores. Chegamos a convidar um total de sete docentes, os quais deste total somente cinco deram o aceite definitivo.

Após os aceites, tivemos uma reunião através de plataforma digital *Google Meet*, onde tive a oportunidade de explicar-lhes todos os passos desta investigação, como também destacar a importância de seu papel na referida construção científica. Acordamos neste encontro que eles receberiam os diários para a realização da pesquisa, como também responderiam a um questionário breve com perguntas pessoais e sobre seus processos formativos, através da plataforma digital *Google forms*. Os objetivos e a caracterização de cada um desses instrumentos de pesquisa serão explicados nos próximos tópicos.

Após os esclarecimentos do percurso metodológico adotado no decorrer da pesquisa, apresentamos a seguir os instrumentos utilizados no decorrer do nosso estudo.

2.3 Instrumentos viabilizadores da pesquisa

2.3.1 Sobre a utilização de questionários

Na tentativa de contextualizar o cenário no qual os professores investigados se encontram, optamos por aplicar um questionário composto por

indagações abertas e fechadas. Sobre os questionários em pesquisa na educação:

Para construir um questionário, as perguntas devem ser elaboradas de maneira clara, concreta e precisa, além de considerar o nível de informação do pesquisado. Ademais, os questionários devem possibilitar apenas uma interpretação para cada questão e devem referir-se a uma única ideia de cada vez (GIL, 2007, p.42).

Corroborando o autor acima citado, percebemos o quão é importante, tanto para o pesquisador quanto para os sujeitos participantes do estudo, que os questionários se apresentem de uma forma sucinta e prática, não possibilitando várias interpretações, o que poderia futuramente trazer problemas para a investigação.

Nesse estudo em específico, os questionários objetivam contextualizar o cenário onde os sujeitos estão alocados com o intuito de conhecer a trajetória profissional de cada indivíduo, desde sua formação até o momento em que se tornaram professores, além de perceber qual o nível acadêmico de cada um e se a docência é a sua única atividade profissional. Com as respostas para essas indagações, obteremos maiores informações sobre os participantes do estudo. Com as informações descritas acima coletadas, foi traçado o perfil dos docentes investigados na pesquisa. Os dados obtidos por intermédio dos questionários foram somados às informações oriundas do próximo instrumento utilizado nesta pesquisa: os diários narrativos.

2.3.2 Sobre a utilização de diários narrativos.

O uso de diários narrativos como instrumentos de pesquisa, principalmente na área da educação, é algo que vem crescendo de forma rápida, sobretudo nos últimos trinta anos. Contar fatos acontecidos e compartilhar experiências é algo que acompanha o ser humano em toda a sua história.

Ao narrar algo, o ser humano relaciona ações entre o seu viver e aquilo que já viveu, Cunha (2010) assim caracterizou: “de forma que todas as vozes possam ser ouvidas”, tal aspecto é ímpar para o instrumento de pesquisa ser o selecionado. Dessa forma, ao perceber que utilizar os diários possibilitariam um

grande número de informações sobre o objeto de pesquisa e seus pares como também preservaria tal dados, conectando os docentes às suas perspectivas formativas e pessoais, dificuldades, realizações e anseios, logo aderimos à sua utilização.

De acordo com Souza (2012):

Ainda assim, porque a perspectiva colaborativa da pesquisa com narrativas de formação implica aprendizagens e teorizações sobre as práticas tanto do pesquisador quanto dos pesquisados, porque partem das experiências de si, questionam os sentidos de suas vivências e aprendizagens, suas trajetórias pessoais e suas itinerâncias na/da vida (SOUZA, 2012).

Dessa maneira, com o propósito de externar a prática dos docentes que atuam nas turmas de Educação de Jovens e Adultos no município de Parnaíba, convidamos os professores que participaram do estudo a produzirem seus diários narrativos. O diário narrativo se caracteriza por ser “uma fonte de dados que dificilmente de outra forma se conseguiria pela capacidade de elucidar descritiva e reflexivamente as práticas e os saberes dos professores sob seus pontos de vista” (BARRIOS, 2007, p.36). Consentindo com o autor, nós o entendemos como uma fonte singular de dados em respeito à temática em questão.

Assim, os diários se caracterizam como um documento de cunho pessoal, comum ao tipo de pesquisa que é proposta aqui, a narrativa. Esse instrumento é adotado como principal mecanismo de produção de dados, onde os próprios participantes têm a oportunidade de registrar no período de três meses, de maneira bem livre e objetiva, se assim preferirem, os aspectos que mais caracterizam suas práticas na sala de aula, seu relacionamento com os alunos e os demais participantes da comunidade escolar.

Nos diários, os professores investigados relataram suas expectativas, anseios, frustrações, dilemas e demais experiências que julgaram relevantes. É interessante também que registrassem as suas reflexões e sentimentos acerca da sua própria prática pedagógica, como também suas considerações sobre sua identidade enquanto ser humano, professor, profissional e cidadão.

Ainda sobre o uso dos diários narrativos:

Proporcionam aos docentes a oportunidade de registrar suas experiências formativas de forma objetiva e subjetiva, uma vez que tanto a descrição dos fatos ocorridos quanto dos pensamentos e sentimentos do professor devem estar presentes em sua narrativa (CUNHA, 2010, p.46).

A ideia expressa pela autora é bem esclarecedora e convidativa a uma compreensão de que o diário permite ao pesquisador ter acesso privilegiado às ações praticadas pelo professor ao longo do período em que realizou os registros e, principalmente, ao processo de mudanças de pensamento e postura que foi delineando e seguido neste mesmo período.

Selecionei a utilização dos diários narrativos, pois além dos motivos já listados anteriormente, ele valoriza a linguagem dos investigados. Com os diários, o professor tem autonomia para se expressar utilizando palavras e expressões de sua preferência, não recorrendo à escrita acadêmica ou palavras de difícil entendimento. Outro fator que orientou essa escolha foi a otimização do tempo, docentes são profissionais que dedicam grande parte do seu tempo para as atividades relacionadas ao trabalho, as quais estão incluídas: planejamento, elaboração e correção de atividades, pesquisas, entre outras. Com as incumbências relacionadas ao trabalho, podem em sala de aula não ter a oportunidade de fazer seus registros, assim, suas anotações poderão ser feitas em outras oportunidades.

Outro aspecto que favorece a produção dos diários é que os professores não precisam escrever todos os dias, eles têm a liberdade de intercalar alguns dias da semana, como também as aulas e os fatos que desejam relatar em seus escritos. Não há uma periodicidade correta ou incorreta, pois existe uma liberdade ao investigado que deve ser respeitada pela pesquisadora.

Segundo Zabalza (2004, p.13), a produção do diário não precisa ser uma atividade rotineira pois “cumpre perfeitamente sua função (sua realização se torna menos trabalhosa em tempo e esforço) mesmo que sua periodicidade seja menor”. Portanto, é recomendado que os indivíduos investigados redijam seus respectivos diários apenas duas ou três vezes na semana, variando os dias para que seus conteúdos se tornem mais diversos.

Para a elaboração dos diários narrativos, os professores investigados receberam um convite formal (Apêndice D) para a escrita deles, juntamente de algumas orientações (Apêndice E), com o intuito de orientar suas escritas, como também um caderno para as produções.

Aqui ressaltamos que esse material e a metodologia do trabalho são de conhecimento tanto dos professores investigados como também da Secretaria Municipal de Educação. Inserido na primeira página do diário, está descrito um esquema de organização contendo informações sobre o que deve ser registrado e as impressões que cercam o registro.

2.3.3 Sobre a utilização das rodas de conversa

Como terceira e última técnica de pesquisa estão as rodas de conversa, ou grupo de discussões que consistiriam em reuniões entre pesquisador e participantes. Nestes encontros seriam tratados maiores esclarecimentos pertinentes à investigação, como também a relação entre as ideias que os participantes constroem de acordo com o tema estudado e ao seu próprio processo de estudo.

De Melo e De Carvalho Cruz (2014, p. 32), concordam entre si ao apontarem que as rodas de conversa são um “espaço para que os sujeitos da escola estabeleçam um espaço de diálogo e interação, ampliando suas percepções sobre si e sobre os outros no cotidiano escolar”. Nessa configuração, as rodas de conversa são necessárias para que os docentes investigados consigam captar a essência do que é vivenciado em sala de aula e verificar as percepções que possuem de seu trabalho. Como a técnica de pesquisa favorece o intercâmbio de ideias e pensamentos entre os sujeitos investigados, eles têm a oportunidade de ouvir os demais sujeitos e assim refletirem sobre sua própria prática de ensino, além dos sucessos e fracassos que ela acarreta.

Cunha (2010, p. 51) argumenta que as rodas de conversa “podem não ter um caráter científico, uma vez que conversa é uma troca de ideias oral entre pessoas sobre assuntos de interesse mútuo, conhecido popularmente como bate-papo”. No entanto, é de conhecimento de todos que através de um “bate-

papo”, utilizando-se de uma linguagem coloquial, mais acessível e próxima, nos sentimos mais à vontade para dizer aquilo que sentimos, percebemos e vivenciamos em determinadas situações.

Enfatizamos também que o rigor científico é atribuído aos dados coletados através de análises e estudos minuciosos que são realizados na fase seguinte da pesquisa. Tal estratégia, adjunta à perspectiva da pesquisa qualitativa, na ótica de Gatti (2007, p.37) permite uma visão “holística dos fenômenos, considerando todos os aspectos que os compõe”. Sendo assim, usá-la como instrumento metodológico nos pareceu ser o meio mais propício diante dos objetivos propostos.

Na presente pesquisa, pretendíamos realizar três encontros, sendo um em cada etapa do estudo: antes, durante e depois da produção dos diários narrativos. Nesses encontros, por meio das rodas de conversa, iríamos refletir coletivamente sobre o desenvolvimento da pesquisa. As rodas seriam, portanto, ocasiões propícias em que os professores teriam a oportunidade de abster-se da escrita para fazer uso da fala, discutir as reflexões vivenciadas por eles durante o processo de registro dos diários.

Laurindo (2003, p.76) percebe esta técnica de pesquisa como um “espaço de definição coletiva das formas do trabalho e da sua sequência, um espaço para estabelecer compromissos e de convívio coletivo organizado de forma democrática”. Nesse contexto, a roda de conversas contribuiria bastante para o estudo, pois traz a possibilidade de aprofundar os dados produzidos e de favorecer a socialização e a integralização entre sujeito pesquisador e sujeito pesquisado.

Porém, durante a etapa de qualificação, a banca sugeriu que tal etapa fosse retirada da pesquisa, elencando alguns motivos, mas o principal deles e que prontamente foi aderido por mim, foi a pandemia ocasionada pela COVID-19. Pelo número elevado de casos, tanto nos estados do Piauí e Ceará, como também a inconstância das vacinas, a banca sugeriu que esse instrumento fosse utilizado em pesquisas futuras e que para a própria segurança dos pesquisadores e participantes, ficássemos com a produção dos diários, que sozinhos já são um excelente instrumento. Portanto como instrumentos efetivos

da presente pesquisa utilizamos os questionários e a produção dos diários narrativos.

2.4 Coleta e Análise de Dados

Na análise qualitativa proposta nesta pesquisa, as informações não são simplesmente descritas, mas interpretadas, considerando-se o contexto pelo qual foram produzidas e lhes são atribuídos significados, ou seja, sentidos. Ludke e André (2014, p.56) nos falam que: “nesse momento o pesquisador já deve ter uma ideia mais ou menos clara das possíveis direções teóricas do estudo e parte então para ‘trabalhar’ o material acumulado, buscando destacar os principais achados da pesquisa”. Ao concordar com essa ideia, o pesquisador envolvido pelo processo investigativo do seu estudo já consegue delinear um possível panorama dos percursos que sua produção irá transitar.

É importante e necessário também elaborar categorias dentro dos depoimentos dos sujeitos investigados e associar suas falas com o perfil traçado de cada um, segundo o questionário. Nesse sentido, frisamos que o pesquisador se pronuncia sobre os elementos coletados para que as criações desses tópicos sejam coerentes com o que foi proposto, afinal “é preciso ler e reler o material até chegar a uma espécie de ‘impregnação’ do seu conteúdo” (MICHELAT, 1980).

Nesta pesquisa em si, após a aplicação dos questionários e da produção dos diários, sabendo que há inúmeras maneiras de analisar os dados adquiridos com a pesquisa, Cunha nos lembra que:

Diante desse impasse, as especificidades da análise dos conteúdos se mostram mais adequadas para explorarmos a pluralidade e a riqueza dos significados dos dados atribuídos pelos professores registrados em seus diários narrativos” (2010, p.55).

Assim, os dados obtidos são analisados criteriosamente, divididos em categorias, para que assim possamos captar as principais nuances descritas pelos sujeitos. Perceber e compreender quais os fenômenos existentes no processo estudado corroboram uma prática educativa mais coerente com as

diretrizes da EJA, além de mais inclusiva. Assim, os dados são interpretados cautelosamente e detalhados no último capítulo do trabalho final.

Conscientes de todo o processo investigativo, buscamos na literatura técnicas voltadas para a análise de dados oriundos da pesquisa qualitativa. Ao entender que nas palavras de Ludke e Menga (2014, p.42) “analisar os dados qualitativos significa “trabalhar” todo o material obtidos durante a pesquisa”, diante das inúmeras técnicas disponíveis, percebemos na análise de conteúdo uma perspectiva mais próxima aos nossos objetos de estudo, uma vez que valoriza a excentricidade das falas dos sujeitos e pelo significado atribuído a cada uma dessas manifestações.

Ressalto que nessa produção, buscamos analisar nas falas os conteúdos trazidos pelos colaboradores do estudo, o que nos possibilita um entendimento sobre o agir e o pensar dos mesmos. Bardin (2006) apresenta a análise de conteúdo como um “conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos”. Assim, segundo a autora adotamos a seguinte ordem para a nossa análise:

- Pré-análise;
- Exploração do Material;
- Tratamento dos resultados obtidos e interpretação;

Na primeira etapa, ocorrida em maio de 2021, houve o contato inicial com os dados elaborados pelos participantes da pesquisa. Na segunda etapa, foram realizadas as leituras mais atenciosas ao conteúdo, com revisão constante do objetivo principal do estudo, pois o acervo de informações geradas é imenso e apontava outros caminhos para a pesquisa, no entanto, foi exigido meu discernimento enquanto pesquisadora e priorizar o que de fato deveria atender à demanda inicial. Por fim, chegamos à terceira etapa, onde visualizamos os resultados e os organizamos em marcos de análises, que serão apresentados devidamente na quarta seção da presente dissertação. Sempre procuramos relacionar os dados adquiridos e sistematizados com as teorias estudadas como sugere a proposta de Bardin.

Devido ao caráter do programa de mestrado ao qual pertence o desenvolvimento desta pesquisa, os dados aqui encontrados contribuirão diretamente para a criação de um produto educacional conforme explicita o tópico seguinte.

2.5 O Produto Educacional

Os mestrados profissionais surgiram no intuito de proporcionar a profissionais já atuantes no mercado de trabalho a oportunidade de enriquecer suas práticas profissionais subsidiados pelos saberes teóricos. Nesse intuito, além da pesquisa organizada e apresentada em forma de dissertação, os alunos são convidados a produzirem algum produto que confronte alguma necessidade detectada ou percebida durante o processo investigativo.

Os produtos educacionais desenvolvidos nos Mestrados profissionais, deveriam, segundo recomendações, ser elaborados a partir do diálogo com estudos divulgados pelos especialistas e estudiosos, tendo como referencial teórico as potencialidades que a literatura da área indica como argumentos favoráveis à sua inserção no ensino (MOREIRA; NARDI, 2009).

Nesse sentido, os produtos devem ser organizados e produzidos de acordo com os resultados que poderão ser encontrados. A partir dessa caracterização, ressalto que o trabalho do professor mestrando não é apenas criar o produto, mas sim propor reflexões sobre a sua utilização, bem como contextualizar o elemento de cunho social e político. Leodoro (2010) nos apresenta o que ele intitulou de “Produto educacional participativo”, explicitando que:

No mestrado profissional em ensino, a elaboração, pelos professores, do que denominamos “produto educacional participativo”, uma vez que para produzi-lo, eles se dispõem, efetivamente, a se apropriarem de suas experiências de ensino e confrontá-las com referências teóricas em educação (LEODORO, 2010).

De acordo com o autor, esse produto participativo estaria atrelado ao tipo de ensino que o professor deseja propor em suas práticas. Resumidamente, seria uma forma de problematizar alguma situação, perceber a existência de uma

postura questionadora da parte docente, ou também se o professor não se posiciona enquanto trabalha.

Destaco como essencial no planejamento e criação deste produto educacional o público-alvo desses cursos, diferentemente dos mestrados acadêmicos. O aluno do mestrado profissional em ensino nesse caso específico, já são professores com grande experiência e articulação entre aspectos teóricos e práticos. Ainda de acordo com Leodoro:

Do mesmo modo, não se trata de perguntar se a prática, à luz da teoria, é boa ou ruim. Julgamentos sobre o valor da prática necessitam ser feitos segundo critérios contextuais que, em geral, extrapolam o âmbito da teoria. Não se circunscrevendo apenas às experiências profissionais dos professores, é necessário ir para além delas. Não se trata de apenas confirmar a experiência, senão reconstruí-la segundo os novos significados oriundos da reflexão balizada pela teoria. (LEODORO, 2010).

Ressalto ainda que os cursos de mestrado profissional, bem como o seu produto educacional, não existem para sobrepor a teoria à prática, ou vice-versa, mas sim, perceber prática e teoria como aliadas no decorrer de todo o processo educativo que é único, e ambas têm a mesma importância.

Na presente pesquisa, ainda nas fases de amadurecimento de ideias e levantamento inicial de alguns dados, já foi perceptível o quanto a Educação de Jovens e Adultos carece de material de pesquisa e didático. Tal carência não está presente em apenas um único aspecto, pois até mesmo no sentido de leis que amparam a sua existência, a EJA é necessitada de políticas públicas voltadas exclusivamente para as suas demandas. É nítida também uma exacerbada carência na Educação de Jovens e Adultos no que tange à Secretaria Municipal de Educação, desde a escassez até a inexistência de materiais voltados para os discentes matriculados na modalidade.

Segundo (ARROYO, 2006; FREIRE, 2005; IMBERNÓN 2010; NUNES, 2000; VEIGA, 2002), a formação continuada possui valor, pois é ela que assegura o bom desempenho dos professores em sala de aula. É sabido que são raras as formações voltadas sobre o segmento para os seus professores, pois os poucos momentos formativos existentes são destinados para o ensino

regular, e é neste meio que a modalidade é alocada para receber alguma formação.

A partir dos dados construídos pelos professores, e em diálogos com autoridades da SEDUC – Parnaíba, nos foi relatado que nos últimos cinco anos não houve nenhum material didático, principalmente livros, voltados para a modalidade. Cabia às escolas e aos professores compilarem materiais para fazerem uso nas aulas. Por todas essas necessidades e carências listados e por ser professora da rede municipal em sete turmas da EJA, noto a urgência e a necessidade do produto educacional abaixo descrito.

2.5.1 – E-BOOK: “DESAFIOS DO SER E TORNAR-SE PROFESSOR DA EJA: contributos para uma aprendizagem significativa e emancipatória”

De acordo com os dados coletados no decorrer da pesquisa, desde os primeiros levantamentos, passando pela fase dos questionários e diários narrativos até a análise destes materiais, nossa proposta de produto educacional foi elaborar um e-book inicialmente intitulado: “**EJA E APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA: o porquê e o para que ensinar**”. Contudo, após a etapa de qualificação foi sugerido uma nomenclatura diferente para o produto, que prontamente foi aceito pelos pesquisadores. Assim surgiu o seguinte título e subtítulo: **DESAFIOS DO SER E TORNAR-SE PROFESSOR DA EJA: contributos para uma aprendizagem significativa e emancipatória**.

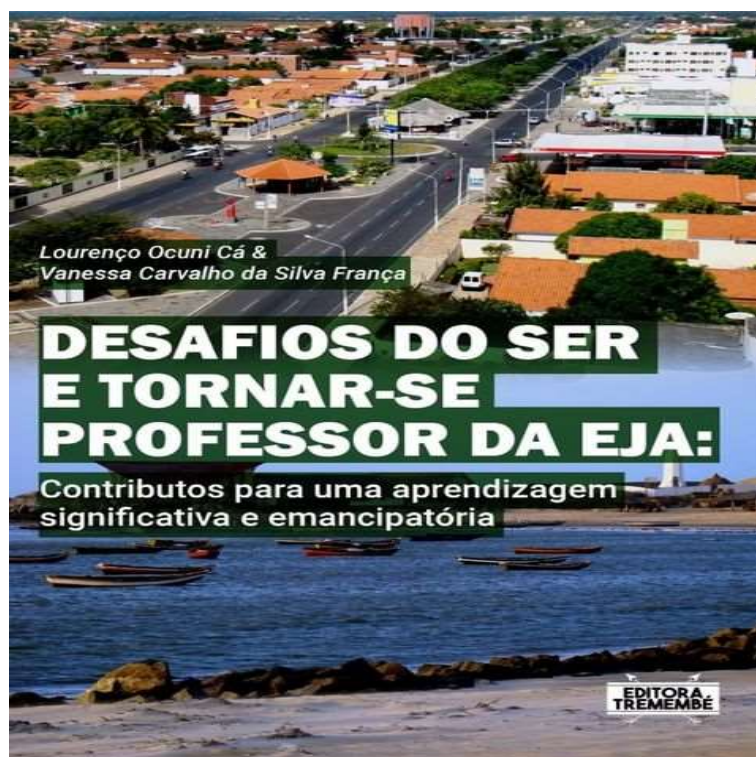
A seguir trago a capa ilustrativa do e-book, onde são evidenciados alguns pontos relacionados a cidade que é o local dessa investigação. Esteticamente, o livro trará em todo seu *layout* cores e imagens que representam e fazem uma alusão a cidade de Parnaíba. As cores: azul e branca presentes na bandeira da cidade é uma forma de aproximar o produto ao seu lugar de origem, as mesmas foram utilizadas de forma proposital para fazer uma alusão à bandeira da Parnaíba. Na capa, ainda há duas imagens da cidade: na parte superior é demonstrada uma fotografia da Praia da Pedra do Sal, a única praia de fato parnaibana, esta imagem além das presenças rochosas típicas do cenário,

também mostra as canoas que são um dos instrumentos de trabalho de pescadores da região.

Já na parte inferior da ilustração, temos uma fotografia da Avenida São Sebastião, o coração da cidade. Por essa via pública, se passa o cotidiano municipal, além de ser local de encontro e trânsito intenso, principalmente no final de tarde, é também por onde os trabalhadores percorrem em busca do seu sustento. Sendo assim, por ser um ponto de referência na cidade, e por ter toda essa representação significativa, optamos por trazê-la na capa da produção.

Quanto ao título e o subtítulo, estes foram pensados com o intuito de levar o leitor a uma reflexão sobre os processos vividos até encontrar-se como professor, como também sugere a aprendizagem significativa como uma alternativa relevante a ser considerada da EJA.

Figura 02: Capa do e-book DESAFIOS DO SER E TORNAR-SE PROFESSOR DA EJA: contributos para uma aprendizagem significativa e emancipatória



Fonte: Autoria Própria

Para a obra, além de conter os fundamentos de uma educação reflexiva e emancipatória pautada nos pensamentos de Paulo Freire, pensamos em algo bem próximo à realidade parnaibana, onde os professores que terão acesso, reconheçam suas ações e seu campo de trabalho descritos.

Temos como objetivo trazer em suas linhas falas dos professores, transcritas dos diários narrativos, em que estes compartilham os pontos positivos e negativos da atuação na Educação de Jovens e Adultos.

Para que isso ocorra, o *e-book* será dividido em duas partes: na primeira, traremos uma discussão acerca da EJA na cidade de Parnaíba, sua história, projetos e experiências exitosas, já na segunda, temos sugestões de sequências didáticas para serem trabalhadas com as turmas de Educação de Jovens e Adultos

A primeira parte mostrará um quadro com informações bem objetivas sobre a modalidade no município, e além disso, abordaremos, à luz da teoria, se há técnicas próprias para se trabalhar na EJA. Por fim, traremos a caracterização do profissional que ali está lotado, seus objetivos com a turma e como lidar com as mais diversas situações, enfatizando sempre as falas dos professores participantes. Ressaltamos que essa parte prioriza um encontro entre teoria e prática aliado a uma proposta de uma aprendizagem significativa na modalidade. Por aprendizagem significativa, utilizamos as palavras de Moreira (2012), que a coloca como:

[...] aquela em que ideias expressas simbolicamente interagem de maneira substantiva e não-arbitrária com aquilo que o aprendiz já sabe. Substantiva quer dizer não-literal, não ao pé-da-letra, e não-arbitrária significa que a interação não é com qualquer ideia prévia, mas sim com algum conhecimento especificamente relevante já existente na estrutura cognitiva do sujeito que aprende. (MOREIRA, 2012).

Assim, na tentativa de aproximar a teoria e a prática, e utilizar as vivências e conhecimentos prévios dos alunos, uma vez que eles já possuem inúmeros conhecimentos e por serem em grande parte adultos já inseridos no mercado de trabalho, optamos pela aprendizagem significativa uma vez que:

[...] se caracteriza pela interação entre conhecimentos prévios e conhecimentos novos, e que essa interação é não-literal e não-arbitrária. Nesse processo, os novos conhecimentos adquirem

significado para o sujeito e os conhecimentos prévios adquirem novos significados ou maior estabilidade cognitiva (MOREIRA, 2010).

Então, nosso intuito com essa proposta é que o discente da EJA se autoanalise enquanto sujeito portador e construtor de conhecimento e que seus saberes possam e devam ser validados. Não podemos e nem propomos negligenciar uma experiência vasta: conhecimentos, ideias, dados, percepções e vivências externas ao contexto escolar, já que a valorização desse saber prévio é o primeiro passo para a aprendizagem significativa e eficaz.

A construção das aprendizagens significativas implica a conexão ou vinculação do que o aluno sabe com os conhecimentos novos, quer dizer, o antigo com o novo. A clássica repetição para aprender deve ser deixada de fora na medida do possível; uma vez que se deseja que seja funcional, deve-se assegurar a auto estruturação significativa. Nesse sentido, sugere-se que os alunos “realizem aprendizagens significativas por si próprios”, o que é o mesmo que aprendam o aprender. Assim, garantem-se a compreensão e a facilitação de novas aprendizagens ao ter-se um suporte básico na estrutura cognitiva prévia construída pelo sujeito. (PELIZZARI, 2002).

Assim, nossa intenção ao propor atividades no sentido da aprendizagem significativa é direcionar o docente a conhecer as diferentes e inúmeras realidades de onde o seu aluno vive, e propor em suas atividades reflexões e debates como forma de elucidação de problemas, ou seja, mostrar ao aluno como aquilo que é aprendido na escola é aplicado cotidianamente.

Para Pereira *et al.* (2019)

Como professor dessa modalidade de ensino é primordial utilizarmos o saber da comunidade como matéria prima para o ensino, valorizando os saberes de todos os sujeitos sociais do processo de ensino, aprendendo a partir de suas vivências e ensinando a partir de palavras e temas geradores advindos do cotidiano deles. Neste contexto, é fundamental que o professor se mantenha sempre como um dos protagonistas no ato de aprendizagem, afinal a educação Identidade do alunado da EJA: de onde vim para onde me encaminho – minhas raízes devem ser significativa na vida do alunado EJA, pois ser professor da Educação de Jovens e Adultos requer desde uma metodologia adequada ao público (Jovens e Adultos), como a relação entre os saberes da cultura popular e vivências, das relações entre professor e aluno (PEREIRA *et al.*, 2019).

Em consonância, o discente perceberá que há uma valorização dos seus saberes e que suas vivências são explicadas teoricamente, o que acarretará um aumento na autoestima e motivação dos alunos. Com o *e-book*, aspiramos que

o estudante da EJA, reflita sobre si e se analise como um indivíduo social e protagonista da sua história, que ele pode deixar um bom legado, reescrever sua história e principalmente ter voz na busca por seus direitos.

Com respeito à aprendizagem significativa, discutir o papel do aluno na construção do seu próprio conhecimento ainda é viável, uma vez que o estudante quando inserido no processo de ensino-aprendizagem, não como mero ator/reprodutor, mas como autor/construtor vê-se mais à vontade para aprender, quer transformar seu ambiente e se sente valorizado por fazer parte do processo, o que favorece ao professor sua atuação em sala de aula, possibilitando novas e diferentes abordagens de ensino e ao estudante o desenvolvimento de competências e habilidades que poderão ser usadas além dos muros da escola, uma vez que permite a utilização de sua plena capacidade intelectual, exercitando sua atuação coletiva e social. (SANTANA, PALHETA, 2013. p.12).

É necessário que o aluno da EJA se reconheça como responsável por sua aprendizagem e tenha o professor como um mediador desse processo. Com a abordagem significativa de problemas sociais, fatos corriqueiros, preços, cenário político, e outra gama de acontecimentos que podem ser falados, comentados e discutidos em sala de aula e partir deles novos conhecimentos surgirão.

Já na segunda parte, temos sugestões de sequências didáticas para serem trabalhadas com as turmas de Educação de Jovens e Adultos. Nesse ponto do *e-book*, propomos algumas sugestões que poderão ou não, serem aplicadas. Friso aqui que todas as atividades serão organizadas em tópicos que de acordo com a necessidade e realidade dos professores poderão se tornar sequências didáticas.

Todas as sugestões de atividades possuem como tema principal a cidade de Parnaíba. Esse ponto comum a todos os alunos da rede será o centro das discussões dos conteúdos programáticos.

Os tópicos sugeridos abraçaram as diversas áreas de conhecimento e, conseqüentemente, todos os componentes curriculares. Ressaltamos que todas essas atividades estão de acordo com a atual Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Apesar do documento não conter em suas páginas algo específico para o público jovem ou adulto, procuramos atrelar as habilidades descritas em suas páginas ao nosso produto educacional, na tentativa de aproximar a modalidade,

na maioria das vezes tão negligenciada e desamparada pela legislação, à modalidade regular.

Nosso objetivo também é otimizar o trabalho dos docentes, uma vez que é cobrado em seus planejamentos as mesmas habilidades do ensino fundamental.

3 CONTEXTUALIZANDO A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

*“A educação não tem preço.
sua falta tem um alto custo”.*

Antonio Gomes Lacerda

Pensar sobre a educação é algo bem reflexivo, pois exige não apenas pensar sobre ela, mas também de que tipo é, sua caracterização e os impactos na vida dos sujeitos. Ressalto, como bem frisou Antônio Gomes Lacerda acima, que é algo valioso, e uma vez que não é proporcionada deixa grandes lacunas no desenvolvimento do ser. Ao refletir sobre os fenômenos educacionais percebo algumas exigências como me colocar no lugar do outro e pensar em diferentes perspectivas. Neste sentido, pensar, pesquisar e escrever sobre educação é um desafio que aumenta e se torna bem mais exigente.

Escrever sobre a educação é algo desafiador. Exige do pesquisador não apenas conhecimentos teóricos e práticos, mas também é necessário relacionar ambos e transmitir uma mensagem de como esses fatores do contexto educacional são de extrema importância. Essa simbiose garante êxito nos inúmeros processos que daí surgem. O desafio se torna ainda maior quando somos levados a pensar em uma educação voltada para os sujeitos jovens e adultos.

Tal circunstância nos remete a vários cenários. Em primeiro lugar, o pensamento de um indivíduo adulto, consciente, independente, detentor de aptidões, preferências e algumas dificuldades, que, por inúmeros motivos, não conseguiu acesso à educação formal na idade pré-estabelecida pelo sistema educacional vigente. Em segundo lugar, os desafios enfrentados pelo público de Educação de Jovens e Adultos, que após inúmeras e consecutivas reprovações na modalidade regular de ensino, alcança determinada idade e é transferido para as turmas da modalidade, cenário este em que se deparam com outros numerosos sujeitos com diferentes histórias na mesma esfera para se tentar estudar, instruir-se ou aprender algo.

Ao dialogar com Paiva (1973) e Ribeiro (1997) percebemos que ambas as autoras concordam no que diz respeito "à oferta de ensino básico e gratuito se estendia consideravelmente, acolhendo setores sociais cada vez mais diversos". A fala das autoras nos leva a tentar compreender as diferentes

realidades do público de jovens e adultos. Não há uma única origem, são diferentes percursos de vida, que devido as dessemelhantes circunstâncias, não tiveram acesso à educação formal em idade convencional e por isso procuram a escola no intuito de suprir tal lacuna.

E com esses pensamentos surgem questionamentos tais: como abordar sobre a Educação de Jovens e Adultos é pertinente atualmente? Quais os percursos que apareceram como alternativa para esta modalidade no decorrer da história? Quais caminhos a Educação de Jovens e Adultos já trilhou no cenário educacional brasileiro? Há percalços nesse processo? Em caso positivo, quais seriam? É uma situação nova ou é algo que já se perpetua com os anos? Quais os papéis dos diferentes agentes sociais para tal modalidade?

Tais indagações orientam possíveis reflexões sobre esse objeto de estudo, como também nos oportuniza esboçar uma linha do tempo com alguns dos principais pontos da história da educação brasileira na qual a mencionada modalidade de ensino será ressaltada. Essas mesmas indagações nos convidam a devanear sobre quais rumos já foram percorridos e como estes percursos acarretam, ou não, consequências à Educação de Jovens e Adultos nesses tempos que vivemos.

Pensar em uma educação destinada ao público jovem e adulto é refletir não apenas uma simples transmissão mecânica de conhecimentos, mas também convidar esse jovem e/ou adulto a se debruçar sobre o mundo e as situações em que ele está inserido. Imaginamos que seja necessário atentar não apenas para sua aprendizagem, mas instigá-lo a pensar o motivo pelo qual muitos colegas não foram adiante no mundo letrado, problematizando situações e proporcionando soluções para elas. Como a história, sociologia, antropologia corroboram ou não para o êxito, ou insucesso do processo educacional no Brasil? Tais indagações serão suleadoras² do que trataremos mais adiante.

Assim, nas próximas páginas trataremos sobre os aspectos teóricos da Educação Brasileira, enfatizando os principais pontos relativos à EJA. Percorreremos marcos com relevância histórica e social que se estendem desde o “descobrimento do Brasil”, o período colonial e republicano, bem como suas

² Expressão criada pelo físico brasileiro Marcio D’olne Campos. Ele foi o primeiro a usar o verbete em 1991 em um texto seu intitulado: “A Arte de Sulear-se”. Campos era próximo a Paulo Freire, e reconhece a sua importância para a popularização do termo.

diferentes fases até o presente momento. Adiante evidenciaremos alguns aspectos contemporâneos acerca da modalidade aqui estudada, bem como a sua caracterização atual inserida na legislação vigente. Por fim, concluiremos com um panorama composto de alguns dados relacionados à Educação de Jovens e Adultos na cidade de Parnaíba, local de investigação desta pesquisa.

3.1. Perspectivas Históricas acerca da Educação de Jovens e Adultos no Brasil

Toda problemática surge a partir de um contexto, e na educação não é diferente. A história da educação brasileira não foge a esta realidade, pois toda a caracterização que traz consigo até os dias de hoje são consequências, ou seja, resultados destes pouco mais de 520 anos de história e muitos encontros e desencontros de cunho político, social e de espoliação.

Destacamos alguns pontos marcantes neste encadeamento de ações. Fatos como a chegada dos colonizadores, imensa parte composta por portugueses, ou seja, do homem branco em meados de 1500; seguida da chegada da família real e sua comitiva portuguesa no ano de 1808; e a elaboração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB) em 1996; são balizadores históricos que caracterizam a inaceleridade do desenrolar das atividades educacionais concentradas neste país.

Inicialmente, a Companhia de Jesus³, instaurada aqui no Brasil por meio da Ordem dos Padres Jesuítas, foi a primeira estrutura educacional organizada em solo brasileiro. Nessa congregação religiosa, o ensino era designado somente aos homens burgueses, brancos, filhos das famílias mais importantes, tradicionais e nobres da época. Os demais sujeitos assistidos pela mesma ordem eram também rapazes que poderiam futuramente exercer o sacerdócio nessa mesma congregação.

³ Ordem ou congregação formada exclusivamente por homens que desde 1549 são atuantes no território brasileiro. Se deslocaram até às terras brasileiras com o propósito de catequizar e evangelizar na fé católica o povo nativo que aqui vivia (indígenas). Os representantes dessa ordem, ou seja, os padres jesuítas, foram os primeiros a desenvolver a educação formal no Brasil.

Os estudantes da época eram submetidos a planos curriculares onde a língua portuguesa e os ensinamentos sobre o cristianismo eram privilegiados. Sobre a organização do currículo escolar, Guiraldelli (2007.p.25) discorre que:

O plano de estudos, continha o ensino de português, a doutrina cristã e a escola de ler e escrever isso como patamar básico. Após essa fase o aluno ingressava no estudo da música instrumental e do canto orfeônico. Terminada tal fase o aluno poderia ou finalizar os estudos com o aprendizado profissional ligado à agricultura ou seguir mais adiante com aulas de gramática e então completar sua formação na Europa.

Pela caracterização mostrada logo acima, compreendemos que tal organização de ensino não contemplava discentes já adultos, e também é bem notório que era excludente, pois não privilegiava as mulheres, mesmo que pertencessem a nobreza.

Outro ponto que caracteriza esse plano de estudos como excludente é o fato de que pessoas com deficiência e as oriundas das camadas sociais mais baixas também não eram incluídos. Avaliamos que esse momento seja um possível surgimento de atos excludentes no cenário educacional em território brasileiro que duram até hoje, preconizados na sociedade atual. Vislumbramos mazelas trazidas por um sistema educacional opressor, não inclusivo e autoritário onde parâmetros individuais eram impostos e validados, elitizando ainda mais aqueles com alto poder aquisitivo e distanciando os mais pobres do acesso a uma educação formal.

Essa realidade é bem contrária do ambiente inclusivo e democrático que tanto almejamos atualmente. Como bem descreve Freire (2019) “Realmente o Brasil nasceu e cresceu dentro de condições negativas às experiências democráticas”. Estes acontecimentos, fatos e palavras não eram apenas comuns no contexto educacional, pois os outros setores sociais também eram cenários de situações nada democráticas, onde o poder era associado aos bens que os indivíduos possuíam.

Essa dominância jesuítica em solo brasileiro perdurou por duzentos anos. Não obstante, no período entre 1750 a 1777, surge a figura de Sebastião José

de Carvalho e Melo⁴, conhecido também como Marquês de Pombal, Primeiro-ministro do governo português que, subsidiado pelos ideais do iluminismo, ficou discrepante à Pedagogia Jesuítica, e acabou trincando o monopólio existente. Tal período ficou historicamente conhecido como Período Pombalino, e nesse momento a ideia proposta e defendida é que os componentes curriculares e conteúdos trabalhados na sede, ou seja, Portugal, deveriam também ser aprendidos em suas colônias, ou seja, conseqüentemente em terras brasileiras. Independentemente desse avanço significativo, a Educação de Jovens e Adultos, mais uma vez não foi contemplada.

No ano de 1808, a Família Real de Portugal se deslocou da sede para o Brasil, e com esse fato iniciamos outro período da educação brasileira: O Período Joanino⁵. Para receber a realeza, se fez necessário uma estrutura condizente, assim deu-se uma série de amplas modificações que não seriam apenas físicas e/ou estruturais, mas também comportamentais, em diversos segmentos da sociedade que aqui vivia.

Chega e instala-se com toda a sua corte que viria alternar intensamente os costumes, as formas de ser das gentes, não só do Rio de então, atrasada e seja cidade, mas de outros centros provinciais, estimulados pelos prazeres da vida, que a corte ostentava. (FREIRE, 2019, p.103).

Nesse contexto, a vinda da corte para a colônia acarretou profundas mudanças na rotina de vida dos que aqui habitavam. A província até então pacata e acomodada, caracterizada pelo jeito bucólico de se viver, ofereceu espaço a um compasso mais frenético de vida, e isso trouxe como decorrência uma massificação ao poder da “cidade”.

Acontecimentos como a Fundação do Banco do Brasil, a criação de alguns ministérios, o surgimento da Marinha do Brasil, da Casa da Moeda e do Supremo Tribunal Federal caracterizaram o momento. Além disso, o aparecimento de bibliotecas, escolas, cursos técnicos e da imprensa são

⁴ Marques de Pombal ou Sebastião José de Carvalho e Melo, foi um diplomata e nobre português, responsável pela expulsão dos padres jesuítas não apenas de Portugal como também de todas as suas colônias.

⁵ O Período Joanino compreende o período entre 1808 à 1821, onde Dom João, a família real e toda a sua comitiva fixaram moradia em solo brasileiro. Foi um período de grande ascensão e crescimento nos setores econômicos, intelectuais e nas relações exteriores.

exemplos do célere e exacerbado crescimento da “metrópole” após a vinda da família real. Assim, o país emergiu da categoria de colônia para sede, e esse processo de “europeização do Brasil” como bem nos fala Freyre (1933), tornou ainda mais segregadora e excludente a sociedade brasileira, independentemente de estar situada em fazendas ou nas grandes cidades.

No ano de 1824, houve a outorga da primeira Constituição Federal, que apresentava um tópico sobre a educação. Conforme Guiraldelli (2007, p. 29) argumenta: “ela inspirava a ideia de um sistema nacional de educação, o império deveria possuir escolas primárias, ginásios e universidades”. Essa primeira constituição promoveu um acréscimo significativo para o contexto educacional da época. Ela instituía em seus escritos a construção de escolas para diferentes públicos, o que de fato tem grande relevância, já que até então na história do país não havia nenhum registro de lei, implicado diretamente na educação que acontecia aqui. No entanto, observamos que a população já adulta não tinha oportunidade de acompanhar as aulas, pois o sistema vigente não a privilegiava. O público-alvo da atual EJA, novamente não foi incorporada no documento.

No século seguinte, mais precisamente no ano de 1947, a partir de inúmeros movimentos e campanhas, surgiu uma primeira mobilização a nível nacional, que finalmente direcionada ao público adolescente e/ou adulto. Toda essa agitação foi respondida com uma alternativa proposta pelo Ministério da Educação e da Saúde daquela época, que possuía Lourenço Filho⁶ como ministro. O panorama da época que incitava o lançamento dessa campanha foi relatado por Soares, a qual aponta dois pretextos para a implantação de tal campanha em contexto nacional:

O primeiro momento pós-guerra que vivia o mundo fez com que a ONU criasse uma série de recomendações aos países entre estas a de um novo olhar específico para a educação de jovens e adultos. O segundo motivo foi o fim do Estado Novo que trazia um processo de redemocratização que gerava as necessidades de ampliação de eleitores no país (SOARES, 1996).

Observamos que existia a necessidade de se aumentar o número de eleitores, no entanto, a constituição postulava que aqueles que não tinham

⁶ Manoel Bergström Lourenço Filho, nasceu em 1897, no interior do estado de São Paulo, e foi Ministro da Educação e Saúde.

domínio da leitura e escrita não tinham direito ao voto. Assim, foi lançada a Campanha Nacional de Alfabetização, iniciativa que propunha uma maior e profunda reflexão sobre Educação de Jovens e Adultos, um momento que oportunizou inúmeras pesquisas, estudos, considerações e até algumas conclusões sobre a modalidade de ensino em questão.

Vários eram os objetivos da campanha, e sobre isso Almeida e Corso (2015) escrevem que:

A finalidade era levar essa educação aos brasileiros e letrados das cidades e das zonas rurais e estimular o desenvolvimento social e econômico, por meio de um processo educativo que supostamente poderia promover a melhoria das condições de vida da população.

Assim, a proposta de educação discutida era propagada como a salvação e caminho para uma vida mais justa e igualitária e os investimentos na área eram tidos como resolução para as mazelas sociais existentes. O *slogan* “Ser brasileiro é ser alfabetizado” ganhou grande repercussão na década de 1950, onde maior parte da população brasileira maior de dezoito anos era analfabeta.

Nessa mesma década, precisamente em 1952, aconteceu o Primeiro Congresso de Educação de Adultos e como fruto deste evento originou-se a Campanha Nacional de Educação Rural (CNER), que tinha como público-alvo a região Nordeste. No congresso, a ideia de alfabetização e cidadania eram associadas entre si, como bem explicam Almeida e Corso (2015) ao explanarem que a “perspectiva buscava enfatizar a importância da educação de adultos para a democracia e defendia a alfabetização em nome da cidadania”.

De fato, inicialmente a campanha obteve bons resultados, no entanto, com o passar dos anos houve uma queda nesses números. Nesse meio, várias eram as propostas pensadas para tal público, onde citamos aqui o sistema de rádio educação. Inspirado por ideias colombianas, o país, com auxílio da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), o próprio governo federal e a iniciativa privada, tentou inserir tal sistema em algumas regiões, o que inicialmente teve um bom êxito, como bem nos assegura Scocuglia:

Em 1958, D.Eugênio Sales (bispo-coadjutor de Natal, Rio Grande do Norte), depois de conhecer o sistema colombiano, inaugurou a Emissora da Educação Rural, a qual, dois anos depois, já trabalhava

com cerca de quinhentos receptores por todo o estado (SCOCUGLIA, 2003, p. 21).

É interesse frisar que o nosso país, dotado de extensões continentais, exigia não apenas políticas voltadas para o trabalho com adultos, mas também necessitava de uma verdadeira força-tarefa de professores para ocupar as diferentes e longínquas áreas do país, ou seja, uma “educação de massa” precisava de meios para se chegar aos diversos lugares, como é o caso da rádio.

Certamente, uma campanha em massa de educação popular, qualquer que fosse, necessitava de milhares de professores, que não existiam, especialmente nas regiões mais atrasadas, como a nordestina. Desse modo, crescia um consenso entre os interessados pelo controle e disseminação da educação básica, no sentido de que só os “modernos meios de comunicação de massa” podiam desempenhar a tarefa, especialmente nas vilas, nos povoados, nos sítios, nas fazendas, mas também nos subúrbios das cidades maiores, inclusive capitais (SCOCUGLIA, 2003, p.25).

Em 1958, aconteceu um Segundo Congresso Nacional, com foco na Educação da População Jovem e Adulta, onde alguns pontos foram levados à plenária para discussão, aspectos referentes às condições de funcionamento, baixa frequência, aproveitamento, má remuneração, material didático, desqualificação profissional e estratégias de ensino. Dessa maneira, cada região ou estado brasileiro enviou grupos com seus respectivos representantes.

Ao final da década de 50 e início de 60, iniciou-se, então uma intensa mobilização da sociedade civil em torno das reformas da base, o que contribuiu para a mudança das iniciativas públicas da educação de adultos. Uma nova visão sobre o problema do analfabetismo foi surgindo, junto à consolidação de uma nova pedagogia de alfabetização de adultos, que tinha como principal referência Paulo Freire (PORCARO, 2003, p.12).

Assim, compondo a delegação de Pernambuco surge o nome de Paulo Freire⁷, lembrado por muitos até hoje pelo seu testemunho e engajamento pela causa. Freire é um dos principais precursores da educação popular no Brasil, percebendo a educação como “um ato de amor e por isso, um ato de coragem.

⁷ Paulo Reglus Neves Freire (1921-1997) grande educador, escritor e filósofo pernambucano. Inicialmente formado em Direito. Freire dedicou sua vida ao trabalho educacional voltado a Educação de Jovens e Adultos. Foi agraciado com cerca de 48 títulos, entre doutorados e outras honrarias de universidades e organizações brasileiras e do exterior. É considerado o brasileiro com mais títulos de doutor e é o escritor da terceira obra mais citada em trabalhos de ciências humanas do mundo: Pedagogia do oprimido.

Não pode temer o debate. A análise da realidade, não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa”. (FREIRE, 2019, p.127).

Com um pensamento que associava o cotidiano escolar a um cotidiano social, os estudos teóricos e práticos de Freire foram um grande “divisor de águas” no cenário educacional brasileiro. Ele propunha um método de alfabetização que partia das vivências dos seus alunos, e em meio à discussão que o professor sugeria em sala para debate, ele retirava alguns tópicos para assim começar seu trabalho de alfabetização.

Freire utilizava o pensamento do sujeito e suas vivências como mola propulsora dos seus conteúdos.

O pensamento de Paulo Freire se construiu numa prática baseada num novo entendimento da relação entre a problemática educacional e a problemática social; se antes este era visto como uma causa da pobreza e da marginalização, o analfabetismo passava a ser interpretado agora como um efeito da situação de pobreza gerada por uma estrutura social não igualitária (GENTIL, 2014).

Nesses debates e reflexões sobre a EJA, um dos pontos mais tratados e debatidos eram as estratégias de ensino. Como e quais metodologias contemplavam não apenas os aspectos cognitivos, mas também os sociais e pessoais, dando um caráter mais holístico ao processo. A partir de tais estratégias e metodologias de ensino que concordassem entre si, mostrando a importância de um posicionamento crítico, o “analfabeto apreende criticamente a necessidade de aprender a ler e a escrever. Prepara-se para ser o agente deste aprendizado” (FREIRE, 2019, p.145).

Com o destaque obtido por suas ideias, reflexões e posicionamentos, em 1963, o governo federal incumbiu Paulo Freire de apresentar uma nova Proposta Nacional de Alfabetização, uma vez que a da Campanha Nacional de Educação, iniciada na década de 1950, fora concluída.

Freire ainda se destacou no âmbito educacional por demonstrar um perfil questionador, minucioso e meticuloso. Ele insufla um verdadeiro colóquio entre docente e discente, onde o professor, mediador do processo educacional, sugere atividades e conteúdo a partir da percepção vivida pelo aluno. Em seus escritos é possível perceber como ele problematiza as diferentes realidades, propondo debates e diálogos para que o aluno, além de aprender a língua

escrita, compreenda o que por ela perpassava. Analisemos a sua fala ao propor a seguinte questão:

O nosso grande desafio, por isso mesmo, nas novas condições de vida brasileira, não era só o alarmante índice de analfabetismo e sua superação. Não seria a exclusiva superação do analfabetismo que levaria a rebelião popular à inserção. A alfabetização puramente mecânica. O problema para nós prosseguia e transcendia a superação do analfabetismo e se situava na necessidade de superarmos também a nossa inexperiência democrática (FREIRE, 2019, p.124).

Assim, o autor propõe que não pode ser verdadeira uma educação voltada para adultos sem uma problematização do mundo em que ele esteja inserido, bem como seus processos históricos, culturais e até políticos. E defende ainda que tal público, necessitaria ser estimulado a desenvolver seu pensamento crítico e seus pontos de vista no intuito de favorecer o processo até democrático brasileiro.

Paulo Freire produziu um novo arcabouço conceitual e uma nova postura epistemológica para os processos de alfabetização e educação popular. Com este pensamento, conjeturado em suas práticas, era dado vez e voz àqueles que muitas vezes foram negligenciados pelos sistemas educacionais e econômicos. Ele anuía em uma aprendizagem significativa, afirmando que “de teoria, na verdade, precisamos nós. De teoria que implica uma inserção na realidade, num contato analítico com o existente, para comprová-lo, para vivê-lo e vivê-lo plenamente, praticamente” (FREIRE, 2019, p. 123)

Sabendo disso, compreendemos que para o conhecimento ser efetivo devia ter uma aplicabilidade no cotidiano do aluno, além de estar em contato com a prática, ou seja, a teoria sem uma prática é uma aprendizagem “oca” e sem sentido para o meu aluno. Por fim, a década de 1950 se finalizava com o discurso de dois tipos de educação direcionada ao público adulto, um que privilegiava os conceitos mais filosóficos e significativos na vida de seus alunos, desenvolvido por Paulo Freire; e outro destinado ao ensino profissional, o que galgava uma certa mão de obra qualificada para o mercado.

Já na década de 1960, especialmente entre os anos de 1961 e 1964, o país entrava no período da intervenção militar, um tempo marcado pela opressão, dor e censura no Brasil. Tal episódio trouxe sérias consequências para a educação popular. Haddad e Di Pierro (2000, p.7), afirmam que o golpe militar

produziu uma ruptura política, onde os movimentos da educação e cultura popular foram reprimidos e seus dirigentes censurados. Conforme os autores, nessa época as organizações que incentivavam o pensamento crítico e reflexivo sobre as demandas sociais, políticas e educacionais não eram bem vistas pelos militares. Isso fez com que essas atividades fossem suspensas, fato este que foi visto negativamente pela comunidade internacional, levando a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) a interferir nas orientações pedagógicas.

Com o golpe militar e a necessidade de fazer o país se reerguer, no ano de 1968 foi criado o Movimento Brasileiro de Alfabetização, um programa com princípios opostos aos de Paulo Freire (GADOTTI; ROMÃO, 2011) e que se apresentava como uma alternativa destinada a população jovem e/ou adulta uma alfabetização parcial onde a leitura, escrita e o cálculo eram enfatizados.

O MOBRAL surgiu como um prosseguimento das campanhas de alfabetização de adultos iniciadas com Lourenço Filho. Só que com um cunho ideológico totalmente diferenciado do que vinha sendo feito até então. A preocupação do MOBRAL era tão somente fazer com que os alunos aprendessem a ler e a escrever (BELLO, 1993, p. 3).

Esse movimento teve grande investimento nas três esferas de poder, no entanto, não obteve a resposta esperada. Entre as principais críticas do programa destacamos a não-veracidade dos fatos e até mesmo as suas fases políticas e sociais.

Fávero (2009), nos lembra que “foi a campanha mais rica executada no país, pois seus recursos provinham da transição voluntária de 1% do imposto de renda, devido de empresas e 24% da renda líquida da loteria esportiva”. Logo, com todo o investimento financeiro existente, mas sem contextualização do ensino nem formação própria, após 17 anos de sua implantação, o MOBRAL foi finalmente extinto, pois ficou bem claro que o processo não fluiu e que a alfabetização não existiu.

O MOBRAL foi concebido como um sistema que visava basicamente ao controle da população (sobretudo a rural). Em seguida, com a “redemocratização” (1985) a “Nova República”, sem consultar os seus 300 mil educadores, extingue o MOBRAL e cria a Fundação Educar, com objetivos mais democráticos, mas sem os recursos de que o MOBRAL dispunha (GADOTTI; ROMÃO, 2011, p. 43).

Somente com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 5692/71) foi que apareceu um capítulo preciso sobre a EJA. O capítulo em questão trouxe a regulamentação do “ensino supletivo”, além de caracterizar a educação de jovens e adultos como uma forma de garantir acesso a cidadania. No entanto, apesar desta lei reconhecer a modalidade como um direito, limitou o dever do estado a faixa etárias de 7 a 14 anos.

No ano de 1988, a constituição federal incumbiu o estado a oferta da EJA, onde até os dias de hoje ela é caracterizada como uma modalidade que tem como objetivo oferecer aos sujeitos a chance de concluir a educação básica, cabendo a essas esferas relacionar os conteúdos curriculares à realidade que os alunos vivem.

O acesso do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: I – ensino fundamental obrigatório e gratuito assegurado, inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria (BRASIL,1988).

Assim, os documentos oficiais oficializam o acesso à escola, tornando-o um direito de todos os brasileiros, independentemente de raça, cor, gênero e/ou classe social. Analisando os percursos trilhados pelo meio educacional percebemos algumas disparidades e compreendemos algumas situações ainda hoje são presentes em nosso meio.

Não se pode perder a oportunidade de se definir, de uma vez por todas, a educação de Jovens e Adultos como parte constitutiva do sistema regular de ensino que propicia a educação básica, no sentido da prioridade de que ele deve ser alvo, com todos seus componentes estruturais, por parte das autoridades e da população (GADOTTI; ROMÃO, 2011, p.65).

Os autores citados reconhecem a EJA como modalidade de ensino assegurada por lei componente da educação básica, devendo ser vista como tal por toda a sociedade civil. Após este panorama, agora iremos analisar alguns aspectos mais atuais relacionados à Educação de Jovens e Adultos no contexto nacional.

3.2 Perspectivas Contemporâneas acerca da Educação de Jovens e Adultos

A formação integral proporciona aos sujeitos certos avanços nos diferentes segmentos em que está inserido. Denominamos tal formação como Educação, a qual, de acordo com Brandão (2007, p.7) “é um direito de todos, mas que mais importante é que este direito é ao mesmo tempo um dever da família e do estado, dever de proporcionar as condições para que o indivíduo usufrua desse direito”.

Perceber a educação como uma responsabilidade que deve ser proporcionada pelo Estado à sua população, pessoas estas que podem ou não ter a idade considerada “certa”, não é algo de agora. O próprio conceito de educação destinada a adultos foi palco para discussões, tendo alguns defensores da ideia de que outros termos seriam os corretos. Gadotti e Romão (2011, p.21), por exemplo, concordam quando ao falar que “o conceito de Educação de Adultos vai se movendo na direção de Educação Popular na medida em que a realidade começa a fazer algumas exigências a sensibilidade e à competência científica dos educadores e das educadoras”.

Tal mudança de conceito é fruto das reflexões críticas dos educadores, que notam que não há como desvincular o conteúdo das vivências do alunado. Os professores já perceberam que não é apenas ensinar por ensinar, mas sim ensinar para debater, refletir, ter uma opinião. Nesse sentido, muitas foram as iniciativas voltadas para a modalidade da EJA que surgiram nessas duas primeiras décadas do século XXI.

Alguns desses pontos merecem ser destacados. O primeiro deles é que durante os governos do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva⁸ (2003-2010), a alfabetização de Jovens e Adultos foi apresentada com bastante entusiasmo. Um fato que comprova essa afirmação é que as matrículas da referida modalidade eram alocadas para serem financiadas com recursos do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação Básica (FUNDEB).

⁸ Luiz Inácio Lula da Silva foi Presidente do Brasil (2003/2011). Foi eleito democraticamente e governou o país durante dois mandatos. Foi também um grande líder sindical (Sindicato dos Metalúrgicos) e um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores.

Tal fato estimulou o surgimento de várias iniciativas voltadas para a demanda, dentre as quais citamos aqui: Brasil Alfabetizado, Exame Nacional para Certificação de Competências da Educação de Jovens e Adultos - o ENCEJA, e o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação básica na modalidade de Jovens e Adultos – o PROEJA, entre vários outros. Almeida e Corso (2015) escrevem que:

O Estado assegurava o financiamento restrito apenas para atender as demandas de formação de quadro e de produção de ciência e tecnologia nos limites do papel que ocupa na divisão internacional do trabalho, ou seja, no atual quadro da progressiva redução de empregos formais (ALMEIDA; CORSO, 2015).

Com os grandes investimentos a partir de 2003, principalmente na educação profissional, a iniciativa privada se beneficiava dos recursos públicos. Nesse contexto, surge o “Sistema S”⁹, conhecido e vigente ainda hoje com vários serviços e sistemas nele incluídos, como o SESI, o SENAI e o SESC. Dessa maneira, percebe-se que o estado e a iniciativa privada rateiam a responsabilidade sobre a EJA.

Até meados de 2018, o Ministério da Educação com intuito de englobar de forma mais exitosa a todos, era ramificado em cinco secretarias principais. Uma destas, era a Secretaria de Educação Continuada (SECAD), onde eram discutidas as pautas relacionadas à EJA e temas relacionados à educação ambiental, do campo e indígena. O principal objetivo desta secretaria foi tentar minimizar as desigualdades educacionais por intermédio da inclusão de todos os cidadãos em projetos que ampliassem a educação.

Em 2019, já no governo do atual presidente Jair Messias Bolsonaro¹⁰, a SECAD foi extinta e a responsabilidade das ações que deveriam ser promovidas pela educação de jovens e adultos ficou a cargo dos estados e municípios, que em sua maioria abrem matrículas juntamente com as demais modalidades. Já

⁹ Sistemas S – Nome utilizado para se referir a nove instituições prestadoras de serviços que são administradas de forma independente por federações e confederações empresariais dos principais setores da economia. Apesar de prestarem serviços de interesse público, essas entidades não são ligadas a nenhuma das esferas de governo. Fazem parte deste aglomerado: SENAI, SENAC, SESI, SESC entre outros.

¹⁰ Jair Messias Bolsonaro, atual presidente do Brasil.

em 2020, com a pandemia da COVID-19, os órgãos responsáveis pela educação discutem formas de promover um ensino de qualidade para as diferentes modalidades existentes, no entanto, até o presente momento, já em 2021, nenhuma dessas alternativas foi pensada de forma específica para o público da Educação de Jovens e Adultos.

Ao analisar todo esse traçado histórico percebemos o quanto a educação voltada esse público foi marginalizada, e quando teve alguma prioridade, ocorreu de forma discreta, e ainda assim com o uso de alguns termos pejorativos. Infelizmente, nosso país ainda associa e abrevia a ideia de uma educação voltada para jovens e adultos simplesmente a alfabetização de adultos.

A marca mais significativa no imaginário social da população brasileira, quando nos referimos à educação de jovens e adultos, ainda é seu tratamento como alfabetização, por consequência do peso histórico das experiências relacionadas ao Mobral ou ao ensino supletivo. (MACHADO, 2011).

É notória a ausência de interesse da grande parte das autoridades responsáveis pela modalidade de ensino aqui pesquisada. Verificamos que em nenhum momento é citada ou cogitada a criação e/ou ampliação de políticas públicas voltadas para essa parcela da população.

Após as leituras e aprofundamento teórico sobre a temática, percebemos que existem materiais, ideias, encontros e discussões para a realização desse trabalho. Entretanto, essa responsabilidade não é exclusiva do professor atuante na EJA. Notamos que essa demanda ainda não foi abrangida pela sociedade como um todo, há muitos “invisíveis” que estão matriculados na EJA e não possuem nem a consciência de como a educação pode transformar uma vida. Não é algo apenas de cunho pedagógico, mas sim de cunho social.

Atualmente a Educação de Jovens e Adultos é considerada uma modalidade de ensino destinada a todos aqueles que por numerosos motivos não tiveram acesso aos estudos formais em idade própria. A perspectiva educacional oferecida pela EJA tem a obrigação de ser oferecida gratuitamente pelas três esferas do poder: municipal, estadual e federal. Tal direito é assegurado pela Lei Federal nº. 9394/96, a mesma que rege a educação nacional. Em seus artigos, está descrito o seguinte:

Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

Art. 38. Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular. (BRASIL, 1996).

Assim o ensino nesta modalidade é constituído por cinco etapas que equivalem aos nove anos do ensino fundamental, com suas aulas acontecendo na maioria das vezes no turno da noite, o que não significa exclusividade. A modalidade possui autonomia para organizar seu ano letivo na forma que achar mais apropriada, considerando as condições sociais, pessoais, climáticas e até mesmo a disponibilidade por parte de seus alunos e/ou professores, desde que sejam cumpridos os 200 dias letivos e as 800 horas de carga horária exigida pela legislação vigente.

3.3. Considerações sobre a modalidade EJA

Ao longo dos anos, a EJA veio e vem sofrendo grandes transformações em sua política e nas práticas de ensino-aprendizagem que colaboram para o desenvolvimento de todos os agentes participantes desse processo. A EJA, inicialmente, fora criada para diminuir os altos índices de analfabetismo no Brasil, no entanto, com o crescimento das indústrias e a exigência de qualificação, essa modalidade de ensino tornou-se ainda mais necessária, já que o mercado de trabalho competitivo priorizava as pessoas que tivessem formação e soubessem ler e escrever.

Esse anseio quase mecânico por simplesmente formar os alunos fez com que as instituições se preocupassem apenas em alfabetizar estes alunos, que outrora não tiveram a oportunidade de concluir os estudos. Não possuíam a preocupação acerca dos sujeitos que fariam esse processo de alfabetização, bem como entender quais eram os reais anseios do discente. Portanto, a formação do professor da EJA não tinha muita exigência e os alunos não possuíam o protagonismo do seu aprendizado.

Foi a partir de 1996, com a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), que a EJA deixou de ser assistencialista e passou a ser um espaço

de oportunidades de ensino e construção social. Os debates sobre o direito de jovens e adultos à educação nesta época tornaram-se cruciais para que a EJA se consolidasse como a modalidade de educação básica que conhecemos atualmente. Foi por meio destas discussões que se passou a refletir mais sobre sua história, bem como os sujeitos que fazem parte desse processo, abrindo espaço também para as discussões sobre o professor, sua formação e papel no desenvolvimento da educação de Jovens e Adultos.

Desde então, começou-se a pensar a EJA como uma modalidade de ensino que precisava de investimentos e estudos, principalmente com relação aos professores e alunos, os dois grandes protagonistas desse ensino que possui várias particularidades. Tendo como um dos principais objetivos a democratização do ensino, a EJA é separada por etapas, que vão do ensino fundamental ao médio. Destinada a jovens, adultos e idosos que não tiveram oportunidades de ir à escola e ter acesso à educação em idade apropriada, a EJA possibilita que esse público dê início ou retome aos estudos para finalizar o ciclo educacional em um tempo inferior ao convencional, garantindo assim papel ativo na sociedade e transformando suas realidades por meio dos conhecimentos adquiridos.

Infelizmente, ao longo de sua trajetória, a EJA ficou marcada sobretudo por pontos negativos. O ensino supletivo no período da ditadura militar por exemplo, teve influxo na educação de jovens e adultos, ocasionando um demérito “da oferta compensatória e aligeirada de escolarização”. Machado, (2008, p.162). Esse cenário fez com que a sociedade brasileira reproduzisse crenças de que alunos da EJA retornam à escola para concluir os estudos necessitando de um ensino mais facilitado e em um curto período, o que ocasiona um processo de ensino não muito eficaz e/ou exigente.

Essas crenças infelizmente resultam em estereótipos com relação aos alunos, principalmente de que são desinteressados, e devido a isto não seria necessária uma qualidade no ensino; ademais os jovens, como afirma Machado (2008) são os que mais sofrem por serem julgados de indisciplinados e desinteressados. São justamente estas realidades e estereótipos de extrema exclusão, seja por renda, cor ou marginalização que vem impossibilitando a

permanência de jovens na escola, o que acaba descontinuando seus estudos e remodelando o público desta modalidade.

Arroyo (2011, p. 7) mostra que a educação na EJA carrega traços bem mais complexos que a educação básica tradicional vigente. São contextos e públicos com realidades excludentes do restante da sociedade e que diretamente vão fazer parte do processo de ensino aprendizagem popular. É justamente neste cenário, com um público de realidades e características específicas, que se encontra a importância e o papel do professor em meio a este cenário de ensino. Pontos como a formação destes profissionais, as principais dificuldades enfrentadas, os desafios a serem vencidos, dentre outros, são questões que precisam ser discutidas para que se desenvolva uma educação plena com práticas exitosas.

3.3.1 A cidade de Parnaíba

Historicamente a cidade de Parnaíba possui como característica um frondoso e importante papel na trajetória educacional do estado do Piauí. Desde a presença dos padres jesuítas em seu território, sua presença na cidade é bem marcante. Oficialmente, a presença de algum local para o ensino na cidade remonta ao ano de 1778.

A criação oficial em decretos, provisórios ou atos régios, não era garantia de funcionamento de uma escola, em função dos péssimos salários e da falta de pessoas qualificadas para o magistério e do tipo de gente, que na vila da Parnaíba, se instalava na segunda metade do século XVIII (MENDES, 2007, p.34)

Tal fato caracterizava a presença de um estabelecimento público, no entanto, as iniciativas para a implementação do ensino particular também ocorriam, e uma das significativas aconteceu em 1820.

Diante do péssimo desempenho do ensino público no Piauí, a solução que algumas famílias, um pouco mais abastadas, encontravam era enviar seus filhos para escolas nas províncias da Bahia, Pernambuco Maranhão ou acreditar em algumas iniciativas particulares que se sucediam nos mais diversos pontos da província, seja na estruturação de educandários ou na ação peregrina dos mestres de varanda que

vagavam pelas fazendas dos vastos sertões piauienses (MENDES, 2007, p.53).

No período de implantação da República, a cidade vivia um momento de perspectivas no setor econômico, graças ao fluxo de navegação do rio Parnaíba, e sobretudo Igarauçu, braço que perpassa a cidade, porém a parte educacional já causava preocupação. Durante o período da Primeira República tivemos a construção de grupos escolares, mas antes disso as aulas aconteciam nas casas dos professores, independentes se estes eram pagos pelo poder público ou pelas famílias dos alunos.

A partir de então, notamos um crescente aumento das escolas privadas. Neste cenário, alguns nomes que hoje são bem conhecidos e dão nomes a escolas da rede municipal, como, por exemplo, Professor João Campos, José Narciso, Euclides de Miranda, José Narciso e Lima Rebelo se tornaram referências. Algumas das escolas dessa época ofertam seus serviços ainda hoje a população parnaibana, como é o caso do Colégio Nossa Senhora das Graças e do Colégio São Luiz Gonzaga, popularmente conhecidos como Colégio das Irmãs e Colégio Diocesano. Outros prédios, como o da União Caixeiral hoje funciona como um local administrado pelo SESC e oferta cursos, galerias, formações e cursos para a população em geral.

Um ponto importante a ser lembrado é a Escola Normal Francisco Correia.

A Escola Normal de Parnaíba foi fundada em 11 de julho de 1927, pelo Prefeito Municipal José Narciso da Rocha Filho. A Escola em seu nascedouro passou a funcionar nas instalações do Grupo Miranda Osório, como uma escola municipal, juntamente com o Ginásio Parnaibano, ao qual manteve-se atrelada e dependia sua manutenção docente e administrativa. (MENDES, 2007, p. 103).

Tal escola, se destinava à formação de professores e no ano de 1932 diplomou sua primeira turma. Salientamos ainda que a Escola Normal era de caráter público, o que foi um passo decisivo para o despertar da educação em nossa cidade. Já agora, no século XXI, a cidade de Parnaíba cresceu e atualmente conta com o total de 96 escolas a nível municipal, ofertando à sua população o ensino infantil e as séries iniciais e finais do fundamental. Atualmente, o município é administrado pelo Prefeito Francisco de Assis Moraes Souza, conhecido popularmente como Mão Santa.

3.3.2. A EJA em Parnaíba

A modalidade de educação formal destinada ao público jovem e adulto no município de Parnaíba-PI foi iniciada a partir do ano de 1997, numa tentativa da Secretaria Municipal de Educação em suprir a demanda exigida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. No entanto, não houve uma preparação para que tal momento acontecesse, pois alguns professores, sobretudo os que estavam próximos da aposentadoria ou com o benefício da diminuição de carga horária, foram lotados nessas primeiras turmas.

A lei municipal nº. 1727 de 22 de fevereiro de 2000, instituiu o Conselho Municipal de Educação de Parnaíba, com todas as suas atribuições e finalidades. Quinze anos após, precisamente em 27 de agosto de 2015, foi criada a lei nº. 3019, que adequa o Plano Municipal de Educação (PME) ao Plano Nacional de Educação (PNE) sendo constituído por vinte metas que o município se propõe a alcançar dentro de um período de 10 anos.

Nosso intuito em mostrar essa trajetória histórica é destacar como, infelizmente, não houve momentos em que formação e prática na EJA tiveram maior notoriedade. Logo mais, trataremos de algumas diretrizes do plano Nacional, que se apresenta como um ponto de reflexão sobre a modalidade como um todo. Eis algumas diretrizes do plano:

Art. 2º. São diretrizes do Plano Municipal de Educação:

I – erradicação do analfabetismo;

II – universalização o do atendimento escolar;

III – superação das desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação;

IV – melhoria da qualidade da educação;

V – formação para o trabalho e para a cidadania, com ênfase nos valores morais e éticos em que se fundamenta a sociedade;

VI – promoção do princípio da gestão democrática da educação pública;

VII – promoção humanística, científica, cultural e tecnológica do País;

VIII – estabelecimento de meta de aplicação de recursos públicos em educação como proporção do Produto Interno Bruto – PIB, que assegure atendimento às necessidades de expansão, com padrão de qualidade e equidade;

IX – valorização dos (as) profissionais da educação;

X – promoção dos princípios do respeito aos direitos humanos, à diversidade e à sustentabilidade socioambiental (PME, 2015).

Ao ponderar algumas das metas, notamos que sob a ótica legislativa, algumas diretrizes estão atreladas à Educação de Jovens e Adultos. Interpretamos que há objetivos para serem alcançados e que ultrapassam a modalidade em questão, o que nos permite entender que há, ou pelo menos deveria haver, ações concretas para a efetivação de um trabalho coeso, sério e responsável na EJA.

O Plano Municipal de Educação ainda traz várias metas em seus escritos, que possuem o intuito de universalizar a educação, tornando-a mais próxima e acessível a todos. Detectamos ainda que elas são voltadas para a educação infantil, inclusiva, especial, alfabetização, educação integral, qualidade educacional refletida através do Índice do Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), aumento da escolaridade, formação docente, educação profissional, ensino superior, pós-graduação, valorização docente, concursos públicos e gestão democrática. Especificamente sobre a Educação de Jovens e Adultos, o documento estabelece o seguinte:

“Meta 9: Elevar a taxa de alfabetização da população com 15 (quinze) anos ou mais para 98,5% até 2015 e, até o final da vigência deste PME, universalizar a alfabetização e reduzir em 60% (sessenta por cento) a taxa de analfabetismo funcional (PME, 2015).

Pela meta, verificamos que há uma preocupação com o número de pessoas adultas e analfabetas, ainda segundo o documento, para que o objetivo delineado seja alcançado é necessário uma série de ações. Uma destas ações é a implantação da EJA com o sistema de 9 anos, algo que já está implantado em toda a rede municipal de ensino, desde o ano de 2017.

Entretanto, apenas aumentar o período de aula e na escola não é o suficiente. Sabendo da demanda, outras estratégias como modificações nas propostas pedagógicas, diretrizes curriculares próprias, ampliação na oferta de turmas, principalmente no período da tarde, são essenciais para o bom funcionamento da modalidade. No Plano Municipal de Educação de Parnaíba, ainda há tópicos como uma busca ativa nas comunidades, articulação e parcerias entre a Secretaria de Educação e outras secretarias como Saúde, Esporte, Lazer e Assistência Social. A garantia de acesso à inclusão digital é outra estratégia contida no documento que auxiliaria o cumprimento de tal meta.

Por fim, outro aspecto bem relevante e trazido nas metas presentes no documento tem como estratégia os investimentos na formação continuada do docente inserido na EJA.

Além da preocupação com os índices de analfabetismo, foi trazido também uma finalidade voltada para a integração entre a modalidade estudada e a Educação Profissional. “Meta 10: Oferecer, no mínimo, 25% (vinte e cinco por cento) das matrículas de educação de jovens e adultos, nos ensinos fundamental e médio, na forma integrada à educação profissional” (PME, 2015).

Para que tal objetivo seja alcançado, são necessárias várias ações específicas, entre elas optamos por citar a promoção de eventos para discutir e elaborar diretrizes próprias para a Educação de Jovens e Adultos no município de Parnaíba. Para tanto, é necessário assegurar aos discentes da modalidade cursos de formação profissional, integrar a EJA a cursos profissionalizantes, construir parcerias com empresas, indústrias e até com o setor privado. A fim de alcançar tal proposta, o documento mais uma vez visa a importância da formação dos docentes e a parceria com instituições de ensino superior como alternativa para o aperfeiçoamento das práticas dos professores que culminará na realização de um bom trabalho.

Verificamos que Parnaíba está em meio ao processo de alcance das metas descritas em tal documento e a partir das leituras e conhecimento da área, consideramos que a cidade é carente de uma identidade própria da modalidade. Muitas das metas ainda não foram alcançadas e não há posicionamento das autoridades competentes para tal.

Investir na formação do docente é sem dúvida algo primordial, mas não significa que seja a única ação que pode ou deve ser realizada. São necessárias também ações como a criação de diretrizes curriculares próprias e investimentos na infraestrutura, pois o professor pode ser mais inovador, com um amplo repertório metodológico, porém se o seu aluno não tiver entendimento, acesso claro e objetivo a tais informações, a ação docente se torna sem sentido. Logo, é necessário que tais práticas se tornem significativas para a vida dos discentes.

Segundo dados da Secretaria Municipal de Educação de Parnaíba, na cidade até o ano de 2020, tínhamos um total de 25 escolas disponibilizando vagas para a referida modalidade, com o total de 950 alunos matriculados. É válido salientar que devido à pandemia da COVID-19 neste ano, a EJA sofreu

uma grande evasão, pois grande parte dos alunos não possuem acesso às tecnologias de informação e comunicação, principalmente aqueles que residem na zona rural do município.

3.4 O Professor da EJA e suas práticas

Neste tópico trataremos de algumas reflexões sobre o profissional docente que está inserido na Educação de Jovens e Adultos. Apresentamos resultados de estudos e pesquisas em cuja finalidade é contribuir para a formação do professor da EJA, bem como analisar de forma crítica as barreiras e dificuldades na modalidade. Assim, buscamos trazer as reflexões iniciais ao analisar as dificuldades enfrentadas pelo professor de EJA ao longo de sua trajetória, bem como a sua formação antes e no atual cenário de ensino. Desta forma, refletimos sobre a importância dos professores, sua formação e a trajetória no ensino de jovens e adultos com realidades sociais excludentes no Brasil. Por fim, tratamos ainda de algumas considerações sobre o papel e as dificuldades enfrentadas pelo professor da EJA

3.4.1. A atuação docente na EJA e seus entraves

A formação de professores especificamente para a EJA se iniciou no final de 1980, em meio às discussões nas faculdades com relação a atuação e a capacidade profissional de seus alunos. Foi a partir daí, que muitos cursos da área pedagógica acentuaram as especificidades com relação à formação e a habilidade desses futuros professores, o que possibilitou novas diretrizes aos cursos, habilitando o pedagogo a atuar na educação infantil, bem como nos anos iniciais do ensino fundamental para crianças, jovens e adultos.

Entretanto, essa realidade ainda está muito restrita ao curso de pedagogia, quanto as demais licenciaturas, estas ainda enfrentam dificuldades quanto à formação e a capacitação específica para o público da EJA.

Essa realidade não muda radicalmente a quase total ausência de formação específica para atuar com jovens e adultos, que ainda é a marca dos cursos de licenciatura no País. Os cursos de disciplinas específicas - como história, que é o meu caso, ou ainda letras,

geografia, matemática, química, educação física e todas as outras licenciaturas, que habilitaram professores no final dos anos 1980 e 1990 - não propiciaram a oportunidade de aprender, nas disciplinas pedagógicas e no estágio, sobre os desafios de atuar com os alunos jovens e adultos que retornam ao processo de escolarização, anos após estarem afastados da escola; menos, ainda, sobre como enfrentar esses desafios. (MACHADO, 2008. pg. 165)

É notório que o atual cenário das faculdades e universidades brasileiras, com relação à formação de professores, sente dificuldades de ter um maior aproveitamento e proporcionar aos alunos oportunidades de aprimorar as práticas pedagógicas, conhecer as especificidades do público pertencente à EJA, além de quebrar as barreiras e estereótipos que a rondam.

Podemos traçar uma relação entre as precárias discussões e a formação acerca das especificidades da EJA na formação inicial dos professores, com a dificuldade em trabalhar com este público. A maioria das instituições de ensino superior no âmbito da licenciatura reproduz, segundo Ventura (2012, p.74), “os moldes da escolarização de crianças e adolescentes, materializados em ações que refletem a perspectiva supletiva do currículo escolar”, isto resulta em um dos principais desafios para as turmas de EJA, a ausência da consideração em relação às especificidades e a realidade vivenciada pelos estudantes.

Esse ponto pode estar relacionado ao fato de que a maioria das instituições de ensino superior prepara seus alunos de licenciatura para atuar com alunos ideais, que iriam ser excelentes em aprender e participar das aulas. Aprende-se práticas, metodologias e recursos pedagógicos de diferentes correntes pedagógicas, porém, as realidades escolares são muito contrastantes entre si, e pensar em um padrão escolar sem levar isso em consideração, compromete a formação e habilidade deste futuro professor.

Logo, o principal desafio encontra-se não apenas no professor em formação, mas sim naquele que já atua na modalidade, desde que existem vários profissionais da educação atuando na EJA e que não tiveram oportunidades de uma formação adequada para esse tipo de ensino. Certamente, esses profissionais são os que mais carecem de uma formação continuada que possibilite renová-lo e aprimorá-lo para atender tal público de forma eficiente e contemplativa.

Sendo assim, os professores que futuramente atuarão na EJA, enfrentam as mesmas barreiras de formação dos que já são atuantes. Além disso, a

defasagem de muitos jovens e adultos que não se encontram nas salas de aula evidencia também um problema da necessidade de mais docentes. Nesse cenário, o processo de formação desses profissionais precisa trazer a emancipação defendida principalmente pelo educador Paulo Freire (2019), ou seja, a educação na EJA necessita ser um meio do aluno se enxergar como parte ativa da sociedade, lhe conferindo a oportunidade de transformação por meio dos estudos.

Diante disso, o processo educativo adotado pelo professor deve ser diferente, como afirma Moura (2006, p. 84), a qual argumenta que a formação do profissional deve ser “crítica, reflexiva e orientada pela e para a responsabilidade social”. Nisso, o professor passa a enxergar as dificuldades, problemáticas e especificidades dos alunos e dessa forma consegue orientar sua pedagogia e estratégias de ensino de forma que anseie as barreiras e dificuldades encontradas. Infere-se assim que a formação do professor deve conter a aproximação entre teoria e prática. É preciso uma análise crítica dos ensinamentos e conteúdos ensinados nos cursos superiores, bem como uma reflexão da realidade escolar em que vivemos para que se possa deixar de somente reproduzir conhecimentos e práticas já existentes, e passar a construí-los de acordo com as realidades e desejos dos alunos.

Somado a isso, a questão pedagógica também apresenta seus desafios, pois o professor deve proceder já como conhecedor dos saberes que os seus alunos possuem. Isto porque todos os alunos já detêm certos conhecimentos, que a educação escolar não consegue abarcar. Esse desafio é somado a ministrar as disciplinas de forma mais reduzida devido ao cronograma de ensino da modalidade ser menor. São essas e outras pautas que tornam a educação na EJA tão desafiadora para estes professores que não têm uma formação adequada para lidar com estas e outras realidades de ensino na EJA.

Compreendemos que é por meio do conhecimento das realidades escolares que se pode transformar a educação. A isto soma-se a importância da compreensão de quem são os alunos da EJA, como mencionam Lima *et al.* (2016, p.4): “[...] Conhecer a trajetória de vida deles, suas culturas, suas crenças, seus saberes, são fundamentais para a construção de uma Educação de Jovens e Adultos emancipatória”. Tal conhecimento proporciona um diálogo mais aberto entre professor e aluno. O professor da EJA torna-se um guia para a

reconstrução dos saberes que já existentes e a superação de barreiras e cenários precários em que o processo de ensino muitas vezes se encontra.

São justamente os cenários contraditórios entre a formação do professor e a realidade dos alunos na EJA que exigem projetos pedagógicos específicos, os quais segundo Machado (2008) vem causando situações difíceis. São exemplos como conseguir trabalhar com alunos cansados após passarem o dia trabalhando, bem como flexibilizar as atividades escolares desse sujeito em conluio com as laborais, e é claro ajudar os alunos no processo de aprendizagem conciliando seus interesses, opiniões e diferenças. Um adendo é que muitas vezes, a sala de aula pode ter desde alunos adolescentes até idosos ou então possuir um aspecto mais vazio que o normal em decorrência das constantes faltas, muitas vezes ocasionadas pelas mesmas questões do trabalho citadas anteriormente.

A questão da evasão escolar é um problema grave e que dificulta o processo de ensino dentro da EJA. Um aluno que não consegue comparecer às aulas por motivos de trabalho ou família, acaba por prejudicar o seu ensino e conseqüentemente dificulta o trabalho do professor que terá de dedicar um pouco mais de si àquele indivíduo. Isso deixa claro como o ensino na EJA é complexo em muitos níveis e a pouca visibilidade diante dos órgãos públicos para com a mudança desse cenário dificulta a permanência desses sujeitos nas escolas.

A Educação de Jovens e Adultos precisa de avanços que contribuam para o desenvolvimento do ensino, pois a falta de investimentos só inflama o descrédito na formação dos alunos, perpetuando o estereótipo de educação fracassada. Somada à falta de investimento, outra dificuldade enfrentada pelos profissionais atuantes na EJA é a vasta diversidade que os alunos apresentam e a difícil tarefa de se trabalhar com ela. Nesse ponto, é necessário, como argumentam Lima *et al.* (2016), que o professor conheça os alunos e suas vivências, a fim de entender os anseios de cada um, compreender a realidade e o ambiente social ao qual pertencem e para onde pretendem ir por meio da educação. Essas são formas de superarmos as dificuldades e enxergar que os alunos da EJA não são descapacitados por sua história de vida, pelo contrário, essas características só contribuem para o seu crescimento como cidadão emancipador de sua realidade de exclusão social.

Essa transformação na compreensão e valorização perante a EJA e seus alunos é de extrema importância para a educação transformadora em que se apoia. Segundo Arroyo (2011, p. 24):

Superar a dificuldade de reconhecer que, além de alunos ou jovens evadidos ou excluídos da escola, antes do que portadores de trajetórias escolares truncadas, eles e elas carregam trajetórias perversas de exclusão social, vivenciam trajetórias de negação dos direitos mais básicos à vida, ao afeto, à alimentação, à moradia, ao trabalho e à sobrevivência (ARROYO, 2011, p. 24).

É necessário que se reconheça que os alunos da EJA carregam consigo marcas sociais de extrema exclusão e que ao contrário dos alunos da educação regular, possuem uma longa trajetória de vida que em determinados momentos e por inúmeros motivos lhes foi negado ou interrompido o acesso à educação.

É na volta à escola, por meio da EJA, que esses alunos buscam uma mudança de vida e enxergam a possibilidade de novos horizontes. Nisso, entra a importância do professor, que será o guia e, muitas vezes, o espelho para eles. Reconhecer as especificidades já mencionados, no final das contas é importante tanto para o professor quanto para os alunos.

No meio de muitos desafios enfrentados na educação da EJA, um dos principais a serem superados é a ideia de suplência, como afirma Ventura (2012). A formação de professores para EJA, nesse aspecto é importante pois, embora o cenário, os currículos ministrados pelos profissionais ainda possuem uma abordagem compartimentalizada, com períodos acelerados de ensino e avaliações classificatórias de níveis abaixo da capacidade do aluno. Todo esse cenário contribui para outra barreira a ser rompida por professores na EJA, a atribuição da capacidade infantil de raciocínio aos alunos. É preciso entender que os alunos da EJA possuem particularidades. O aluno torna-se o elemento principal para a pedagogia e as práticas que o professor irá se apropriar. Conhecer os modos como esses alunos concebem seu cotidiano entrelaçando aos seus conhecimentos e objetivos, ajudam na construção pedagógica.

É notório que as práticas dos professores são influenciadas por diversos fatores, como afirma Mollica (2010, p.66):

A prática profissional dos professores é marcada por fatores de diversas ordens, por exemplo, influência de políticas públicas,

formação acadêmica, relações interpessoais etc. Sem desconsiderar que o conjunto desses fatores é responsável pela atuação, este eixo de discussão privilegia apenas aquele referente à prática do docente iniciante na EJA frente ao outro, isto é, a partir da troca com o ambiente escolar por meio da relação com alunos e equipe de profissionais da escola (MOLLICA, 2010, p. 66).

A troca de experiências e o suporte escolar com relação aos alunos e aos demais funcionários que fazem parte da escola e do processo de ensino é marcante na prática profissional do professor na EJA, principalmente aos iniciantes que irão conhecê-la pela primeira vez.

As primeiras experiências de trabalho com a EJA podem causar grande impacto, como afirma Mollica (2010), isso advém de situação e realidades novas de ensino, o que pode ser benéfico ou não para o professor. Esse processo contém muitas nuances entre o que foi aprendido na faculdade e a realidade da escola. Porém, sem dúvida, este cenário é muito importante para o docente, pois será um pilar para a construção, não só de sua pedagogia e metodologia de ensino, mas para a construção do seu ser professor, além de desconstruir todos os estereótipos adicionados ao ensino e alunos da EJA.

Nisso, a direção escolar deve dar o suporte aos professores para orientá-los no início do processo educacional. Nesse ponto de participação da coordenação escolar, Mollica (2010) defende a importância das reuniões pedagógicas sendo uma das principais ferramentas colaboradoras para o professor, principalmente para os professores iniciantes. Nessas reuniões, os funcionários, de forma geral, têm a possibilidade de trocar experiências, além de debater com o coordenador pedagógico que será uma peça central para o processo de mediação entre os comentários, discussões, análises e sugestões destes profissionais que atuam na Educação de Jovens e Adultos.

A realidade escolar atua diretamente na performance do professor em sala de aula, o que gera um feedback satisfatório ou não. O aluno da EJA, por seu histórico de vida escolar, muitas vezes fracassado, e a realidade social excludente enfrentada, já traz consigo sentimentos desagradáveis. Diante disso, as trocas de experiências apenas com os docentes e funcionários da escola não serão suficientes; é preciso que haja também, interação e debate com os alunos da EJA, que são o elemento mais importante desse processo.

Observamos que o papel do professor da EJA é importante na medida em que ele possa compreender sua relevância na construção dos seus alunos como cidadãos importantes na sociedade e transformadores da realidade em que vivem. Lopes e Sousa (2009. p.12-13) afirmam que:

Educar jovens e adultos, hoje, não é apenas ensiná-los a ler e escrever seu próprio nome. É oferecer-lhes uma escolarização ampla e com mais qualidade. E isso requer atividades contínuas e não projetos isolados que, na primeira dificuldade, são deixados de lado para o início de outro. Além disso, a educação de jovens e adultos não deve se preocupar apenas em reduzir números e índices de analfabetismo. Deve ocupar-se de fato com a cultura do educando, com sua preparação para o mercado de trabalho e como previsto nas diretrizes curriculares da EJA a mesma tem como funções: reparar, qualificar e equalizar o ensino (LOPES; SOUSA, 2009, p. 12-13).

É preciso repensar a educação de Jovens e Adultos e quebrar a crença de ser um ensino voltado para a alfabetização. Embora as dificuldades e barreiras sejam grandes, a EJA tem por objetivo a ampla escolarização; e é por meio do comprometimento de todos os agentes responsáveis pelo processo de ensino que se poderá suprir as barreiras e ajudar a transformar a vida dos alunos, levando em conta sempre as suas vivências e cultura, para dar a oportunidade de qualificação e crescimento por meio do ensino.

Desenvolver uma educação construtora e o crescimento social para jovens e adultos é um processo que envolve todos nós. Tentar mudar a realidade e buscar melhorias para o ensino da EJA deve ser um ponto importante quando abordamos a promoção de uma educação mais igualitária. A EJA é um espaço de transformações, não só para os alunos, mas para professores e os demais profissionais, em que as trocas de experiências e aprendizados são extremamente fortes.

Para de fato haver uma transformação dos profissionais na EJA e as concepções e metodologias de ensino nessa modalidade, é necessário que ocorram mudanças principalmente nas universidades. A formação acadêmica é o ponto inicial onde o docente irá ter a teoria necessária para relacionar e assim transformar, de acordo com as suas particularidades, a realidade e dificuldades dessa modalidade de ensino.

Relacionar e entender a importância do trabalho dentro do ensino da EJA, também é um fator importante. Uma proposta pedagógica que considera a

educação como um recurso emancipador e complementar ao trabalho, torna o processo mais efetivo. O trabalho é um aspecto importante na vida desses alunos, pois é por meio dele que os estudantes sobrevivem muitas vezes em realidades sociais difíceis e o conhecimento entra como um pilar para o crescimento profissional, bem como para o desenvolvimento crítico e transformador.

Mais do que detectar as dificuldades e barreiras, é necessário que alunos e professores compreendam e reflitam, e não apenas para se adaptem por um breve momento, mas operem mudanças a longo prazo. Essa compreensão crítica, possibilita a constituição de uma educação mais expressiva em dimensões políticas, sociais e educacionais. O currículo pedagógico na EJA, deveria trazer um olhar de valorização das experiências, profissões, vivências e especificidades que pertencem a esses alunos e que eles trazem para dentro de sala de aula. Assim, o processo de ensino-aprendizagem deve considerar tais pontos pertencentes aos alunos, rompendo assim com as desigualdades educacionais.

4 DANDO VOZ A QUEM REALMENTE FAZ A EJA EM PARNAÍBA: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A Resistência

Na terra da esperança
A fraqueza se evoluiu,
Buscou em seu cerne, a força
E então o medo se sucumbiu.

O passado é de experiência
Mesmo que trazendo a dor,
Tece as fibras da resistência
Que se emaranham no interior.

Passa os dias diante dos olhos
Começa então a se acostumar,
E a ferida que a muito tempo sangra
Seu escárnio já não parece mais impactar.

Uns dirão que é cicatriz
O ciclo da cura do ferimento,
Porém, fecha se este e outros abrem
Trazendo a dor em algum momento

E o vem e vai da recuperação
Permite então, respirar,
Juntando fragmentos de compreensão
Que um alívio passa a experimentar.

É que em uma convicção final
Na vida, estilhaços estão sempre a nos atacar,
Assim, talvez a maior defesa não seja a cicatrização
Mas a corajosa capacidade de suportar!

Esdras Goulart Bueno

Início esta etapa do trabalho com o soneto do poeta contemporâneo Esdras Goulart Bueno, em que o autor propõe um diálogo sobre o conceito de resistência e como tal vocábulo se caracteriza no cenário atual em quem vivemos. Durante todo o texto, o escritor faz uso de um verbo que ultimamente vem aparecendo cada vez mais: resistir. Uma ação que tanto hoje é falada e discutida nos debates intelectuais e tão vivenciada pela grande massa da população nacional. Nunca necessitamos tanto resistir, e independentemente da nossa origem precisamos na atualidade resistir àquilo que insistem em nos submeter. E por que iniciar falando de resistência? Qual a relação desse tema com o objeto estudado durante esse processo formativo?

Num contexto de pandemia como o atual, em que grande parte dos países do mundo estão buscando formas de salvar sua população, é importante que as pessoas conheçam e se informem como o vírus age e como ele pode trazer malefícios a sua vida. No entanto, surge em meu íntimo a seguinte indagação: como exigir que as pessoas se cuidem, se as mesmas não têm acesso à informação? Como chegar à grande população se os próprios estudos mostram que grande parte dos brasileiros simplesmente não gostam de ler?

Esse é um dado que infelizmente já era uma realidade antes da pandemia e que com o cenário atual foi ainda mais intensificado. Como resistir em meio ao caos? Como ter forças para buscar compreender os fenômenos educacionais nas diversas esferas, se a cada dia pessoas próximas a nós, são acometidas e levadas pela doença e ao ter acesso aos meios de comunicação as projeções são as piores sempre?

Nesse contexto de perdas, lutas, resistências e buscas que agora, trarei a fala de cinco professores atuantes na Educação de Jovens e Adultos no município de Parnaíba-PI, os relatos descrevem como os mesmos desenvolvem suas práticas na referida modalidade. Na primeira parte do trabalho acadêmico, aponte para os percursos trilhados e os instrumentos utilizados para a produção dessas informações que aqui estão expostas. Ressalto que todos os envolvidos na pesquisa participaram voluntariamente e concordaram com o que estava descrito no Termo de Esclarecimento e Livre adesão à pesquisa, que se encontra nos apêndices.

Nesta etapa do trabalho, analisaremos os dados produzidos pelos participantes, onde contemplamos as suas narrativas, escritas nos diários. Pontuo ainda que cada professor investigado recebeu uma nomenclatura própria para honrar com o compromisso de não-divulgação de seus nomes e assim preservar sua identidade. Além disso, a utilização de cores para a identificação dos sujeitos cumpre mais uma vez o acordado entre os pares, a não divulgação de sua identidade, e dessa forma cada interlocutor será aqui denominado de: **AZUL, VERMELHO, AMARELO, VERDE E PRETO.**

Logo abaixo, temos a sistematização dos nomes que cada um dos sujeitos recebeu.

Figura 03: Identificação dos Interlocutores da Pesquisa

INTERLOCUTORES DA PESQUISA	
Professor Azul	
Professor Vermelho	
Professor Amarelo	
Professor Verde	
Professor Preto	

Fonte: Diários Narrativos

Nesse ensejo, subsidiado pelos objetivos a serem alcançados, debruçamo-nos numa análise detalhada dos dados produzidos, baseados nos ideais de Bardin (2006). Para fins didáticos e no intuito otimizar a organização da pesquisa, selecionamos três pontos fortes, que nesta produção nomeamos de marcos para serem analisados. Logo abaixo temos a sistematização dos mesmos.

Figura 04: Marcos Para a Análise de Dados

MARCOS PARA ANÁLISE DE DADOS	
MARCO A	Formação Docente
MARCO B	Reflexões sobre a Prática
MARCO C	Principais Necessidades e Carências

Fonte: Diários Narrativos

A partir da análise realizada, fixamos 3 (três) marcos significativos da análise que são: **A – Formação Docente**, **B – Reflexões sobre a prática**, **C- Principais Necessidades e Carências**. Após a definição dos marcos de análise, fixamos nossa atenção na releitura dos diários produzidos com o intuito de identificar os indicadores de cada um dos três marcos já estabelecidos. Análises que serão apresentadas a seguir.

4.1 Marco para análise A – Formação Docente

Todo profissional possui uma formação, nem que seja a mínima para executar de forma conveniente seu trabalho. Na classe trabalhadora docente, essa regra é bem válida e, inclusive, é tema de inúmeras pesquisas e estudos.

Afinal existe uma formação ideal? Há alguma formação de fato que proporcione ao trabalhador professor o desenvolvimento de todas as habilidades necessárias para o exercício da docência? Na literatura acadêmica encontramos um vasto ramo de pesquisas destinados à formação do professor, mas interrogo-me quando de fato esse processo formativo tem início?

A formação do professor começa com a sua aprendizagem do Ofício de aluno e como a sua observação cotidiana do desempenho de professores. Nisto a formação para a profissão docente distingue-se das outras formações profissionais por quê a visibilidade do desempenho de outras profissões é muito limitada quer mais oportunidades temporais, que é no âmbito dos componentes do desempenho observadas. (FORMOSINHO, 2009. p. 9).

Guiados pela fala acima, verificamos alguma peculiaridade da formação do professor, que se inicia quando esse aspirante a docente ainda é aluno, onde aprende a partir das interações e experiências do seu dia-a-dia. É interessante também frisar que os impactos de uma formação plausível e flexível ao trabalho docente garante frutos a médio e a longo prazo. Nesse contexto, compreendemos que uma formação impactante no percurso profissional de um docente é algo que pode garantir o sucesso em suas práticas.

Destaco ainda que não é o fator dominante, porém, é algo que somado a outros aspectos corrobora para a formação de um indivíduo crítico e reflexivo tão almejado no contexto social hoje. Na EJA, um profissional que estimula através de suas ações esse pensamento crítico, emancipatório, consciente e reflexivo em seus discentes consegue finalmente alcançar um dos principais objetivos da modalidade conforme o que é exigido na Lei de Diretrizes e Bases.

Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos fundamental e médio na idade própria e constituirá instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida.

§ 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

§ 2º O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si.

§ 3º A educação de jovens e adultos deverá articular-se, preferencialmente, com a educação profissional, na forma do regulamento. (BRASIL, 2018).

Pela interpretação do artigo e parágrafos acima verificamos que a EJA possui uma caracterização própria enquanto modalidade e que os docentes que nela atuam para alcançarem seus objetivos necessitam desenvolver habilidades específicas.

Na perspectiva jurídica e legal, para exercer a docência na educação de jovens e adultos é necessário como requisito básico o curso de alguma licenciatura como Pedagogia, Letras, História ou Geografia. Em Parnaíba, especificamente, não é exigido uma especialização ou curso próprio sobre a modalidade.

A formação do professor voltado a EJA visa aperfeiçoar técnicas pedagógicas metodológicas de ensino que possibilitem a permanência desses educandos na escola, proporcionando-lhes um ensino significativo que os levem análise crítica dos fatos abordados em sala de aula e do seu meio social. (CRUZ, 2018).

Partindo do pressuposto de que a ideia do autor acima induz a uma formação pautada nos aspectos acima descritos, como exigir tais práticas do docente sem uma formação específica? Chega a ser cruel propor ao professor determinadas práticas, onde suas condições de trabalho são insalubres e o mesmo não dispõe de recursos próprios para as suas atividades laborais.

Analisaremos a partir de agora as falas dos professores participantes e a partir delas compreenderemos como as formações contribuem, influenciam e impactam o percurso profissional dos sujeitos da pesquisa. De acordo com o texto produzido pelo Professor Azul verificamos que o mesmo tem uma longa trajetória enquanto docente. Já teve a oportunidade de realizar um trabalho voltado ao público adulto onde, segundo sua narrativa, não faltavam condições para o desenvolvimento de um bom trabalho.

Estou na docência há 15 anos como professora polivalente formada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Piauí. Trabalhei durante 18 meses como professora de um programa destinado a jovens e adultos entre 18 e 29 anos, pessoas que não concluíram o ensino fundamental. Atuei também nas turmas de EJA da terceira, quarta e quinta etapas. Nessas turmas ministrei aulas para quatro alunos, três jovens e um idoso. Essa experiência me proporcionou um olhar

diferente, me senti recomeçando a ensinar, como se fosse a primeira vez na sala de aula. Meu processo formativo na EJA se deu a partir da prática em sala, e percebo que essa modalidade precisa de docentes que acolham, os alunos estão ali para aprender, mas sobretudo para compartilhar suas vivências e leitura de mundo. (PROFESSOR AZUL).

O professor ainda relata que essa experiência lhe proporcionou a chance de “ver com outros olhos sua própria prática”, como também exigiu da sua parte um comportamento mais humano e acolhimento, pois além dos conteúdos curriculares, era necessário compreender a leitura do mundo trazida pelos alunos.

Com a leitura feita a partir da redação do texto do Professor Vermelho, notamos uma caminhada diferenciada, pois ele nunca teve como objetivo de vida encarar a carreira docente. No entanto, devido às diversidades pessoais, e até mesmo por falta de opção em outras áreas, o mesmo chegou ao magistério.

Ser professora nunca foi prioridade como carreira profissional até que de repente fui matriculada no magistério. Sou oriunda de outro estado e estava sem vagas em outras escolas, e assim, nesse contexto, chego à área educacional. Minha primeira experiência como professora foi frustrante, pensei em desistir, mas prossegui devido às responsabilidades com a casa e família. Atualmente sou Licenciada em Letras e Especialista em Atendimento Educacional Especializado e além da rede municipal atuo também na rede estadual do Maranhão. Apaixonei-me por minha profissão somente quando me deparei com a educação especial e a educação de jovens e adultos. Sobre formações específicas para EJA, recordo-me de uma promovida pela Secretaria Municipal de Educação, ainda bem no início do meu trabalho nessa modalidade em 2016. Depois disso, não recordo outros momentos como este, percebo assim que a modalidade é sempre esquecida. (PROFESSOR VERMELHO).

Fizeram parte da sua rotina algumas experiências frustrantes, principalmente no início do exercício da docência, mas as responsabilidades típicas de um adulto como casa, filhos, sustento, entre outras, fizeram com que permanecesse no trabalho.

Entretanto, ao se deparar com campos específicos da pedagogia como a educação especial e a EJA, o docente se diz apaixonado pela profissão. Conclui sua fala enfatizando que a partir dessa experiência prática pode compreender e vivenciar aquilo que era dito na faculdade e que achava tão distante da realidade da escola. Também relata sentir falta de formações no contexto municipal, formações estas onde a EJA seja discutida a luz dos teóricos, mas também da realidade parnaibana.

Agora partimos para análise do relato do Professor Amarelo, o mesmo possui 10 anos de experiência na educação pública, e 6 anos dentro da EJA, onde especificamente pode desenvolver suas atividades. Ele afirma que muitas vezes assume o lugar do aluno, pois sempre aprende com eles. É consciente que ensina, no entanto aquilo que aprende de seus discentes nenhum diploma é capaz de ensinar.

Com 10 anos que tenho na educação pública, 6 desses são dedicados a EJA. Me pego pensando que muitas vezes ensino a codificar e a decodificar enquanto meus alunos me ensinam coisas sobre a vida que nenhum diploma será capaz de me qualificar. Sou graduado em Pedagogia e possuo especialização em AEE. Neste percurso percebo que títulos, diplomas e formações são importantes, e os alunos da EJA precisam de profissionais que tenham sensibilidade para usar uma linguagem que a turma entenda. Cada um tem sua opinião formada sobre esse mundo e alguns dos alunos não sabem ler ou escrever, mas são capazes de compreender o mundo que, infelizmente, a escola não ensina (PROFESSOR AMARELO).

Apesar da sua formação em Pedagogia, e com algumas especializações pertinentes à área educacional, ele compreende que ainda não houve formação que garantisse atender as necessidades que a clientela da EJA exige. O professor ressalta que é de extrema importância que os profissionais tenham sensibilidade, inclusive nas suas palavras. Afinal, é interessante que a turma compreenda a linguagem utilizada por esse professor, pois são adultos possuem suas opiniões formadas, e, mesmo que alguns não saibam ler palavras escritas, compreendem o que se passa no mundo.

O Professor Verde evidencia que em sua formação inicial também foram escassos os momentos em que a Educação de Jovens e Adultos foi destaque.

Trabalho como professora há 13 anos e neste tempo verifiquei como foram poucos os momentos formativos voltados para a EJA me graduei em pedagogia e lembro que tive apenas uma disciplina em todo o curso voltado a EJA. Não fiz especializações voltadas para a modalidade e na outra graduação (Letras/Inglês) nem uma disciplina tive. Nesses 13 anos efetiva na rede municipal poucos foram os momentos dedicados a essa modalidade é necessário rever. (PROFESSOR VERDE).

Ao comparar suas duas graduações, ambas licenciaturas, o Professor Verde percebeu que em raros momentos a EJA foi objeto de estudo. Essa precariedade na formação inicial reflete também na sua trajetória como

profissional, pois não verifica atualmente momentos de discussão e formação própria da modalidade.

Ao analisar o relato do Professor Preto, percebemos que também se trata de um profissional bem experiente, e que mesmo assim sempre procura buscar novos conhecimentos. Ele aponta quem em seus processos formativos não lhe foram oferecidos momentos de reflexão.

Sou graduada em pedagogia há quase 20 anos e recentemente cursei outra licenciatura, onde tive poucos momentos onde a EJA era o centro das reflexões. Na faculdade somos estimulados a pensar em estratégias para o público infantil e poucas são as oportunidades de pensar ou refletir para o público adulto, logo, não tenho uma formação específica para este trabalho, mas já me interessei em buscá-la (PROFESSOR PRETO).

Esse mesmo participante ainda estabelece diferenças entre a modalidade estudada e o ensino regular. E ainda revela que ao se deparar com a escrita do seu diário, instrumento desta pesquisa, reflete e faz uma autocrítica, onde afirma ter surgido o interesse pela busca de estudos próprios sobre a EJA.

De acordo com o que foi exposto pelos professores em seus diários, percebemos que cada indivíduo possui uma trajetória inicial até chegar o momento que se inicia uma outra trajetória: a formativa. É interessante apontar que essas experiências profissionais refletem experiências pessoais, em que alguns professores demonstram um maior entendimento ou maior aproximação com a EJA a partir de suas próprias vivências. É interessante perceber como o percurso de vida de cada sujeito reflete a sua prática e conseqüentemente seu processo formativo.

Nóvoa (2000) expõe que cada adulto em processo formativo é portador de uma história de vida e de experiências profissionais que foram vivenciadas em contexto social, cultura e institucional, sendo fundamentais para a sua formação inicial. Assim, o ambiente em que cada sujeito (docente) está lotado, a etapa escolar onde trabalha, a localidade onde a escola está inserida e os mecanismos utilizados para o seu trabalho, contribuem diretamente para o processo de formação do indivíduo.

Ainda nesta etapa, ao analisar todas as narrativas dos sujeitos participantes, notamos que todos carregam o título de professor devido a sua formação inicial e principalmente por exercerem tal ofício.

Pode-se induzir que existam diferentes concepções a partir da existência de diferentes definições formais do que é um professor – para o modelo maioritário, professor é o licenciado, com ou sem habilitação profissional completa, que dá aulas de modo permanente. Isto é, a aquisição da categoria de professor dá-se pelo vínculo do trabalho. (FORMOSINHO, 2009. p.33).

Percebemos pela fala do autor que o indivíduo se torna professor a partir da sua licenciatura ou por apresentar já algum vínculo com o meio laboral. Pelos relatos dos professores da pesquisa, verificamos que a formação voltada ao professor da EJA vai além dos saberes expostos em momentos formativos, mas devem ser momentos onde a sensibilidade e a empatia devem ser trabalhadas, o que pode garantir maior êxito nas atividades praticadas na modalidade.

Ainda nessa primeira categoria analisamos os caminhos trilhados por cada indivíduo até chegar ao exercício da docência em si, como também a atuação na EJA. Frisamos ainda a heterogeneidade do corpo docente como um fator determinante nos diferentes processos formativos e conseqüentemente em suas práticas. Professores heterogêneos em conhecimentos e formações aptos para o trabalho com alunos igualmente diversos. Nessa perspectiva, Pacheco e Flores (1999. p.126) nos lembram o seguinte:

Promover o desenvolvimento profissional do professor, nas suas mais diversas vertentes e dimensões, constitui o propósito global subjacente a expressão formação continuada, o que pressupõe um leque variado de situações de aprendizagem. (PACHECO e FLORES, 1999. p.126)

Ainda a partir das narrativas dos colaboradores da pesquisa, notamos que os seus processos formativos são marcados por etapas obrigatórias (graduação). Os participantes se sentem carentes de formações próprias, voltadas para a atuação na modalidade. Percebemos ainda que os docentes, dentro das suas limitações, procuram desenvolver seu trabalho de forma condizente com a clientela, e que é nítida a queixa de maiores momentos de formação em que a EJA seja evidenciada.

4.2 Marco para Análise B – Reflexões sobre a prática

Neste marco buscamos mostrar algumas reflexões sobre o trabalho docente na EJA, observando quais são as práticas mais comuns e exitosas. Se há alguma que não é conveniente, é tentada e suas principais motivações. Aqui discutimos as inúmeras facetas da prática pedagógica na EJA. Buscamos além dos relatos dos colaboradores do estudo, relacionar a alguns teóricos como Gadotti e Romão (2011), Sousa (2009), Zeichner (2013). Ainda nesse contexto de discussão sobre a prática pedagógica, buscamos visualizar as experiências mais exitosas, bem como aquelas mais frustrantes e/ou que não alcançaram determinadas expectativas.

Zeichner (2013) nos incita a pensar sobre a relevância de uma prática imbuída de reflexão:

A reflexão não consiste num conjunto de passos ou procedimentos específicos a serem usados pelos professores. Pelo contrário, é uma maneira de encarar e responder aos problemas, uma maneira de ser professor. A ação reflexiva é um processo que implica mais do que a busca de soluções lógicas e racionais para os problemas. A reflexão implica intuição, emoção, paixão; não é portanto, nenhum conjunto de técnicas que possa ser empacotado e ensinado aos professores, como alguns tentam fazer.

O pensamento acima nos revela que a reflexão sobre a prática não é algo que segue determinado procedimento e assim é posta em prática, mas sim é um processo evolutivo que exija do profissional da educação aspectos que vão além do seu trabalho.

Para fins organizacionais, ramificamos este tópico em duas principais partes. *A priori*, apresentamos as estratégias metodológicas utilizadas pelos professores para atuação na EJA e para o combate à evasão. Aqui também foi trazido sobre como os professores vem desenvolvendo suas atividades no contexto pandêmico.

Além disso, trago falas sobre o comprometimento dos professores com o seu trabalho e porque insistem em permanecer desenvolvendo na EJA suas atividades laborais.

4.2.1 Estratégias utilizadas para o ensino na EJA

Após a leitura das falas acima expostas, é importante notar de forma geral a atenção de cada profissional para com o seu público. É importante frisar a tentativa de cada um em propor uma diversidade de alternativas, sempre avaliando aquela que mais se sobressai em relação às outras e, principalmente, ao significado que elas possuem em relação ao público.

Nessas tentativas, analisamos como a prática pedagógica é construída a partir de inúmeras colaborações, que são experiências resultantes de inúmeros processos formativos teóricos e práticos. Segue abaixo o relato de um dos professores participantes:

O trabalho na EJA precisa ser diversificado, lembro-me que na minha escola realizávamos diversas atividades: feiras, festas nas datas comemorativas, entre outras. Sempre fui comprometida com o meu trabalho, procurava planejar sempre com muito carinho, pensando evidentemente nas dificuldades de cada um. Gostava de participar das atividades promovidas pela gestão da escola. Práticas pedagógicas que dão voz aos alunos são aquelas que mais trazem resultados positivos. Nossa clientela é calada por diversos setores sociais e a escola muitas vezes é o único local que o mesmo pode se desestressar (PROFESSOR AZUL).

Ao verificar o relato do Professor Azul, analisamos alguns pontos que merecem ser tecidos alguns comentários. O professor traz informações sobre sua rotina de trabalho, onde propõe atividades que provocam a reflexão dos sujeitos e também afirma planejar seu trabalho, buscando aproximar o conteúdo curricular da vivência.

Percebemos que esse profissional compõe a sua prática não apenas a partir dos saberes compreendidos na academia, mas também a partir do exercício desses mesmos saberes. Barreto e Barreto (2011) já nos advertiam que a formação é uma prática de conhecimento e todo conhecimento nasce com uma pergunta; a pergunta é o primeiro passo do conhecimento, surgindo ao longo do percurso para dar sustentação aos nossos saberes.

Dessa forma, como propor atividades discursivas a um público até então massificado pela sociedade como um todo? Ainda em sua fala o professor evidencia que sempre procura dar voz e vez aos seus alunos, pois compreende que o contexto de onde muitos são oriundos impossibilitam certos debates. Com

a fala do Professor Azul conseguimos compreender que uma prática diversificada, recheada com diversas estratégias e onde o aluno é protagonista, faz com que ele compreenda, participe e opine naquilo que é discutido fazem a diferença para uma prática exitosa.

É necessário que o aluno perceba e, principalmente, acredite que ele pode aprender, se desenvolver e ocupar lugares que até então não lhe foram cabidos. Analisamos agora a seguinte fala:

Para trabalhar na EJA é interessante conhecer o alunado. O público geralmente apresenta necessidades educacionais que exige flexibilização, mediação com uma abordagem metodológica dinâmica e o uso de material didático de acordo com a realidade e vivência do aluno. Bingos, baralho, trilhas, batata quente e dominó são alguns artifícios usados para aula. Não podem ser brincadeira infantil afinal estamos lidando com adulto (PROFESSOR VERMELHO).

Com a análise do relato do Professor Vermelho, observamos como uma boa prática juntamente de quem a exerce faz toda a diferença. Conhecer o seu público é frisado como algo de grande importância, e é relatado ainda que os alunos inseridos na Educação de Jovens e Adultos possuem certas necessidades educacionais, o que conseqüentemente exigirá um olhar e uma ação diferenciada para o aluno.

Como estratégia, utiliza-se de materiais e recursos diversos, produzidos de acordo com o conteúdo a ser trabalhado e que podem de fato contribuir de forma significativa. O Professor encerra sua fala evidenciando que é importante não esquecer que o público é adulto, e que a proposta lúdica deve ser levada em consideração moldada nos preceitos que ajude a um adulto, diferentemente daquilo que é proposto ao público infantil

Sobre os recursos didáticos, Soares contribui conosco ao propor que:

Quando falar de recursos didáticos, estarei me referindo a tudo aquilo que não foi criado com intuito didático, mas que a intencionalidade que lhe é depositada o torna didático. Como uma música, um filme, a televisão, o aparelho de som, o data show, um passeio, uma caneta etc. Que não foram criadas preliminarmente com caráter didático, mas que passam a tê-lo quando assumem um papel de instruir, de facilitar o processo de ensino aprendizagem. (2015, p.22).

A partir da fala do autor, verificamos que uma forma diferente e atrativa em sala de aula, com a utilização de recursos, pode sim, além de viabilizar uma

aprendizagem mais fluida, contribuir com a motivação dos alunos em sala de aula.

Com a leitura feita ao relato do professor Amarelo, percebemos uma certa inquietação quanto ao uso de sua linguagem, pois ele diz que tenta desenrolar suas atividades utilizando uma linguagem coerente com aquilo que o aluno apresenta, ou melhor, com aquilo que o aluno compreende.

Desenvolvo minhas atividades, aliás, ao menos tento, utilizando uma linguagem adequada à ocasião. Diariamente me pergunto se estou cometendo alguma falha, se eles estão aprendendo e se as aulas estão sendo agradáveis, pois o aluno da EJA responde com a evasão escolar que muitas vezes é uma das principais chagas da modalidade. (PROFESSOR AMARELO).

O professor ainda justifica essa preocupação ou posicionamento devido ao fato que muito lhe perturba na modalidade: a evasão. Segundo ele, o aluno de EJA que não se identifica com a prática adotada pelos profissionais docentes acaba desistindo de frequentar as aulas e isso contribui diretamente para o elevado número de evasão.

Sobre esse fenômeno, sabemos que muitos são os fatores que acabam contribuindo para que ele se efetive: rotina de trabalho, filhos, preocupações, problemas familiares, falta de incentivo, entre outros. O Professor Amarelo, através de sua fala, contribui para nos questionar sobre o seguinte fato: Será que o professor consegue impedir que a evasão aconteça?

Pensar dessa forma pode trazer certas melhorias à qualidade de ensino, pois ter professores trabalhando juntos em prol de uma aprendizagem motivadora é muito importante, no entanto, também é preciso lembrar que não é apenas com docentes preocupados que o problema se resolve. Também são necessários investimentos na área educacional, bem como em políticas públicas, voltadas diretamente para essa modalidade que garantam ao estudante o seu livre acesso, como também a sua permanência em sala de aula.

Cá (2010) apresenta as políticas públicas como um conjunto de ações governamentais concebidas com o objetivo de resolver problemas ou condições que afetam segmentos específicos da comunidade ou da sociedade como um todo. Sendo assim, as políticas públicas destinadas à EJA poderiam fazer parte de um programa ou de uma ação que objetiva “erradicar o analfabetismo entre

jovens e adultos, [...] visando resolver esse problema que assola esse segmento da população”. A fala de Cá (2010) nos provoca no sentido de questionar o seguinte: Se na Lei maior que rege o país está escrito que todos têm direito à educação, por que existem aqueles que ainda precisam da EJA?

O Professor Verde inicia sua fala sobre práticas vislumbrando ideias para o ensino dos adultos. Segue seu relato:

Penso que ensinar adultos ou jovens fora da faixa série/idade é aprender a se colocar no lugar do outro constantemente, é levar em conta autoestima, expectativas e sempre valorizar a força de vontade de cada um e a história que carrega. Já presenciei brigas em sala, não foi fácil, mas durante as aulas buscava levar propostas que fizessem o aluno pensar. Muitas vezes, as atividades não tinham um efeito, mas conforme o tempo ia passando eles me conheciam e com isso ganhava confiança, o que conseqüentemente melhorava as suas participações (PROFESSOR VERDE).

Ele verifica que ensinar a esse público exige se colocar no lugar do outro constantemente, enaltecendo sua autoestima, como também força de vontade e o percurso percorrido por cada um daqueles sujeitos. Segundo o professor, o trabalho com a EJA se fortalece com o tempo. Quanto mais o tempo passa, mais os alunos conhecem e acabam se “acostumando” com a sua forma de trabalho, o que traz como consequência a confiança e a credibilidade.

Essa confiança acarreta benefícios não apenas para o professor, que consegue realizar o que almeja, como também para o aluno, que se abre para novas oportunidades de aprendizagem. A experiência relatada pelo professor nos sugere que ensinar vai exigir determinada paciência para se desprender das nossas amarras burocráticas, se soltar daquilo imposto pelos conteúdos curriculares e planejamentos. No entanto, tendo a possibilidade de visualizar a dimensão humana, aquele sujeito, que depois de um dia cansado de trabalho, ocupação esta muitas vezes que exige uma força física e que poderia chegar em casa e conviver com a sua família e/ou amigos, abre mão dessa possibilidade e munido de poucos recursos chega até aos bancos escolares.

Freire (2013) já nos disse que:

O papel da autoridade democrática não é transformado a existência humana num “calendário” “escolar” “tradicional”, “marcar as lições” de vida para as liberdades, mas, mesmo quando tem um conteúdo programático a propor, deixar claro, com seu testemunho que o fundamental no aprendizado do conteúdo é a construção da

responsabilidade da Liberdade que se assume. No fundo o essencial nas relações entre educador e educando, entre autoridade e liberdades, entre pais, mães, filhos e filhas é a reinvenção do ser humano no aprendizado de sua autonomia (2013. p.92).

Com esse pensamento, e o relato descrito pelo professor Verde, compreendemos a dicotomia existente entre a teoria e a prática, e visualizamos como a fala do autor é presente na estratégia utilizada pelo docente, o que fortifica uma pedagogia que de fato esteja e seja voltada para a autonomia, uma vez que instiga um pensamento crítico-reflexivo.

Concluimos esse tópico com a análise do material produzido pelo Professor Preto. Seu relato aqui segue:

Para a EJA, gosto de utilizar projetos para repassar meus conteúdos. Aposto também na parceria com outras disciplinas, fazendo um intercâmbio entre elas. Contar com a ajuda dos outros professores faz com que os projetos tenham um maior impacto. Nesses projetos sempre procurei abordagens próximas à realidade dos alunos, pois como a escola se situa na zona rural, levava aquele universo para a aula. Às vezes dava certo, outras não, mas o que valia era tentativa (PROFESSOR PRETO).

Nosso colaborador adota como prática, a utilização de projetos como estratégia de trabalho e ainda relata que aposta no trabalho conjunto e colaborativo com outras disciplinas, e que essa ligação entre os pares acaba contribuindo diretamente para um ensino contextualizado e significativo. No entanto, para isso faz-se necessária a colaboração dos demais colegas professores, para assim sinalizar quais os impactos causados aos alunos que possuem proporções bem maiores.

Como o próprio docente relata em seu texto, sua prática ao utilizar instrumentos e recursos próprios da zona rural, local onde sua escola está situada, recheia sua prática com tais elementos. A partir do diário, analisamos que é utilizada a Pedagogia de Projetos como prática em sala, que tem John Dewey (1859-1952) como um de seus grandes idealizadores. Ele cita que os projetos devem surgir do seio escolar, e necessitam possuir temáticas vividas por aqueles sujeitos em comum.

Dessa forma, o aluno compreende o porquê de estar estudando determinados conteúdos, e consegue relacionar e interligar as informações adquiridas em aula construindo assim o seu conhecimento. É interessante

apontar que a Pedagogia de Projetos trabalha amparada às propostas interdisciplinares, onde são selecionados temas para discussão e a partir deles cada disciplina propõe “ganchos” com seus conteúdos curriculares.

Assim, alunos e professores trabalham sistematicamente com um tema em comum, porém, cada docente enfatiza um fato ou perspectiva central voltado para a sua disciplina. Segundo o Professor Preto, essa estratégia se mostra bem eficaz, pois ele ainda fala que já tentou realizar o trabalho de outra forma, no entanto não percebia e nem tinha êxito quando se propõe a trabalhar com a proposta da pedagogia de projetos.

É importante apontar e, principalmente, enfatizar que, a partir das leituras dos textos produzidos pelos colaboradores da pesquisa, é bastante notória a relevância que os mesmos dão sobre a importância de articular teoria à prática. Independentemente da forma como é trabalhado determinado conteúdo, é enriquecedor e determinante quando o professor se utiliza de conceitos, exemplos e aspectos culturais que compõem o universo dos alunos.

Os professores concordam que ter significado garante a compreensão daquilo que se pretende discutir em sala de aula. Práticas que não propõem a essa aproximação, que não dão voz e vez aos alunos, bem como imposições, são atitudes que acabam distanciando o aluno da escola. Dessa forma, o professor engajado para uma prática docente, trabalha com uma perspectiva significativa, pois assim o aluno ocupará seu lugar de protagonismo na sua própria aprendizagem, culminando como o cidadão que a sociedade almeja.

Em meio a essa discussão, não posso deixar de trazer os relatos dos professores sobre o cenário atípico ao qual todos nós fomos submetidos desde o início da pandemia no Brasil.

4.2.1.1 Propostas adotadas na EJA em Contexto de pandemia

Com o alastramento da COVID-19 em nosso país, algumas medidas foram tomadas no intuito de frear a contaminação da população. Devido à forma de contágio, o isolamento social foi uma das maneiras mais eficazes de conter o vírus. Dessa forma, as autoridades decretaram o cancelamento de atividades que gerassem aglomeração, o que fez com que algumas atividades presenciais fossem desmarcadas ou começassem a acontecer de forma remota.

A aula presencial nas escolas foi uma dessas atividades. Trago agora os relatos dos professores investigados, sobre a sua prática nesse cenário que tanto exigiu esforços de docentes e discentes. Seguem os relatos e suas respectivas discussões:

No momento que estamos vivenciando, fomos forçados a pensar em estratégias para que os alunos não desistissem, entre elas aqui cito: aulas pelo aplicativo, atividades impressas e o material que ele já tinha. Foi um momento para nos reinventarmos, aprender a utilizar outras ferramentas, porém os alunos não estavam preparados. Mais uma vez nos deparamos com barreiras. Houveram desistências porque os alunos não sabem utilizar as ferramentas e até mesmo pela dificuldade de leitura e escrita, problemas de saúde relacionados a própria COVID-19 e ainda naqueles mais resistentes, que insistiam em dizer que não conseguiam aprender dessa forma (PROFESSOR AZUL).

De acordo com o que foi explicitado pelos professores nos seus diários, a prática educativa na EJA no contexto pandêmico se apresenta como algo desafiador. Desafios impostos não apenas aos professores, que estão a cada dia desenvolvendo habilidades e tentando desenrolar o exercício de seu ofício, mas também para os alunos, que enfrentam sobretudo problemas tecnológicos por não terem familiaridade com plataformas ou aplicativos utilizados para o acontecimento das aulas.

Nesse período da pandemia, confesso que o trabalho na EJA está bem comprometido em recursos de mediação do conhecimento. No atual contexto há aulas que são transmitidas pela TV e que são muito boas, entretanto só temos as disciplinas de português e matemática. Outro fator que não colabora é o horário das aulas, que são transmitidas pela manhã, horário em que grande parte dos alunos da EJA trabalham ou tem outras demandas. No meu caso, desenvolvo minhas aulas através de aplicativos financiados por mim e pelos próprios alunos (PROFESSOR VERMELHO).

Os desafios também são pessoais, pois se com a presença do professor em sala diretamente, haviam lacunas que necessitavam ser preenchidas, no contexto remoto, onde o contato físico está impossibilitado, como se procede para interagir com o aluno? Fica inviável dialogar de forma mais próxima, se fazer entendível e entender aquilo que o aluno traz. Além desses desafios, esse público também sobre os desafios motivacionais, pois é difícil manter-se empolgado a cumprir determinada etapa de vida escolar com inúmeros problemas que vão além dos escolares e exigem também equilíbrio psíquico.

Nesse cenário, é confuso encontrar uma maneira de driblar os medos e anseios sobre contágio, doença, futuro e sobrevivência.

Nesse período, a EJA vem sofrendo muito, pois como não há recursos e um planejamento voltado exclusivamente para a modalidade, os alunos estão desistindo. Sem aluno, não há professor; e sem professor não há sociedade. Minhas aulas estão acontecendo através de apostilas, pois, infelizmente, nem livros nós temos (PROFESSOR AMARELO).

Percebemos a partir desse contexto como o ensino perpassa, ou seja, vai além daquilo que se é proposto em sala de aula. Ao rememorar a terceira sessão da presente dissertação, encontramos a trajetória trilhada pela Educação de Jovens e Adultos em toda a educação brasileira.

O público da EJA é o mais atingido pelos desdobramentos do maior problema social da crise econômica decorrente da pandemia, o desemprego, e que, portanto, torna-se um grande desafio, do ponto de vista pedagógico e da política educacional, dar conta de receber e promover esses sujeitos. Assevera ser indispensável para se pensar e fundamentar ações e práticas voltadas à EJA, tanto para professores como para gestores, partir-se do pressuposto da estreita relação desses sujeitos com o mundo do trabalho (seja pela falta do trabalho ou por serem trabalhadores) e com outras dimensões da vida. (AMARAL, 2020).

Notamos a mesma negligência que sempre existiu, e como a modalidade é vista com inferioridade. Com a pandemia, essa situação se intensificou, uma vez que não há regimento ou uma diretriz geral para regê-la, o que confirma que o público da EJA não possui destaque no âmbito educacional brasileiro.

Nesse período de pandemia, infelizmente os problemas da EJA foram escancarados, se presencialmente já tínhamos inúmeras mazelas, imagine de forma remota. Ao retornarmos para a escola, precisaremos pensar e articular formas eficazes de trazer o aluno e fazê-lo compreender os seus ganhos ao frequentar a escola (PROFESSOR VERDE).

Nesse tópico, mostramos uma caracterização prévia de como acontece a prática docente na EJA na cidade de Parnaíba. Frisamos também como que essa prática vem se desenvolvendo no período que antecedeu a pandemia como também no período pandêmico.

Como professora, acredito que a EJA de forma online não conseguirá alcançar os objetivos que se dispõe. Isso me entristece enquanto docente, pois na perspectiva do aluno penso que possa ser até injusto cobrá-los, uma vez que nessa loucura que estamos vivendo, como pensar em estudos se não temos nem garantias se teremos a próxima refeição. Vai além do pedagógico, é algo social, é algo humano. Comer, vestir, morar são necessidades básicas de todo ser (PROFESSOR PRETO).

No tópico a seguir, iremos tratar sobre o comprometimento que esses profissionais possuem e quais são as suas motivações para continuarem exercendo suas atividades laborais em turmas de EJA.

4.2.2 Motivações e comprometimento com o ensino na EJA

No presente tópico, iremos explicar as principais motivações que levam os professores a optarem por permanecer com o seu trabalho junto à Educação de Jovens e Adultos. Aqui também pretendemos extrair a informação de qual ideia os professores possuem sobre o seu comprometimento em como ensinar dentro dessa modalidade.

Para o pleno exercício das atividades de qualquer trabalhador, é necessário que ele tenha determinadas motivações para o fato. Motivações estas que podem ser pessoais, ou, simplesmente, profissionais. Conheceremos agora como os professores enxergam sua relação com o ensino, e também quais os motivos que os levam a permanecer dentro da EJA.

Analisaremos a partir daqui os pensamentos e posicionamentos dos professores no intuito de obter informações sobre seu compromisso com o trabalho na referida modalidade. Logo abaixo temos os seguintes relatos:

Confesso que gosto muito da escola e dos alunos. Tenho a intenção de permanecer na EJA mesmo que vivenciamos frequentemente o “pesadelo” do fechamento de turmas, em razão da quantidade de alunos que não atendem às necessidades dos sistemas educacionais. Só não desisti por respeito aos meus alunos, e também por mim, pois acredito que a educação é capaz de transformar a vontade deles (alunos) de continuar estudando. Para mim, isso é encorajador (PROFESSOR AZUL).

Iniciamos com o Professor Azul, o qual diz gostar da escola em que trabalha e revela a intenção de permanecer naquele ambiente. Em sua fala, ele aponta a insegurança e medo que tem sobre o fechamento de turmas, o que,

infelizmente, é uma realidade comum na EJA. Esse fechamento acontece devido ao número de alunos matriculados e a diferença entre os números de alunos evadidos. Ele conclui sua fala enfatizando que o respeito e a consideração aos seus alunos são os principais fatores que não o fez desistir e procurar uma outra modalidade para sua atuação.

Ainda no seu diário, o Professor Azul diz acreditar e ver a educação como uma forma de transformação e, que ao se deparar com alunos insistindo em continuar com os estudos, tem maior entusiasmo em prosseguir. Aqui, ainda percebemos a grandeza e a fortaleza de uma educação consciente e significativa, e como ela pode transformar a vida do cidadão. O professor, ao saber de tal premissa, procura oferecer em suas aulas os subsídios para os seus alunos.

Como Freire (2019, p.52) já nos alertava, “a educação é um ato de amor e, por isso, um ato de coragem não pode ter medo de debate. Análise da realidade. Não pode fugir a discussão criadora sobre pena de ser uma farsa”. Dessa forma, verificamos na fala uma afetividade tão essencial e necessária nos dias de hoje, pois proporciona a conscientização do que acontece.

Como já citei em outro momento, quando iniciei a trabalhar com educação não gostava. Me identifiquei e hoje sou apaixonada por continuar na EJA. Trabalhar com esses alunos possibilita também a organizar os meus horários, as aulas no turno da noite me permitem passar parte do dia com meu filho, acompanhando também no seu processo educativo. Já teve sim momentos onde pensei em desistir, porém, logo esse pensamento passou e deu lugar a uma nova vontade de trabalho. Manter os alunos ativos é sempre uma luta diária, então não posso demonstrar fraqueza ou desmotivação, pois assim como eles dependem de mim, eu também dependo deles (PROFESSOR VERMELHO).

O Professor Vermelho, em seu relato, se caracteriza como apaixonado pelo seu trabalho na EJA, e ainda argumenta que trabalhar na modalidade influencia positivamente com a sua correria cotidiana, pois além do trabalho é responsável por seu filho. Percebemos na fala, um relato até mais comum do que imaginamos, pois se trata de uma mãe, mulher, professora e responsável pelo sustento da sua casa.

Por ser repleta de atribuições, já pensou em desistir, reconhece o desafio de manter a si e seus alunos de forma ativa, além de procurar fazer o que é

necessário para buscar a realização do seu trabalho da melhor forma, até mesmo para fazer jus aquele ofício.

O trabalho da EJA pode ser comparado a uma construção. Ganhar confiança e se aproximar é como se fosse o alicerce, e é fundamental que tenhamos bons materiais nesse começo de relação. Permaneço na EJA porque me coloco no lugar de muitos que não tiveram oportunidade. Tenho um compromisso pessoal, por isso faço questão de estar inserido nessa modalidade, e por isso aqui estou e sou feliz (PROFESSOR AMARELO).

O Professor Amarelo, em seu relato, propôs uma analogia entre seu trabalho executado na EJA a uma construção. Coloca como principais materiais desta obra: a confiança e a proximidade do seu aluno. Ainda na sua fala, fica evidente o caráter pessoal para se fazer presente nas turmas de EJA e ainda se diz feliz com o seu trabalho.

Ao nos deparar com tal informação, analisamos que muitos fatores dessa ordem acabam interferindo na escolha para a atuação na EJA. No caso do Professor Amarelo, a confiança é algo tido como essencial nesse processo. A proximidade com o aluno de EJA também é vista como algo positivo, e isso mostra do professor um certo comprometimento com a modalidade, que faz com que ele realize tanto um bom trabalho como também prepara esses alunos para a vida fora da escola.

Trabalhar na EJA me faz se sentir mais confiante, o aluno possui experiências que me ajudam como pessoa. O respeito é essencial nessa relação, além do carinho e admiração que tenho pelos alunos, percebo que eles também têm por mim. Por já ter frequentado turmas de EJA, sei o quanto é difícil passar um dia de trabalho e à noite ter ânimo para estudar. Dessa maneira, ainda me possibilita adequar aos horários a uma outra atividade de trabalho em um município próximo, portanto é importante ter essa carga horária e o turno da noite (PROFESSOR VERDE).

O Professor Verde traz um caráter novo nessa pesquisa, de que o exercício da docência na EJA o transformou, tornou-lhe mais confiante e seguro, pois além de ensinar, também aprendeu. O docente reforça que é oriundo de turmas de Educação de Jovens e Adultos e por ter vivenciado de fato a modalidade, entende aquilo que o aluno almeja.

O Professor Verde enfatiza que desenvolve atividades de trabalho em outro município e que esse fator também é determinante para sua permanência

na EJA. Quase concluindo este tópico, trago à tona a análise das informações trazidas pelo Professor Preto.

Procuro fazer o meu trabalho da melhor forma. Às vezes é proveitoso, outras vezes não. Estar na EJA tem dessas coisas e quem vem deve ser consciente disso. Como trabalho na rede estadual de ensino, procuro aliar meus horários à demanda da EJA. Venho trabalhando nisso há quase 20 anos. (PROFESSOR PRETO).

Ele afirma que seu trabalho na EJA nem sempre é proveitoso, porém, isso é próprio da modalidade. É bom evidenciar que esse mesmo profissional é funcionário da rede estadual de ensino do Estado do Piauí, logo, por esse motivo, e pelos seus mais 20 anos de docência, prefere ficar na EJA, mas isso não significa que não existe um bom trabalho. Pelo contrário, essa experiência o ajuda a compreender quais são de fato os interesses e dilemas de seus alunos.

No terceiro e último marco de análise, abordamos sobre as principais carências existentes na modalidade na perspectiva dos docentes inseridos naquele contexto. Essas carências se mostram ter inúmeras origens que vão desde o livro didático, como também uma equipe mais atuante por parte da secretaria de Educação.

4.3. Marco para Análise C – Carências percebidas na Modalidade

Neste último tópico, nos dedicamos a analisar a percepção dos sujeitos interlocutores da pesquisa no que diz respeito às principais carências e necessidades percebidas na EJA, dentro das suas experiências. Aqui, os professores tiveram a oportunidade de descrever todas as suas inquietações e/ou reclamações e puderam também apontar possíveis mecanismos para sanar, ou até mesmo amenizar, algumas situações que acabam prejudicando o trabalho docente.

Nessa parte, procuramos continuar relacionando as falas dos docentes com alguns nomes do universo acadêmico. Aqui destaco Peres (2016), Beraldi (2017), Castelli Jr (2019), entre outros. A fala dos professores contempla desde a ausência de materiais básicos nas escolas, como o livro didático, até um suporte pedagógico e profissional diretamente ligado à Secretaria de Educação do município de Parnaíba.

A seção anterior traz toda uma trajetória com os caminhos trilhados pela modalidade em questão. Percebemos que a própria história da EJA é repleta de momentos em que a mesma foi negligenciada pelas autoridades como um todo. As carências vão das mais simples às mais complexas, e este fato nos ajuda a compreender a dimensão e, ao mesmo tempo, a realidade da EJA em Parnaíba.

A seguir temos as falas dos Professores investigados no que diz respeito às principais lacunas que percebem para a realização de um bom trabalho na EJA, o qual é pautado nos ideais de uma educação crítica e reflexiva, e, principalmente, emancipatória.

Iniciamos a análise dos dados produzidos, a partir da fala do professor Azul:

Enfrentamos muitos problemas na realização do nosso trabalho. Temos o problema da falta de material didático, e já tive até mesmo que trabalhar com livros doados por outras instituições. Essas queixas não são somente minhas, mas também de muitos outros profissionais da modalidade. O órgão competente, SEDUC, não elabora estratégias para ajudar e dar as condições necessárias para que a modalidade combata a evasão. Na EJA de Parnaíba falta formação própria, pois sempre somos esquecidos nas semanas pedagógicas, uma diretoria ou coordenação que nos dê direcionamentos, material didático atualizado, pois na maioria das vezes cada professor elabora seu próprio material complementar. Além disso, falta planejamento de gestão, já que ficamos à deriva neste processo. Vale frisar que temos excelentes profissionais, no entanto, a falta de uma estrutura deixa a desejar. (PROFESSOR AZUL).

O Professor Azul afirma enfrentar diariamente vários dilemas para realizar o seu trabalho, enfatiza que já trabalhou com livros doados por outras instituições, pois no seu ambiente de trabalho esse material era escasso, e também traz à tona que essa queixa ele apontada não é exclusividade sua, mas é oriunda de toda uma coletividade. O mesmo professor aponta algumas lacunas sobre a elaboração de estratégias próprias voltadas para EJA, como por exemplo, o combate à evasão.

Culturalmente, a EJA e a evasão estão interligadas, pois a partir da demanda que frequenta a modalidade, percebemos que possui características próprias. O grupo que compõe seu alunado é constituído em grande parte por trabalhadores, os quais se dividem entre trabalho e estudo. Uma vez que o trabalho não pode ser uma segunda opção, a escola, infelizmente, se torna.

Ainda sobre a evasão na EJA nos deparamos com o que nos traz Peres (2016):

A evasão escolar efetivamente é um grande desafio a ser enfrentado por aqueles que buscam educação de qualidade, mais humana e equitativa a todos os cidadãos. Vê-se que a escola atual não está preparada para receber o público (jovem e adulto) que a procura. Desconhecendo as especificidades dos alunos, tenta uniformizá-los; além de cumprir um currículo único, como se todos fizessem parte do mesmo grupo social (PERES, 2016).

Percebemos uma consonância entre a fala de Perez e o que é trazido no relato do Professor Azul, e infelizmente notamos que a escola atual não está preparada para receber o público jovem e/ou adulto que a procura. Assim, ao invés de acolher, acaba afastando esse público, pois tenta encaixá-los em um sistema que não os cabe, como se tivessem características similares entre si.

O professor investigado sente-se carente no que diz respeito a formações próprias, direcionamentos pedagógicos, planejamento, entre outros pontos, e finaliza que ainda muita coisa deixa a desejar.

Vejamos agora o relato do próximo docente investigado:

Infelizmente, a instituição que trabalho não dispõe de recursos pedagógicos em classe. O livro didático é outro empecilho, os poucos que ainda restam estão defasados. Sinto que o trabalho docente se torna mais exaustivo pelo fato de atuar em turmas multisseriadas. Dessa forma, em um mesmo ambiente temos alunos com necessidades e anseios discrepantes entre si. Particularmente sinto falta de um documento, cartilha, texto ou até mesmo uma formação voltada para o trabalho na EJA em nossa cidade. Somos uma cidade linda e é uma pena que deixemos de lado esses cidadãos que por inúmeros motivos não tiveram acesso à educação formal. Quando o aluno desiste e a Secretaria chega à escola já se iniciam as ameaças de fechar o espaço escolar, no entanto, me sinto mal em cobrar de um trabalhador que frequenta a aula cansado. A EJA vai além da parte pedagógica, ela é uma modalidade social (PROFESSOR VERMELHO).

Assim como o docente analisado anteriormente, o Professor Vermelho afirma que em sua instituição os recursos pedagógicos não são suficientes. São feitas críticas sobre livro didático, que estão defasados. Além disso, o trabalho desse professor se torna mais complicado pelo fato de lecionar em uma turma multisseriada, e assim acaba não atendendo assim as especificidades de cada aluno.

Infelizmente, com os altos índices de evasão, a estratégia encontrada pelo poder público é justamente propor as turmas multisseriadas com intuito de

reduzir gastos com uma demanda insuficiente para cobri-los. Sobre as salas multisseriadas em turmas de EJA, Beraldi (2017, p.17) informa que:

A multisseriação, em última instância, propõe uma metodologia que visa superar o paradigma liberal tradicional através da desfragmentação dos conhecimentos, transformando a escola em um ambiente de inclusão social e educacional. Dessa forma, a EJA precisa propor ações que de fato sejam significativas ao estudante, impedindo sua evasão e preparando-o para os desafios do dia-a-dia (BERALDI, 2017, p. 17).

Analisamos a partir da fala do autor que um empecilho vai gerando um novo problema. Se tivéssemos práticas voltadas diretamente para o público da EJA, será que teríamos altos índices de evasão? E com isso teríamos problemas com as turmas multisseriadas? Mais uma vez enfatizamos que a prática docente não é a única responsável pela permanência do aluno na escola, mas sim um conjunto de mecanismos voltados para o alcance de um objetivo em comum.

O Professor Vermelho ainda traz que sente falta de um documento norteador da EJA em Parnaíba, e expressa que por muitas vezes sente-se encurralado, pois de um lado a Secretaria Municipal exige uma quantidade de alunos, mas por outro percebe seus discentes muitas vezes chegam à escola exaustos depois de um dia cansativo de trabalho.

O Professor Amarelo já inicia sua fala apresentando a modalidade que estamos estudando como um fragmento do Sistema Educacional Brasileiro marginalizado.

Vejo a EJA como um componente do sistema educacional brasileiro marginalizado, pois não fomos nem sequer lembrados na atual Base Nacional Comum Curricular - BNCC. Como exigir inclusão se o órgão que deveria incluir a modalidade é o primeiro a segregá-la? Nos falta a formação continuada, o material próprio e os insumos escolares como: materiais didáticos, livros, cadernos, entre outros. Gostaria que os saberes que os nossos alunos já possuem fossem utilizados de forma mais efetiva pelos colegas professores, assim teríamos um ensino com mais significado para a vida deles, que são muitas vezes o produto de vários processos excludentes. Como inovar se o principal material ou instrumento pedagógico que tenho é a voz e o pincel? Pincéis esses que muitas vezes são trazidos por mim para conseguir trabalhar? É muito desafiador (PROFESSOR AMARELO).

O docente comprova sua fala ao citar a atual Base Nacional Comum Curricular, afirmando que o referido documento que não inclui a modalidade estudada em suas linhas. O mesmo professor questiona os motivos que levam

o próprio instrumento oriundo do Governo Federal a segregar ao invés de incluir. Fatidicamente a BNCC não traz em suas linhas especificidades voltadas para a Educação de Jovens e Adultos. Desta forma, o documento se tornou um alvo de sérias críticas.

Há estudiosos que apontam que a modalidade deveria ao menos ser mencionada no documento. Alguns autores apontam que não há uma análise da realidade educacional brasileira a longo prazo e assim, mais uma vez, a EJA é colocada de lado.

As modalidades da Educação Básica mereceriam pelo menos um capítulo especial que se dedicasse a problematizar essa especificidade, ou talvez, que reconhecesse que essa BNCC não se aplica a essa modalidade e que deveria ser produzido documento específico. A solução encontrada apenas endossa o significado marginal da política de Educação de Jovens e Adultos no país, que com poucos recursos e baixo interesse de muitas gestões públicas, continua a fortalecer a ideia de que basta educar as crianças para, em um futuro próximo, extinguir naturalmente a EJA. Ocorre, entretanto, que grande parte do público da Educação de Jovens e Adultos são as crianças e jovens que entram na escola e que, por diferentes caminhos no caso brasileiro, são excluídas, tornando-se público da EJA. (CATELLI, JR, 2019).

O professor Amarelo coloca como principais carências: a formação continuada, os escassos materiais próprios para a modalidade e insumos escolares básicos. Ele ainda contribui afirmando que também vê que o ensino se tornaria mais significativo se os colegas professores ligassem o vivido ao que deve ser aprendido.

Já o Professor Verde analisa-se como um aprendiz ao realizar seu trabalho com Educação de Jovens e Adultos.

Já relatei em outros momentos que trabalhar na e com EJA, pois até contribuo com alguns saberes acadêmicos e curriculares, mas tenho a certeza que aprendo bem mais. Percebo que a modalidade tem um caráter social, não no sentido do assistencialismo, mas da construção de uma sociedade mais humana e justa. Imagino que se fossemos dotados de programas próprios voltados especificamente para a modalidade, como livros didáticos, legislação própria e uma formação de fato voltada para ela, nossos alunos teriam um maior destaque quando saíssem da etapa escolar. Percebo algumas carências na modalidade, o próprio entendimento da sociedade do que realmente seja a EJA, pois ela não é um supletivo, não é o telecurso e não é uma caridade. Na verdade, a EJA é uma oportunidade, não de recuperar o tempo perdido, mas sim a possibilidade de ver o mundo sob uma nova ótica. Para que isso se efetive são necessários esforços tanto dos alunos, dos docentes, como também da Secretaria Municipal de

Educação. Não é só apontar culpados, mas sim propor e discutir ideias que sanem ou minimizem tais dificuldades (PROFESSOR VERDE).

O professor percebe como a modalidade vai além do setor pedagógico, chegando a caracterizá-la como um trabalho de caráter social ao frisar que esse trabalho visa a construção de uma sociedade mais igualitária. O docente também evidencia que os recursos que dispõe são insuficientes para realizar seu trabalho da melhor forma, e percebe a carência de livros didáticos, legislação própria e formação diretamente relacionada àquilo que a EJA propõe.

O professor encerra sua fala abordando que percebe a inexistência de uma conscientização à nível do social do que a EJA realmente significa. Ela enfatiza o caráter de possibilidade que a modalidade traz consigo. Há possibilidade de tentar ver o mundo de uma outra forma e mais do que essas carências expostas, é necessário um esforço coletivo para o trabalho na EJA ser melhor desenvolvido.

Finalizando esse último marco de análise, trago o depoimento do Professor Preto, que acentua o seu próprio preconceito com a modalidade e algumas disciplinas como a sua deveriam, as quais pensa que devem ser revistas.

Desenvolver um bom trabalho na EJA vai exigir paciência e determinação não apenas dos professores, mas principalmente dos discentes. Dentro da minha realidade, existem alguns pontos que se fossem atendidos fariam com que o trabalho fluísse bem melhor. O próprio conceito da minha disciplina, Arte, que infelizmente é vista como uma disciplina sem peso curricular, não possui uma preocupação maior e não é cobrada nas avaliações externas, nem no ENEM e por isso não é dada o seu devido valor. Acredito que a conscientização seria o primeiro passo a ser considerado. A necessidade também de materiais didáticos próprios, não apenas as sobras de livros do ensino fundamental, como também já presenciei. Além do livro, que sem dúvidas é um instrumento extremamente importante, é necessário investir na formação do professor que ali se encontra, pois é esse professor que pode na sua aula realmente fazer diferença na vida dos alunos (PROFESSOR PRETO).

O professor também aponta para a carência de materiais didáticos próprios, e ainda coloca o uso de material restante de outras modalidades de ensino. Afirma que o livro didático tem grande importância, afinal, é um instrumento muito relevante nas aulas, porém, mais que o livro e outros recursos,

é necessário um investimento na formação do professor atuante na EJA, pois é ele quem vai conduzir a turma.

Após nos debruçarmos sobre os diários produzidos pelos professores e dividirmos as categorias, procuramos traçar um panorama de como esses sujeitos enxergam a modalidade onde estão inseridos. Assim, percebemos o quão enriquecedor foi optarmos pela utilização desse mecanismo como instrumento de pesquisa. Ressaltamos que assim como outros instrumentos, há pontos relevantes, positivos e também alguns pontos negativos, porém, de forma específica nesse estudo, notamos que as vantagens se destacaram, captamos que os professores ficaram confortáveis e a vontade, sem receio ou medos de julgamentos prévios, e assim contribuíram de forma significativa neste estudo.

5 CONSIDERAÇÕES RELEVANTES A PARTIR DA PESQUISA

Eu não sei colocar pontos finais, eu não sei acabar com algo, eu não sei excluir alguém da minha vida.
Clarice Lispector

Nesta seção, tratamos dos principais achados da presente pesquisa, ao mesmo tempo em que ousou a não chamar este tópico como marco finalizador do trabalho. Particularmente acredito que essa produção não se encerra por aqui, mas sim que a partir desse trabalho haja maiores possibilidades e se fomente o interesse de outros pesquisadores a aprofundar a temática aqui debatida.

Dessa forma, me aproprio pela similaridade com a fala de Clarice Lispector, pois assim como a autora me identifico com essa dificuldade em encerrar ciclos, assim, não sei se me vejo colocando pontos finais, principalmente pela relevância do tema aqui discutido. Trata-se de uma temática que já me acompanha há mais de treze anos, desde a perspectiva de aluna, passando pela atuação como professora e agora ainda se soma à visão de pesquisadora.

Assim, não sei dar por encerrado este estudo porque aqui ainda me vejo a enumerar as possibilidades de propor novas temáticas a partir desse aqui iniciado. Essa peculiaridade é algo próprio do ser humano, nas suas inúmeras condições, dimensões e características. Ao lembrar toda a trajetória percorrida, evidenciamos alguns pontos considerados impactantes.

O primeiro ponto de impacto que gostaria de frisar é justamente no meu setor profissional. Pude verificar o quanto a pesquisa me possibilitou olhar tanto o meu aluno quanto o meu colega professor como sujeitos dotados de saberes. Ajudou-me também a enxergar a individualidade de cada um desses sujeitos, propondo pontos de interesse em comum que possam ser discutidos e considerados em aulas. Profissionalmente, essa pesquisa responde algumas inquietações oriundas de meus tempos de estagiária.

Ressalto também que fazer este trabalho me enriqueceu enquanto pesquisadora, pois através da sistematização dos instrumentos adotados, como também pelas leituras realizadas no intuito de compor uma boa base teórica, compreendi a dimensão e como a literatura explica os fenômenos educacionais relacionados à Educação de Jovens e Adultos.

Nesse viés, compreendi a aproximação entre a teoria e a prática e pude de fato visualizar e, principalmente, sentir como uma influência a outra e verificar a harmonia existente nessa simbiose. Ainda acredito que a realização da pesquisa, desde a primeira etapa, quando se resumia apenas a um projeto, ajudou-me enquanto ser humano, pois pelos dados analisados, diários produzidos e, principalmente, pelo conjunto, pude analisar a riqueza do ser humano. Uma propriedade que vai além dos títulos e formações; que é pura, fruto de vivências, ora doces, ora amargas, mas que juntas formaram o indivíduo que frequenta a EJA.

Pessoalmente, o meu olhar sobre o docente inserido na modalidade em questão também muda, pois como bem nos lembra Paulo Freire (2019), “não há saber mais nem saber menos há saberes diferentes”, e esse trabalho me possibilitou essa percepção dos inúmeros saberes que eu ainda não sei e que aprendo ao conviver e realizar um trabalho significativo na EJA.

Na tentativa de responder às questões norteadoras, que incentivaram a realização dessa pesquisa, e também pela constante busca em prol de seu objetivo geral, percorremos os caminhos já descritos e a cada passo éramos surpreendidos pelos diferentes achados. O primeiro passo desta trajetória se deu ainda no ano de 2020, em uma visita à Secretaria Municipal de Educação da cidade de Parnaíba, onde pudemos dialogar com o responsável pelo Ensino Fundamental, já que naquela época, a EJA ainda não possuía um representante próprio.

Pelo diálogo, fomos bem acolhidos e explicamos toda a trajetória que se iniciaria a partir dali. Abordamos os objetivos que impulsionavam a realização desse estudo e explicamos também a sua caracterização, além dos instrumentos que seriam utilizados. Munidos de um parecer positivo das autoridades, fomos a campo e partimos para realizar o convite formal aos professores que de fato participariam deste estudo.

Na tentativa de conhecer as particularidades dos professores participantes desse estudo, pedimos que os mesmos respondessem a um questionário. O intuito desse instrumento de pesquisa era justamente traçar um perfil desses colaboradores. As perguntas presentes nesse instrumento viabilizador de pesquisa abordavam questões de cunho pessoal, formativo e profissional

Tendo como objetivo geral analisar a prática docente na educação de jovens e adultos no município de Parnaíba, propusemos aos professores participantes que relatassem suas experiências enquanto através de diários narrativos. Assim, os docentes prontamente se colocaram à disposição e os produziram em um espaço de três meses. Além de possibilitar essa análise descrita no objetivo geral, sugerimos aos professores que escrevessem acerca das suas experiências sobre sua formação inicial e também a continuada, bem como os desafios e carências que eles mais percebiam na modalidade em que trabalham.

Na produção dos diários e através das suas narrativas, os professores tentariam abordar sobre temas especificamente sugeridos; entretanto, isso não significaria exclusividade, afinal, a escrita do diário possibilita justamente essa liberdade ao seu redator. Ressaltamos ainda que o período pandêmico no qual estamos vivendo não poderia deixar de ser citado, uma vez que seus impactos foram sentidos diretamente nessa modalidade. Assim, foi proposto um novo tópico justamente com as experiências desses professores no atual contexto.

Para fins didáticos e organizacionais, sistematizamos os dados produzidos em três principais marcos de análises: o primeiro marco visou compreender os processos formativos que os professores investigados passaram ou ainda passam em sua trajetória profissional; o segundo marco traz falas sobre as reflexões do docente e sobre suas próprias práticas, e ainda nesse tópico inserimos as informações sobre estratégias utilizadas nas aulas em contexto pandêmico e não-pandêmico, como também suas motivações e comprometimento com a modalidade; já o terceiro e o último tópico propõe uma reflexão sobre as principais carências percebidas pelos docentes da EJA, e quais seriam seus ganhos caso fossem superadas.

A fim de sistematizar as informações e no intuito de responder às questões que impulsionaram a realização do presente estudo, seguiremos a sequência estabelecida inicialmente, já descrita na introdução.

Para responder à pergunta **“quais as práticas dos docentes da EJA da Rede Municipal mais adotam?”**, inicialmente pedimos aos professores que na produção de seus diários, privilegiassem alguns pontos e a prática docente em si. Essa produção está bem descrita no segundo marco desse estudo que recebeu a seguinte nomenclatura: **Marco B - Reflexões sobre a prática.**

A partir da produção dos diários narrativos, os professores participantes escreveram como desenvolvem suas práticas e quais daquelas, segundo seus julgamentos, se destacam. Analisamos uma diversidade de práticas e observamos também que os professores tentam mesclar essas diferentes formas de dar aula com o intuito de abraçar a classe estudantil como um todo, assim tornando a escola mais próxima do aluno.

Ainda sobre as práticas, percebemos que os professores conseguem dentro das suas limitações propor atividades e aulas que se aproximam daquilo e a EJA pede, no entanto, esses mesmos professores se dizem carentes em documentos ou materiais específicos para modalidade. Infelizmente, como alguns relatam, a EJA tem um histórico de sempre estar situada à margem social, e isso é assimilado conscientemente ou não, pelos alunos, o que acarreta na baixa autoestima discente.

Há professores que ainda apontam o trabalho na EJA como algo além do aspecto pedagógico, caracterizando a prática como algo inserido por contexto social. Um ponto de grande relevância nesse trabalho é a ideia de que se faz necessário um material específico para a EJA, que não seja voltado para o Ensino Fundamental, mas algo que eleve a modalidade e lhe ceda, seu devido destaque. Por fim, os professores explicam que suas práticas só não são melhores desenvolvidas devido à falta de recursos próprios para a modalidade, e entre esses eles destacam-se a presença de materiais específicos da EJA.

Construímos algumas interpretações que vão elucidar a seguinte questão abaixo: **“quais os impactos da formação e da não formação voltada para o público da EJA?”**. Ainda por intermédio dos diários narrativos, como também pelos questionários aplicados inicialmente com os sujeitos colaboradores, pudemos encontrar alguns dados que nos traziam respostas sobre o aspecto formativo dos professores inseridos na EJA, esses dados foram descritos no **Marco A – Formação Docente**. Através dos questionários podemos analisar que todos os professores participantes são oriundos de uma licenciatura em Pedagogia ou outras licenciaturas, o que nos submete a imaginar que possuem algumas noções didáticas.

Percebemos também que todos os professores possuem especializações, mesmo que em diferentes áreas, o que nos leva a compreender que houve, em algum momento dessa caminhada formativa, a necessidade de rever assuntos,

atualizarem-se ou conhecer novidades que pertencem ao universo docente. Todos os colaboradores já possuem certo tempo na profissão e esse percurso é algo que passa maior segurança ao professor que trabalha com a EJA, pois em alguns momentos há situações em que é necessário se impor, já que nem sempre o público é receptivo e colaborativo.

Já nos diários, os professores foram unânimes ao relatarem que desejam mais momentos formativos, voltados para esse público, com o seu próprio diferencial, e por ter essa caracterização própria exige uma formação mais específica. É importante enfatizar que todos os professores não possuem exclusividade com a modalidade em si e que possuem vínculos com outras empresas ou órgãos públicos, o que nos chama atenção para o sucateamento da formação docente, bem como também para a necessidade do trabalhador-professor em buscar por melhores condições de vida ocupando-se e trabalhando em outras atividades ou escolas.

O professor que poderia dedicar-se a poucas turmas, com um único vínculo empregatício precisa, e muitas das vezes, é obrigado a procurar outros trabalhos para suprir suas necessidades básicas. Os colaboradores ainda expõem que seus processos formativos necessitam sempre estar em movimento, pois a EJA possui um público diverso, peculiar e com características próprias. Dessa forma necessita-se fazer necessário uma formação destinada a contemplar essas particularidades. A formação inicial, sem dúvida, possui uma grande representatividade, no entanto, as pessoas e as sociedades mudam, e se a escola e, conseqüentemente, o professor não acompanham essas modificações, o ensino se torna defasado e as aulas pouco estimulantes.

Para responder à próxima questão, que buscava saber **“quais as principais carências relacionadas a EJA, os professores possuem mais queixas?”** Os professores relataram no **Marco C**, aqui nomeado de **Principais Necessidades e Carências**, suas principais considerações e impressões. Analisamos que esse tópico foi algo que exigiu uma maior reflexão dos professores colaboradores, até mesmo para escrever. Percebemos que três dos cinco docentes entraram em contato, com o intuito de saber se realmente poderiam expor o que realmente sentiam mais falta.

Nas três ocasiões, pudemos esclarecer que a escrita do diário narrativo possibilita justamente essa liberdade ao seu autor, inclusive até os lembramos

dos diários utilizados na adolescência, algo bem confidencial. Mais seguros, confiantes e com maior entendimento, os professores retornaram às suas escritas e citaram algumas das principais carências sentidas. *A priori*, a necessidade mais apresentada foi a questão de um material que abordasse mais sobre a Educação de Jovens e Adultos em Parnaíba.

Concluimos que os próprios professores sentem a falta de algo voltado exclusivamente a modalidade. Essa inexistência de recursos próprios para o segmento foi um dos pontos que mais destacou-se no decorrer do trabalho, no qual constatamos como uma carência emergente para que de fato a aprendizagem na EJA se efetive. Uma necessidade também apontada foram as estratégias voltadas para o combate à evasão escolar, pois relatam que o índice de evasão em Parnaíba é considerado alto quando comparado ao Ensino Fundamental.

Analisamos que os próprios professores não entendem esse dado, uma vez que os atuantes na EJA, praticamente, são os mesmos que lecionam no Ensino Fundamental. Conclui-se que a diferença nesse número da evasão é justamente ocasionada devido às estratégias e materiais que o Ensino Fundamental possui à disposição, diferentemente da EJA. É algo para se questionar: se a educação realmente é um direito de todos, porque não contemplar adultos, adolescentes e até as crianças dessa mesma forma? Se o aluno tem direito, cabe ao poder público, por intermédio das secretarias, elaborar estratégias para que o direito seja efetivado.

Ainda sobre as carências e necessidades, existem alguns relatos sobre a organização de turmas, já que com a evasão e o declínio do número de alunos, o poder público se utiliza como principal estratégia a junção de turmas, que muitas das vezes prejudicam os discentes que ainda persistem em estudar, devido à formação de turmas multisseriadas. Essas turmas comportam em um mesmo ambiente, turmas de etapas e níveis diferentes, cabendo ao professor se desdobrar, ainda mais, para tentar desenvolver suas atividades em várias turmas, mas em um mesmo local.

É desafiador para o docente, pois não se consegue atender devidamente a todos os alunos, e é igualmente difícil para os discentes, pois a ociosidade quando não se possui a atenção do professor é algo que os desestimula. A falta de um material que suleie a prática docente também foi citada como a principal

carência da modalidade; os próprios professores reconhecem o desamparo que a modalidade possui, comprovando a informação com o argumento de que a EJA não foi incluída na Base Nacional Comum Curricular - BNCC, deixando esse aluno desassistido mais uma vez.

Verificamos a necessidade de uma Base Nacional ou outro documento que sistematize o currículo, afinal, como se dará a colaboração para formar um cidadão consciente e crítico, se o maior documento curricular nacional não o privilegia em suas linhas? Sabendo disso, é angustiante para o professor propor atividades ou até mesmo objetivos para o seu aluno, pois a falta de um documento, somado a falta de materiais disponíveis, o leva a tentar desenvolver na EJA aquilo que é realizado no Ensino Fundamental.

“Quais os principais desafios encontrados na EJA?” foi a última questão que estimulou a realização do estudo. Por intermédio também dos diários, os professores em todas as suas falas traziam que trabalhar na EJA é uma atividade que exige do professor saberes e competências específicas. Executar suas atividades laborais na Educação de Jovens e Adultos exige conhecimentos específicos, pesquisa, atualização constante, paciência, empatia e também humanidade. Além das competências, ao trabalhar diretamente com pessoas, é necessário compreender o outro indivíduo. Freire já nos lembra que na essência humana, o saber de se colocar no lugar do outro, para assim direcionar um trabalho mais significativo, é um dos meios mais eficazes para se ensinar.

Em toda a realização da pesquisa, percebemos que os professores envolvidos desfrutam de pouco tempo para refletir sobre suas práticas, inclusive, uma das professoras que participou, relatou que começou a pensar sobre sua maneira de trabalhar a partir da escrita dos diários. Essa falta de tempo é fruto da extensa jornada de trabalho de todos os sujeitos investigados no decorrer desse estudo, que ultrapassa o exercício da profissão em sala de aula. Ao chegar em uma turma da Educação de Jovens e Adultos, onde muitas das vezes as aulas acontecem no turno da noite, o docente se depara com um aluno que, assim como ele, também passou o dia em atividades laborais.

Assim como o professor também está cansado, o aluno também está, e tal situação vai exigir do docente uma empatia necessária para se colocar no lugar daquele aluno. Ensinar na EJA vai exigir sim conhecimentos específicos,

adquiridos na formação Inicial ou na formação continuada, mas também vai exigir saberes que vão além do trabalho. Conhecer o aluno, sua ocupação, origem, situação familiar e compreender os motivos que o levam a escola depois de um dia de trabalho ao invés de desfrutar um momento com a família e/ou amigos.

Ensinar na EJA também vai exigir paciência, pois muitas vezes o aluno terá dificuldades em compreender o assunto. Essa flexibilização vai exigir do professor uma metodologia diferente, estratégias que muitas vezes não seriam exitosas em uma turma do Ensino Fundamental. Refletindo sobre este trabalho como um todo, cremos que todo o processo investigativo tenha sido somado fortemente com as discussões relevantes em campo teórico. A pesquisa nos mostrou que a Educação de Jovens e Adultos no Brasil é marcada por inúmeras lacunas em todo o seu percurso histórico, desde a chegada do colonizador em terras brasileiras até a exclusão da modalidade na Base Nacional Curricular.

Quanto à metodologia utilizada para eleger as pesquisas narrativas, a abordagem qualitativa nos possibilitou enquanto pesquisadores visualizar como os interlocutores do estudo percebem e avaliam a modalidade onde estão inseridos. Clandinin e Connely (2000, p.20) definem pesquisa narrativa como “uma forma de entender a experiência”, por conseguinte, o uso dos diários fortificou as falas dos professores, o que nos revela tal instrumento como um importante viabilizador da pesquisa, pois proporcionam uma expressão para além da aula, bem como seus sentimentos e experiências sobre a prática.

Uma das principais limitações que percebemos durante o trabalho foi a escassez de tempo para os professores de se dedicarem como gostariam. Mais uma vez cito a importância do Produto Educacional gerado a partir dessa pesquisa, que não é apenas algo para cumprir o requisito exigido pelo programa, mas sim algo que surge dos relatos de professores que vivem e compõem a modalidade EJA no município de Parnaíba.

Concluindo, exalto aqui a importância da realização desse estudo em minha trajetória. O percurso trilhado até aqui foi desafiador, principalmente nos âmbitos pessoal e profissional, pois pude conhecer um pouco mais sobre o aluno que me deparo cotidianamente no exercício da minha função através da fala de outros colegas professores. Acredito e desejo que esse trabalho, seja apenas o primeiro de muitos outros que estejam por vir e anseio que, assim como eu,

outros colegas professores da EJA ou de outras modalidades tenham a possibilidade de encontrar-se enquanto pesquisadores, e fazer ciência a partir da sua própria prática.

6 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Adriana; CORSO, Angela Maria. **A educação de jovens e adultos: aspectos históricos e sociais.** In: XII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO: EDUCERE, Curitiba. 2015.

ALVES, Luana Lopes dos Santos et al. **A leitura como processo de formação do cidadão.** 2014.

AMARAL, Daniela; DE ALMEIDA, Danielle Grace Rego. EJA, **mundo do trabalho e o direito à educação em tempos de pandemia.** Cadernos de Estágio, v. 2, n. 1, p. 45-50, 2020.

ARROYO, Miguel. Educação de jovens-adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia; GOMES, Nilma Lino (Orgs.). **Diálogos na Educação de Jovens e Adultos.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

ARROYO, Miguel. Educação de jovens-adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: **Diálogos na Educação de Jovens e adultos/** Leôncio Soares, Maria Amélia Gomes de Castro Giovanetti, Nilma Lino Gomes. – 4 ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2011 (Estudos em EJA).

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011

BARTUNEK, Jean M.; SEO, Myeong-Gu. **Qualitative research can add new meanings to quantitative research.** Journal of Organizational Behavior, p. 237-242, 2002.

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** Disponível em: <[http:// portal.mec.gov.br/index.php](http://portal.mec.gov.br/index.php)> acesso em 25 abr. 2020.

_____. Lei nº 9394/96 de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Diário Oficial. Republica Federativa do Brasil, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Proposta Curricular para Educação de Jovens e Adultos,** 2002

_____. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Centro Gráfico, 1988.

_____. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Plano Nacional de Educação PNE 2014-2024.** Inep, 2015.

BARRIOS, Suzana Maria. **Escrevendo a avaliação:** a escrita de diários como exercício avaliativo. 2007. 263 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

BELLO, José Luiz Paiva. **Metodologia científica**: manual para elaboração de textos acadêmicos, monografias, dissertações e teses. Rio de Janeiro: Universidade Veiga de Almeida, 2008.

BERALDI, Gabriel Moreira. **Aprendizagem distraída e multisseriação**: novos caminhos para a Educação de Jovens e Adultos. 2017. 166 p. Dissertação (Mestrado profissional em Educação) – Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2017.

BOGDAN, R.C.; BIKLEN, S.K.; **Investigação em Educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Editora Porto. Lisboa. Portugal, 1999.

CANDEIRA FILHO, Alcenor. **Memorial da Cidade Amiga**. Teresina: Projeto Petrônio Portela/ FUNDEC, 1998.

CLANDININ, D.J.; CONNELLY, F.M. **Narrative Inquiri**. Experience and story in qualitative research. San Francisco: Jossey-Bass Publishers, 2000.

CORBUCCI, Paulo Roberto; MATIJASCIC, Milko. **Relatório de pesquisa de campo**: Secretarias Municipais de Educação do Piauí: Domingos Mourão, Parnaíba e Teresina. 2019.

CUNHA, Renata Cristina da. **Os professores de língua inglesa em início de carreira e a produção da profissão docente**: um estudo com diários narrativos. 2010. 186 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010.

DE MELO, Marcia Cristina Henares; DE CARVALHO CRUZ, Gilmar. **Roda de conversa**: uma proposta metodológica para a construção de um espaço de diálogo no ensino médio. *Imagens da Educação*, v. 4, n. 2, p. 31-39, 2014.

FÁVERO, Osmar, RUMMERT, Sônia Maria & VARGAS, Sônia de. **Formação de profissionais para a educação de jovens e adultos trabalhadores**: A proposta da faculdade de educação da Universidade Federal Fluminense. In: *Diversidade e desigualdade: Desafios para a educação na fronteira do século*. 22ª Reunião Anual da Anped, São Paulo, 1999.

FRANÇA, VANESSA CARVALHO DA SILVA. **A PRÁTICA DOCENTE NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO MUNICÍPIO DE PARNAÍBA – PI**. In: Congresso Internacional de Ensino e Formação Docente. Anais...Redenção(CE) UNILAB, 2020. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/cief2020/236571-A-PRATICA-DOCENTE-NA-EDUCACAO-DE-JOVENS-E-ADULTOS-NO-MUNICIPIO-DE-PARNAIBA--PI>>.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários a prática educativa. 44ª ed. Rio de Janeiro, 2013.

_____, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 45ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

_____, FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. **Alfabetização**: Leitura do mundo, leitura da palavra. Tradução de: OLIVEIRA, Lólio Lourenço de. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos**. São Paulo: Editora Global, 2004. 15ª edição.

GADOTTI, Moacir e ROMÃO, José E. **EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**: teoria, prática e proposta (orgs). – São Paulo: Cortez, 2011.

GATTI, E. B. **Análise das políticas públicas para formação continuada no Brasil na última década**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v.13, n.37, p.57-70, 2008.

GENTIL, Viviane Kanitz. **EJA**: contexto histórico e desafios da formação docente. Centro de Referência em Educação de Jovens e Adultos–CEREJA, 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**.5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GRIFFANTE, Adriana I.; BERTOTTI, Liane Angélica; DA SILVA, Lisandra Pacheco. **Os desafios da EJA e sua relação com a evasão**. XIII Seminário “Escola e Pesquisa: um encontro possível, 2013.

GHIRALDELI JR, Paulo. **História da Educação Brasileira**. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2006.

HADDAD, Sérgio. & DI PIERRO, Maria Clara. **Satisfação das necessidades básicas de aprendizagem de jovens e adultos no Brasil**: Contribuições para uma avaliação da década da Educação para Todos. São Paulo: Ação Educativa, 1999.

IBGE (10 de julho de 2002). «Área territorial oficial». Resolução da Presidência do IBGE de nº 5 (R.PR-5/02). Consultado em 21 de agosto de 2020.

LEITE, S. F. **O direito à Educação Básica para Jovens e Adultos da Modalidade EJA no Brasil**: um resgate histórico e legal. Curitiba-PR. CRV. 2013.

LEODORO, Marcos P.; BALKINS, Márcia AS. **Problematizar e participar: elaboração do produto educacional no Mestrado Profissional em Ensino**. Anais Simpósio Nacional de Ensino de Ciência e Tecnologia. Curitiba, 2010.

LOPES, Selva Paraguassu; SOUSA, Luzia Silva. **EJA**: uma educação possível ou mera utopia. Revista Alfabetização Solidária (Alfasol), v. 5, p. 75-80, 2005.

LUDKE, Menga. **Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas**. 1. Ed. São Paulo; EPU, 1987.

LÜDKE, M; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, M. M. **Formação de professores para a EJA: uma perspectiva de mudança**. Revista Retratos da Escola. Brasília, v. 2, n. 2-3, p. 161 – 174, 2008. Disponível em: Acesso em: 03 mai. 2020.

MENDES, Francisco Iweltman. **PARNAIBA EDUCAÇÃO E SOCIEDADE: Da Colonização ao fim do Estado novo**. Parnaíba: SIEART, 2007.

MOLLICA, Andrea Jamil Paiva. **Tornar-se professor da EJA: um estudo priorizando a dimensão afetiva**. 2010. 184 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - PUCSP, São Paulo, 2010.

MOREIRA, Marco Antonio. **Linguagem e aprendizagem significativa**. In: Conferência de encerramento do IV Encontro Internacional sobre Aprendizagem Significativa, Maragogi, AL, Brasil. 2003.

MOREIRA, Marco; NARDI, Roberto. **O mestrado profissional na área de Ensino de Ciências e Matemática: alguns esclarecimentos**. Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia, p. 1-9, 2010.

MOREIRA, M. A. **“O mestrado (profissional) em ensino”**. Revista Brasileira de Pós-Graduação. Brasília: ano 1, n 1. Julho de 2004. p. 131-142.

MOURA, Dante Henrique. et al. **EJA: formação técnica integrada ao ensino médio**. EJA: formação técnica integrada ao ensino médio. Boletim, v. 16, 2006.

NEVES, Joana d'Arc Vasconcelos; COSTA, Norma Cristina Vieira; COSTA, Nivia Maria Vieira. **A construção do eu pelo outro: representações sobre a identidade docente da EJA na Amazônia paraense**. Momento-Diálogos em Educação, v. 27, n. 2, p. 299-318, 2018.

PAIVA, Vanilda Pereira. **Educação popular e educação de adultos: contribuição a história da educação brasileira**. São Paulo: Loyola, 1973.

PELIZZARI, Adriana et al. **Teoria da aprendizagem significativa segundo Ausubel**. revista PEC, v. 2, n. 1, p. 37-42, 2002.

PERES, Gleyce Marinho Barreto et al. **Evasão escolar na EJA: estigma ou desafio das escolas públicas?**. 2016. Dissertação de Mestrado.

PEREIRA, J.E.D. As Licenciaturas e as novas políticas educacionais para a formação docente. **Educação & Sociedade**, ano XX, n.68, p.109-125.dez, 1999.

PREFEITURA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. **Plano Municipal de Educação**, 2015. Disponível em: <http://>

https://www.ufpi.br/arquivos_download/arquivos/planomunicipalphb.pdf. Acesso em 22 out. 2020.

PORCARO, Rosa Cristina. **A História da Educação de Jovens e Adultos no Brasil**. Disponível em: <<http://www.dpe.ufv.br/nead/docs/ejaBrasil.doc.htm>> acesso em 4 mar.2020.

SANTANA, Elisangela Barreto; PALHETA, Franciney Carvalho. **A contextualização e a aprendizagem significativa: uma experiência na EJA**. ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, v. 9, 2013.

SANTOS, Fernanda Marsaro dos. **Análise de conteúdo: a visão de Laurence Bardin**. Resenha de: [BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011, 229p.] Revista Eletrônica de Educação. São Carlos, SP: UFSCar, v.6, no. 1, p.383-387, mai. 2012. Disponível em <http://www.reveduc.ufscar.br>.

SCOCUGLIA, A. C. (2003). **A educação de jovens e adultos: histórias e memórias da década de 60**. Brasília, DF: Plano Editora.

SOARES, Leôncio José Gomes. **A Educação de Jovens e Adultos: momentos históricos e desafios atuais**. Revisa Presença Pedagógica, v.2, nº11, Dimensão, 1996.

SOUZA, E.C.de. Pesquisa Narrativa e escrita (auto) biográfica: interfaces metodológicas e formativas. In: SOUZA, E.C. de; ABRAHÃO, M.H.B. **Tempos, Narrativas e Ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EdPUCRS, 2006b.p. 135-147.

SOUZA, Eveline Leite de. **Uma Cidade só Cresce se a População Crescer Intellectualmente: Uma História da Educação de Serra Branca – PB (1942 a 1986)** Campina Grande, 2012

VENTURA, Jaqueline. **A EJA e os desafios da formação docente nas licenciaturas**. Revista da FAEEBA-Educação e Contemporaneidade, v. 21, n. 37, 2013.

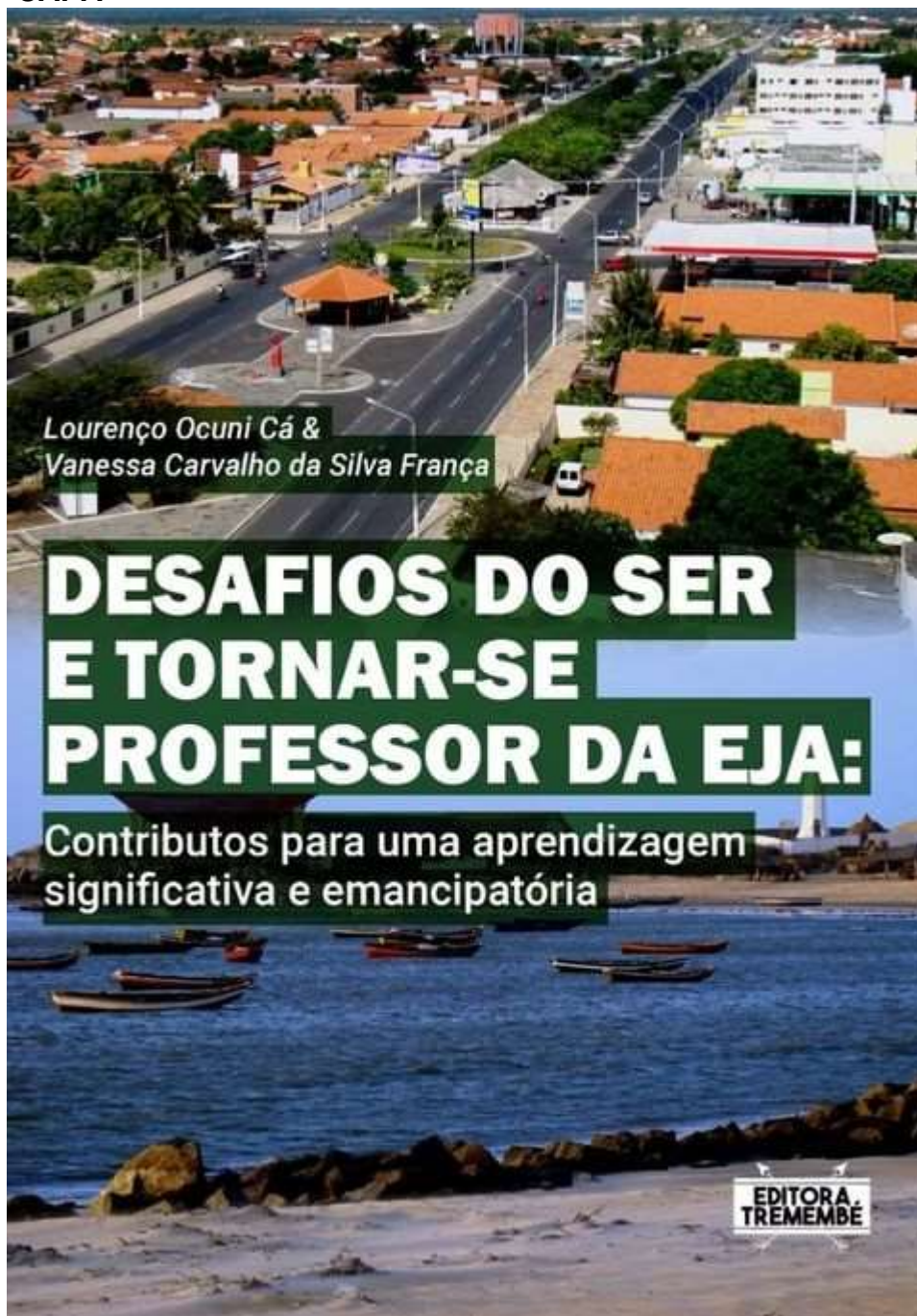
ZABALZA, Miguel A. **Diários de aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional**. Tradução de Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2004.

APÊNCIDES

APÊNDICE A – PRODUTO EDUCACIONAL: E-BOOK “DESAFIOS DO SER E TORNAR-SE PROFESSOR DA EJA: Contributos para uma aprendizagem significativa e emancipatória.

ESQUEMA DE PRODUTO EDUCACIONAL

1. CAPA



2. INTRODUÇÃO

O presente produto educacional **“DESAFIOS DO SER E TORNAR-SE PROFESSOR DA EJA: Contributos para uma aprendizagem significativa e emancipatória**, é um *e-book* desenvolvido a partir das vivências descritas por um grupo de cinco professores que trabalham com a modalidade Educação de Jovens e Adultos no município de Parnaíba, no Piauí.

Este produto está vinculado à pesquisa: **O TRABALHO DOS PROFESSORES NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO MUNICÍPIO DE PARNAÍBA-PI: diálogos narrativos”**, desenvolvida ao curso de Mestrado em Ensino e Formação Docente (PPGEF), fruto da associação entre a Universidade Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e o Instituto Federal do Ceará (IFCE).

A pesquisa foi desenvolvida pela mestrandia Vanessa Carvalho da Silva França, em parceria com o seu orientador, Professor Dr. Lourenço Ocuni Cá. O livro digital tem como objetivo contribuir diretamente para o desenvolvimento das atividades laborais dos docentes que se encontram atuantes na modalidade educacional destinada a jovens e adultos - EJA.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, os professores colaboradores foram convidados para, em um período de três meses, produzirem seus diários narrativos. Nas suas escritas, foram convidados a relatar suas experiências mais significativas, suas percepções acerca da modalidade que atuam, como também descrever os principais empecilhos que permeiam suas práticas. Após a escrita, as informações foram analisadas e percebemos que os participantes se mostraram mal assistidos do ponto visto dos insumos escolares em vários segmentos. Portanto, a falta de um recurso voltado diretamente para a EJA em Parnaíba foi algo que se sobressaiu.

Do grupo investigado, todos os sujeitos afirmaram sentir uma certa necessidade de materiais próprios para desenvolver seu trabalho; enfatizaram ainda que tal material deveria ser específico para a EJA. Os sujeitos frisaram que adotar materiais de outras modalidades, como é o caso do Ensino Fundamental, é algo que não surte o efeito esperado ao tratar de Educação de Jovens e Adultos.

Espero que esse livro possa auxiliá-lo a compreender a relação existente entre a educação voltada ao público adulto e a aprendizagem significativa. Assim o presente *e-book* nasce na tentativa de suprir uma necessidade sentida dos próprios professores que compõe a Educação de Jovens e Adultos. Aqui os leitores encontrarão não apenas os aspectos teóricos que subsidiam o trabalho docente, mas também terão relatos de professores atuantes na modalidade, o que permitirá uma maior contextualização daquilo que é a teoria para aquilo que de fato é a prática.

Para que este *e-book* se concretizasse foram utilizadas na pesquisa algumas técnicas, tais como a aplicação de questionários e a produção de diários narrativos. Assim, aliando as informações encontradas a partir desses dois instrumentos propomos o presente produto com o intuito de tornar o ensino mais significativo na EJA.

Nessa obra, trazemos a contribuição da perspectiva da Aprendizagem Significativa para as turmas da Educação de Jovens e Adultos, pois como acreditamos e constatamos com a realização da pesquisa, quando o ensino é contextualizado e mais próximo do aluno a sua aprendizagem acontece de forma mais fluida. Para uma melhor sistematização, dividimos o *e-book* em duas partes principais. A primeira parte traz características gerais da modalidade EJA no contexto parnaibano, o que permite ao leitor a construção do cenário onde ocorreu a pesquisa; enquanto a segunda parte apresenta cinco sugestões de propostas didáticas, que podem ser utilizadas pelos professores da modalidade em suas aulas.

Desejamos a todos uma boa leitura!

PARTE 1 - CONHECENDO PARA ATUAR

[...] É muito gratificante trabalhar com Educação de Jovens e Adultos, pois sinto que mais aprendo do que ensino [...].

Professor participante da pesquisa

[...] Manter os alunos da EJA ativos é sempre uma luta diária, pois assim como eu, eles também estão cansados depois de um dia longo de trabalho [...].

Professor Participante da pesquisa

[...] Analiso que a aquisição do ler e escrever o próprio nome é a possibilidade dos alunos de EJA se sentirem até mais importantes, é algo absurdamente transformador para eles [...].

Início este texto trazendo a percepção de alguns participantes da pesquisa que originou este produto educacional. Em seus relatos, percebemos como esses sujeitos enxergam a modalidade em que estão. Sabe-se que o trabalho na Educação de Jovens e Adultos é algo desafiador, pois nos deparamos com inúmeros empecilhos, momentos de formação escassos ou inexistentes e a inexistência de recursos próprios são pontos fortes e que acabam comprometendo o andamento das atividades nesse segmento educacional.

Na cidade de Parnaíba, esses relatos ilustram a realidade aqui vivida. Atualmente (dados até junho de 2021), a cidade conta com 17 (dezesete) escolas que ofertam a Educação de Jovens e Adultos. Notamos que, infelizmente, esse número de escolas e, conseqüentemente, matrículas, vem reduzindo no decorrer dos anos, e não podemos deixar de enfatizar que o período pandêmico intensificou ainda mais tal processo.

Historicamente, essa modalidade de educação formal destinada ao público jovem e adulto no município de Parnaíba foi iniciada como uma tentativa da Secretaria Municipal de Educação em suprir a demanda exigida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. No entanto, não houve uma preparação para que tal momento acontecesse, pois, alguns professores, aqueles que estavam próximos da aposentadoria, ou com o benefício da diminuição de carga horária, foram lotados nessas primeiras turmas.

A partir dessas informações, notamos que o município possui ainda uma longa trajetória a ser trilhada. É essencial a conscientização de que a cidade é carente de uma identidade própria da modalidade. Investir na formação do docente é sem dúvida algo primordial, mas não significa que seja a única ação que pode ou deve ser realizada. Fazem-se necessárias práticas como a criação de diretrizes curriculares próprias e investimentos na infraestrutura, pois o professor pode até ser inovador e criativo em suas aulas, com um amplo repertório metodológico, entretanto, se o discente não compreender de forma clara, acessível e objetiva as informações transmitidas, a ação docente se torna sem sentido. É necessário que tais práticas se tornem significativas para a vida dos discentes.

APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA E A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

[...] Práticas pedagógicas que dão voz aos alunos são aquelas que mais trazem resultados positivos. Nossa clientela é calada por diversos setores sociais a escola muitas vezes é o único local que o mesmo pode se estressar [...]

Professor Participante da Pesquisa

[...]Penso que ensinar adulto ou jovem fora da faixa série/ idade é aprender a se colocar no lugar do outro constantemente é levar em conta autoestima, expectativas e sempre valorizar a força de vontade de cada um e a história que cada um carrega [...].

Professor Participante da Pesquisa

Nesse tópico, trago os fundamentos da perspectiva de uma aprendizagem significativa voltada para as turmas de Educação de Jovens e Adultos. Perspectiva esta que tem o intuito de aproximar os conteúdos trabalhados na escola com a realidade vivida pelos alunos, público da EJA. A seleção pela aprendizagem significativa, se deu pelas próprias vivências da pesquisadora da dissertação, como também pelos relatos dos professores interlocutores do estudo inseridos da modalidade aqui estudada.

Aprendizagem significativa é aquela em que ideias expressas simbolicamente interagem de maneira substantiva e não-arbitrária com aquilo que o aprendiz já sabe. Substantiva quer dizer não-literais, não ao pé-da-letra, e não-arbitrária significa que a interação não é com qualquer ideia prévia, mas sim com algum conhecimento especificamente relevante já existente na estrutura cognitiva do sujeito que aprende. (MOREIRA, 2012).

A partir da Aprendizagem Significativa, pretendemos uma aproximação entre teoria e prática, utilizando-se de alguns conhecimentos em comum que os alunos possam já possuir. Assim, com essa proposta, o aluno perceberá que pode assumir o controle das suas aprendizagens e seus saberes de forma significativa.

Nossa intenção ao propor atividades nesse sentido é direcionar o docente a conhecer as diferentes e inúmeras realidades onde o seu aluno vive, e propor em suas atividades reflexões e debates como forma de elucidação de problemas. Mostrar ao aluno como aquilo que é aprendido na escola é aplicado cotidianamente.

PARTE 2 - SUGESTÕES DE ATIVIDADES PRÁTICAS

Nessa etapa, traremos algumas sugestões de propostas de aulas que podem ou não ser utilizadas pelos professores da modalidade EJA. Enfatizo que as atividades aqui propostas foram elaboradas pela autora da pesquisa que gerou como fruto este *e-book*. Aproveito o ensejo e friso que as atividades aqui propostas são apenas pontos significativos que podem ser reorganizados ou redefinidos de acordo com o ponto de vista docente, uma vez que ao lidar com pessoas diferentes se faz necessário metodologias próprias que abracem as demandas que esses sujeitos trazem.

O que temos aqui são propostas, algumas já realizadas em turmas de EJA, outras ainda em processo de utilização. As alternativas estão subsidiadas teoricamente na perspectiva da Aprendizagem Significativa, que aproveita os saberes e conhecimentos que os alunos já possuem acerca de uma temática principal para tentar chegar de fato algo significativo para o aluno.

Inicialmente, pensamos que essas propostas deveriam contemplar as habilidades descritas na atual Base Nacional Comum Curricular, entretanto, verificamos que os alunos oriundos da EJA já possuem algumas delas, afinal são adultos. Dessa forma, iremos priorizar um ensino mais contextualizado, emancipatório e, principalmente, reflexivo, que exigirá um pensamento crítico para o desenrolar das atividades que aqui se seguem.

Veremos agora cinco propostas de atividades que podem ser trabalhadas nas turmas de Educação de Jovens e Adultos desde a Primeira até a Quinta Etapa. Obviamente, a seleção dos conteúdos e metodologias mais adequadas cabem ao professor, aqui estão exemplos apenas de contextualização entre a cidade de Parnaíba e possíveis objetos de estudo. Da organização didática, dividimos as propostas por áreas de conhecimento, seguindo assim aquilo que é exigido na BNCC. Segue a sistematização da divisão.



PROPOSTA 1

ÁREA DE CONHECIMENTO: LINGUAGEM

Nossa primeira proposta surge para trabalhar a área de conhecimento Linguagem; aqui traremos a lenda da Macyrajara, personagem que compõe o universo folclórico da cidade de Parnaíba.

Como fazer:

- Apresentação da lenda, através de imagens (leitura de imagens), ou discussão acerca da Lagoa do Portinho, ponto turístico parnaibano;
- Após a apresentação das imagens, questionar os alunos se já conheciam a lenda? A quais bairros pertencem a lagoa? Quais as vias de acesso até chegar ao ponto turístico? E qual a qualidade das vias de acesso?;
- Após essa primeira averiguação (levantamento dos conhecimentos prévios), exibição de vídeo ou contação da lenda;
- Interpretação da lenda, com destaque para os nomes dos principais personagens;
- Leitura, escrita e reescrita dos personagens;
- Caracterização dos personagens e do local onde acontece o enredo da história;

- Contextualização com a língua inglesa ou espanhola (com a letra Y existente no nome da personagem principal);
- Pesquisa de outros nomes com Y, ou nomes de origem indígena;
- Escrever a relação dos nomes dos colegas da turma e da professora;
- Socialização dos nomes dos familiares e escolha do nome;
- Organização dos nomes próprios estudados em ordens alfabéticas;
- Releitura do texto, a partir das suas percepções.

PROPOSTA 2

ÁREA DO CONHECIMENTO: MATEMÁTICA

Nossa proposta para trabalhar a área de conhecimento Matemática é trazer para a sala a discussão sobre o Projeto Federal dos Tabuleiros litorâneos. O projeto existe desde 2002 e visa a geração de renda através da agricultura em região de caatinga. Segundo o Governo Federal (2021):

A principal atividade produtiva do perímetro é a agricultura orgânica certificada. O destaque é a acerola que ocupa a maior área plantada, em região de caatinga. Na região também há produção de coco, caju, abacaxi, manga, goiaba e banana. As frutas cultivadas chegam às regiões Nordeste, Sul e Sudeste e também são exportadas para a Europa e América do Norte. (BRASIL, 2021).

Por intermédio do projeto, muitas famílias são beneficiadas com trabalho e, conseqüentemente, a criação de renda, o que mantém o trabalhador motivado com a prestação do seu serviço. Nosso intuito é utilizar esse projeto tão conhecido na cidade em algo que corrobore com a prática educativa na Educação de Jovens e Adultos.

Como fazer:

- Apresentação do Projeto com um representante do mesmo na escola;

- Discussão sobre os impactos sociais e econômicos do projeto para a comunidade;
- Apresentação de gráficos e tabelas com informações sobre o número de famílias atendidas, quantos trabalhadores envolvidos, área de ocupação do projeto;
- Informar sobre os produtos mais e menos cultivados;
- A partir das informações mostradas, coletar esses dados e apresentar em sala;
- Comparar os preços dos produtos produzidos no projeto com aqueles produtos que não são produzidos e vem de fora;
- Estabelecer as diferenças nos preços e na qualidade dos alimentos;
- Propor problemas numéricos (utilizando as operações matemáticas) contextualizadas com as informações trazidas;
- Atividade de pesquisa: verificar quais outras áreas fornecem os alimentos que abastecem nossa região.

PROPOSTA 3

ÁREA DO CONHECIMENTO: ENSINO RELIGIOSO

A proposta trazida para trabalhar a área do conhecimento que corresponde ao ensino religioso é a lenda que dá origem a uma dança genuinamente piauiense. O Bumba-meu-boi. O Boi é uma dança com forte representatividade cultural no estado do Piauí, e por mais que outros estados na atualidade se destaquem com essa festividade, sua origem está atrelada ao processo de colonização do Piauí.

A celebração do bumba-meu-boi é realizada para comemorar a “volta à vida” de um boi de estima de um fazendeiro muito rico. A lenda conta que um casal de trabalhadores de uma fazenda estava na expectativa da chegada do seu primeiro filho, e a mulher – Catirina – sentiu um forte desejo em comer a língua do boi, seu marido – Pai Francisco – para atender os anseios da esposa, tirou a língua do animal para dá-la à mulher.

O fazendeiro, ao notar a ausência do seu boi preferido, reuniu todos os seus vaqueiros e só conseguiu que o boi melhorasse após um pajé/curandeiro/padre fizesse uma oração no animal. Só após a oração, o boi finalmente voltou a vida e foi feita uma grande festa para celebrar o feito.

Como fazer:

- Exposição de fotos com os personagens típicos da festa;
- Levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos a partir de diálogos dirigidos;
- Recontar a história e perceber as diferenças entre as versões;
- Associar as figuras religiosas existentes na lenda (pajé, curandeiro e/ou padre);
- Relacionar as diferentes religiões aos seus principais representantes;
- Pesquisar as diferentes religiões existentes e a caracterização de cada uma delas;
- Conhecer e conversar com líderes religiosos no intuito de compreender a origem dos símbolos e tradições que cada religião traz consigo.

PROPOSTA 4**ÁREA DO CONHECIMENTO: CIÊNCIAS DA NATUREZA**

A sugestão trazida nessa quarta proposta, para se trabalhar a área do conhecimento, ciências da natureza, é nos utilizarmos do Delta do Parnaíba. O Delta do Parnaíba é o único delta das Américas e tem a nossa cidade como porta de entrada. Trata-se de um arquipélago com mais de 50 ilhas, formando um labirinto de mangues e igarapés, de uma natureza exuberante e única. Rico em biodiversidade e completamente preservado. O Delta é região de fronteira com o estado do Maranhão.

Como fazer:

- Exposição de fotos dos lugares e animais típicos daquele ambiente para os alunos reconhecerem;
- Proposição de perguntas para o debate: Quem já viu? Quem já fez o passeio? O que viu no passeio?;
- Após a socialização das respostas, apresentar vídeos sobre o Delta das Américas e sua importância para o turismo local;
- Trazer dados sobre as espécies da fauna e da flora encontradas na região, e sua importância para o equilíbrio ecológico da região;
- Propor a escrita dos nomes das espécies presentes na região e associar as suas principais características;
- Montar um painel com as informações apreendidas durante a aula.

PROPOSTA 5

ÁREA DO CONHECIMENTO: CIÊNCIAS HUMANAS

Nossa última proposta sugere utilizar o debate sobre o crescimento de Parnaíba nos últimos anos. O intuito é levar o aluno a “perceber” sua cidade como organização viva que a cada dia, e com novos empreendimentos que aqui surgem, avança mais e mais no sentido de urbanização. Quem vive na cidade nota o quanto ela se desenvolveu nos últimos anos. A chegada de empresas nacionais como também a instalação do *shopping center*, somada à expansão universitária desde 2007, movimentou positivamente a cidade e a fez desenvolver-se no sentido de infraestrutura.

Como fazer:

- Exibir vídeo com imagens antigas e atuais da cidade de Parnaíba. A partir dessa exibição ir questionando se os alunos conhecem aquelas partes da cidade;
- A partir das falas dos alunos, associar as imagens de como elas eram antigamente e como se apresentam na atualidade;
- Propor a evolução dos lugares a partir dos tempos e a necessidade de mudanças para atender as necessidades da população;
- Trazer dados do IBGE do crescimento da cidade de Parnaíba;

- Listar os novos bairros surgidos na cidade e a origem de cada um;
- Pesquisar sobre a nomenclatura desses novos bairros;
- Analisar se as condições básicas de qualidade de vida como: educação, saúde, infraestrutura já são disponibilizadas nesses novos bairros a partir de escolas, postos de saúde, coleta de lixo e rede de esgotos;
- Visita à Câmara de Vereadores em alguma sessão para acompanhar pautas relacionadas ao tema.

REFERÊNCIAS

Ausubel, D.P.; Novak, J.D.; Hanesian, H.(1980). **Psicologia educacional**. Rio de Janeiro. Ed. Interamericana.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996.

_____**Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Consulta Pública. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2015. Disponível em: <<http://historiadabncc.mec.gov.br/documentos/BNCC-APRESENTACAO.pdf> >. Acesso em: 01 nov. 2015. Disponível em: <<http://historiadabncc.mec.gov.br/documentos/BNCCAPRESENTACAO.pdf> >. Acesso em: 01 nov. 2020.

IBGE – **INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA**. Censo Brasileiro de 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

MOREIRA, Marco Antonio. **Linguagem e aprendizagem significativa**. In: Conferência de encerramento do IV Encontro Internacional sobre Aprendizagem Significativa, Maragogi, AL, Brasil. 2003.

APÊNDICE B – TERMO DE CONSCIENTIZAÇÃO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA – UNILAB PROGRAMA ASSOCIADO DE POS GRADUAÇÃO EM ENSINO E FORMAÇÃO DOCENTE – PPGEF (UNILAB/IFCE) MESTRADO EM ENSINO E FORMAÇÃO DOCENTE

TERMO DE CONSCIENTIZAÇÃO LIVRE E ESCLARECIDO

Caro colaborador, você foi convidado para participar voluntariamente da pesquisa que desenvolveremos. A seguir apresentaremos os principais pontos para a sua tomada de decisão. Faça a leitura cuidadosamente e me coloco a disposição caso alguma dúvida surja.

A pesquisa é de autoria minha, VANESSA CARVALHO DA SILVA FRANÇA, aluna do Mestrado em Ensino e Formação e Docente das seguintes instituições: UNILAB e IFCE, o trabalho está sob a orientação do Professor Doutor Lourenço Ocuni Cá.

Caso aceite participar, por favor, assine o documento nas vias solicitadas. Informamos que não há nenhuma objeção caso não aceite ou possa participar do estudo.

DADOS SOBRE A PESQUISA

Título: O TRABALHO DOS PROFESSORES NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO MUNICÍPIO DE PARNAÍBA-PI: diálogos narrativos.

Pesquisadora: Vanessa Carvalho da Silva França – Mestranda em Ensino e Formação Docente (PPGEF- UNILAB/IFCE). E-mail: vanessa.csfranca@gmail.com, Telefone: (86) 99463-7665.

Orientador: Professor Doutor Lourenço Ocuni Cá.

Objetivo Geral:

- Analisar a prática docente da EJA no município de Parnaíba - PI.

Objetivos Específicos:

- Identificar quais fatores motivam os professores da EJA a trabalhar nesta modalidade;
- Compreender os reais obstáculos enfrentados pelos professores investigados;
- Propor um produto educacional voltado à realidade encontrada a partir desta pesquisa.

Questões Suleadoras:

- 1- Qual/ is as práticas os docentes da EJA da rede municipal mais adotam?
- 2 - Quais os impactos da formação e da não formação voltadas para o público da EJA?
- 3 - Quais as principais carências e queixas relacionadas à EJA?
- 4 - Quais os principais desafios encontrados na EJA?

Procedimento metodológico:

A presente pesquisa caracteriza-se por ser do tipo Narrativa, apoiando-se a partir de uma abordagem qualitativa. Os dados aqui presentes serão adquiridos a partir de questionários e diários narrativos.

Análise de Dados:

Devido a natureza desta pesquisa, optamos pelos estudos de Bardin que abordam sobre a análise de conteúdo.

Produto Educacional:

Livro digital: “DESAFIOS DO SER E TORNAR-SE PROFESSOR DA EJA: Contributos para uma aprendizagem significativa e emancipatória.

**CONSENTIMENTO DO PROFESSOR PARA COLABORAÇÃO NA
PESQUISA**

Eu, _____, brasileiro/a,
residente na cidade de _____ no seguinte endereço:
_____,
portador do Registro Geral de número: _____ e CPF:
_____, professor da Modalidade Educação de Jovens e
Adultos no município de Parnaíba – PI, estou de acordo em participar da
pesquisa intitulada: O TRABALHO DOS PROFESSORES NA EDUCAÇÃO DE
JOVENS E ADULTOS NO MUNICÍPIO DE PARNAÍBA-PI: diálogos narrativos,
conforme explicitado pela mestrandia Vanessa Carvalho da Silva França.

Sou consciente de todos os detalhes pertinentes a pesquisa, desde a
natureza do estudo bem como seus objetivos e procedimentos. Sou consciente
que minha identificação não será revelada e que minha colaboração é gratuita.

Parnaíba-PI, _____ de _____ de 2021

Assinatura do Interlocutor da pesquisa

APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO COM OS PROFESSORES

QUESTIONÁRIO

PERFIL DOS INTERCOCUTORES DA PESQUISA

Prezado(a) Professor,

Sou aluna do Mestrado em Ensino e Formação Docente, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB) e estou desenvolvendo uma pesquisa com a seguinte temática: **“O TRABALHO DOS PROFESSORES NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO MUNICÍPIO DE PARNAÍBA-PI: diálogos narrativos”**. O estudo tem como objetivo: Investigar a prática docente na Educação de Jovens e Adultos em Parnaíba.

A realização dessa pesquisa de campo visa subsidiar a elaboração de um relatório de pesquisa em nível de dissertação, como uma das exigências para a conclusão do curso de pós-graduação e obtenção do título de Mestre em Educação pela UNILAB, sob a orientação do Professor Dr. Lourenço Ocuni Cá.

Assim, venho convidá-lo(a) a participar como voluntário (a) desta pesquisa, respondendo a esse questionário, conforme sua disponibilidade. O objetivo do instrumento é traçar o perfil pessoal, profissional e acadêmico, bem como conhecer suas impressões sobre a profissão professor. Antecipadamente comprometo-me em guardar os dados aqui disponibilizados, garantindo assim o anonimato/sigilo da fonte na apresentação dos dados no relatório da pesquisa, se assim a fonte desejar.

Sem a sua preciosa ajuda, esta pesquisa se tornará inviável, portanto, desde já muito obrigada pela sua colaboração para a realização desse estudo.

Vanessa Carvalho da Silva França

Mestranda em Ensino e Formação Docente - UNILAB

MESTRADO EM ENSINO E FORMAÇÃO DOCENTE – UNILAB/IFCE
QUESTIONÁRIO

TEMA DA PESQUISA: A Prática Docente na Educação de Jovens e Adultos no Município de Parnaíba – PI.

ORIENTADOR DA PESQUISA: Prof^o. Dr^o: Lourenço Ocuni Cá

ALUNA: Vanessa Carvalho da Silva França

SUJEITOS: Professores da rede pública municipal de ensino, lotados na EJA no município de Parnaíba-PI.

1. Dados Pessoais

Nome: _____

Idade: () Entre 18 e 25 anos () entre 26 a 30 anos () entre 31 e 35 anos
() 36 a 41 anos () 42 a 47 anos () acima de 48 anos.

Estado Civil: _____

Endereço: _____ Telefone: _____

Email: _____

2. Dados Profissionais

Escola que atua: _____

Endereço da escola: _____

Quanto tempo trabalha nesta escola:

() Menos de 1 ano () Entre 1 e 3 anos () Entre 4 e 6 anos () Mais de 7 anos

Tempo de Docência na EJA: _____

Ciclos da EJA que trabalha: _____

Turno que atua na escola: () Manhã () Tarde () Noite

O Senhor (a) trabalha em outra escola? () sim () Não

Em caso afirmativo, por favor, indique o nome, especifique se é pública ou privada, o nível, turma e disciplina que trabalha:

3. Dados Acadêmicos

Nível de Formação Profissional

- Graduação

Início: _____ Término: _____

Instituição onde concluiu: _____

Pública

Privada

- Especialização em _____

Em andamento Concluída em _____

- Mestrado

- Doutorado

APÊNDICE D – CONVITE PARA A ESCRITA DOS DIÁRIOS

Prezado(a) Professor (a),

Sou aluna do Mestrado em Ensino e Formação Docente, da UNILAB e estou desenvolvendo uma pesquisa com a seguinte temática: **“O TRABALHO DOS PROFESSORES NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO MUNICÍPIO DE PARNAÍBA-PI: diálogos narrativos”**. O estudo tem como objetivo “investigar a prática docente na EJA em Parnaíba-PI”.

A realização desta pesquisa de campo visa subsidiar a elaboração de um relatório de pesquisa em nível de dissertação, como uma das exigências para a conclusão do curso de Pós-Graduação e obtenção do título de Mestre em Ensino e Formação Docente pela UNILAB, sob a orientação do Prof. Dr. Lourenço Ocuni Cá.

Neste sentido, venho convidá-lo(a) a participar como voluntário(a) dessa pesquisa, registrando no diário de aula, que está recebendo juntamente com este convite, suas impressões e reflexões, seguindo as orientações do roteiro abaixo, conforme sua disponibilidade.

Antecipadamente, comprometo-me em guardar os dados aqui disponibilizados, garantindo assim o sigilo da fonte na apresentação dos dados no relatório da pesquisa, se assim desejar.

Sem a sua ajuda, esta pesquisa se tornará inviável, portanto, desde já sou grata pela sua colaboração.

Vanessa Carvalho da Silva França
Mestranda em Ensino e Formação Docente


APÊNDICE E - ORIENTAÇÕES PARA A ESCRITA DOS DIÁRIOS

DIÁRIOS NARRATIVOS: INSTRUMENTOS PARA A PESQUISA

No sentido de investigar como se desenvolve a prática docente na Educação de Jovens e Adultos no Município de Parnaíba-PI, recorreremos à produção de diários narrativos, pois os mesmos são mecanismos propícios para estimular a prática reflexiva dos professores através da sua escrita. Alves (1997, p.222) os define como uma espécie de “pensamento em voz alta escrito num papel”. Nesse sentido, o mecanismo de pesquisa concede aos professores a sação de registrar suas perspectivas e impressões sobre seu local de trabalho, sala de aula, de uma forma dicotômica, ou seja, subjetiva e objetiva, pois além da descrição dos fatos ocorridos, os pensamentos e sentimentos dos professores estarão presentes nos fatos narrados.

Orientações para a produção dos diários narrativos:

- As narrativas deverão ser registradas nos diários durante o período de um semestre letivo. Os docentes farão seus registros, dentro das suas possibilidades, pelo menos duas vezes na semana, variando os dias de anotação de preferência.
- Os professores participantes da pesquisa devem registrar em seus diários;
- Reflexões sobre sua prática;
- Experiências exitosas e/ou desestimulantes no exercício da profissão;
- Contribuições sobre a escrita dos diários narrativos na investigação de sua prática;
- Os docentes não precisam registrar seus horários, conteúdos, nem as atividades destinadas para casa;



*Vanessa Carvalho da Silva França
& Lourenço Ocuni Cá*

DESAFIOS DO SER E TORNAR-SE PROFESSOR DA EJA:

**Contributos para uma aprendizagem
significativa e emancipatória**

**EDITORA
TREMEMBÉ**

VANESSA CARVALHO DA SILVA FRANÇA
LOURENÇO OCUNI CÁ

DESAFIOS DO SER E TORNAR-SE PROFESSOR DA EJA

Contributos para uma aprendizagem significativa
e emancipatória

EDITORA TREMEMBÉ
2021



Editor Chefe
Alexandre César Mendes Araújo
Editora Executiva
Amanda Maria dos Santos Silva
Imagens da Capa
Pinterest/Blog do B.Silva



Esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir deste trabalho para fins não comerciais, desde que atribuam o devido crédito e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.

Conselho Editorial

Prof^ª Dr^ª. Ana Maria Leite Lobato (IFPA)
Prof. Dr. Flávio Muniz Chaves (IDJ/UEVA)
Prof. Dr. Francisco Raphael Cruz Maurício (UFPI)
Prof. Msc. Alexandre Wellington dos Santos Silva (FAR)
Prof^ª Msc. Amanda Maria dos Santos Silva (UFDFPar)

© Vanessa Carvalho da Silva França. 2021
© Lourenço Ocuni Cá. 2021
© Editora Tremembé. 2021

Autores

Vanessa Carvalho da Silva França
Lourenço Ocuni Cá

Edição

Amanda Maria dos Santos Silva

Revisão Gráfica

Alexandre César Mendes Araújo

Capa

Alexandre Wellington dos Santos Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F814 Vanessa Carvalho da Silva França & Lourenço Ocuni Cá
FRANÇA, Vanessa Carvalho da Silva & CÁ, Lourenço
Ocuni. Desafios do ser e tornar-se professor da EJA: contri-
butos para uma aprendizagem significativa e emancipatória.
Parnaíba, Piauí: Editora Tremembé, 2021. 40 p.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-994108-9-5

I. EJA 2. Aprendizagem significativa 3. Ensaio I. Vanessa
Carvalho da Silva França II. Lourenço Ocuni Cá III. Título

Editora Tremembé

Parnaíba – Piauí – Brasil

www.editoratremembe.com.br

*A minha avó Noemia,
A minha mãe Ildener,
A todas as mães pesquisadoras deste país,
A todas as mães de pessoas com autismo.*

SUMÁRIO

Introdução	7
<i>Parte 01: Conhecendo para atuar</i>	
Aprendizagem significativa e a educação de jovem e adultos.....	15
<i>Parte 02: Sugestões de atividades práticas</i>	
Proposta 1: Linguagens.....	21
Proposta 2: Matemática	24
Proposta 3: Ensino religioso	28
Proposta 4: Ciências da natureza.....	31
Proposta 5: Ciências da linguagem	33
Saiba mais.....	35
Referências	36
Agradecimentos.....	37

INTRODUÇÃO

O Presente Produto Educacional **“Desafio do se e tornar-se professor da EJA: Contributos para uma aprendizagem significativa e emancipatória”**, é um e-book desenvolvido baseado em vivências descritas por um grupo de cinco professores que trabalham com a Modalidade Educação de Jovens e Adultos no município de Parnaíba, Piauí - Brasil.

Este produto está vinculado à pesquisa: **“O trabalho dos professores na educação de jovens e adultos no município de Parnaíba-PI: diálogos narrativos”**, desenvolvida ao curso de Mestrado em Ensino e Formação Docente (PPGEF), programa este, fruto da associação entre a Universidade Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e o Instituto Federal do Ceará (IFCE).

A pesquisa foi desenvolvida pela mestranda Vanessa Carvalho da Silva França em parceria com o seu orientador, Professor Dr. Lourenço Ocuni Cá. O livro digital tem como objetivo contribuir diretamente para o desenvolvimento das atividades laborais dos docentes

que se encontram atuantes na modalidade educacional destinada a jovens e adultos - EJA.

Durante o desenvolvimento da pesquisa os professores colaboradores do presente estudo foram convidados para em um período de três meses produzirem seus diários narrativos. Nas suas escritas foram convidados a relatar suas experiências mais significativas, suas percepções acerca da modalidade que atuam, como também descrever os principais empecilhos que permeiam suas práticas.

Após a escrita as informações foram analisadas e percebemos que os participantes se mostraram mal assistidos do ponto visto dos insumos escolares em vários segmentos. Portanto, a falta de um recurso voltado diretamente a EJA em Parnaíba, foi algo que se sobressaiu.

Do grupo investigado todos os sujeitos afirmaram sentir uma certa necessidade de materiais próprios para desenvolver seu trabalho; enfatizaram ainda que tal material deveria ser específico para EJA.

Os sujeitos frisaram que adotar materiais de outras modalidades ou até mesmo que ensino fundamental é algo que não surte o efeito esperado ao tratar de Educação de Jovens e Adultos.

Espero que este livro que chegou a sua mão, possa auxiliá-lo a compreender a relação existente entre a educação voltada ao público adulto e a aprendizagem significativa.

Assim o presente e-book nasce na tentativa de suprir uma necessidade sentida dos próprios professores que compõe a Educação de Jovens e Adultos. Aqui os leitores encontrarão não apenas os aspectos teóricos que subsidiam o trabalho docente, mas também terão relatos de professores atuantes na modalidade o que permitirá uma maior contextualização daquilo que é a teoria para aquilo que de fato é a prática.

Para que este e-book se concretizasse foram utilizadas na pesquisa algumas técnicas, tais como: Aplicação de questionário e produção de diários narrativos. Assim aliando as informações encontradas a partir desses dois instrumentos propomos o presente produto com o intuito de tornar o ensino mais significativo na EJA.

Nesta obra trazemos a contribuição da perspectiva da Aprendizagem Significativa para as turmas da Educação de Jovens e Adultos, pois como acreditamos e constatamos com a realização da pesquisa, quando o ensino é contextualizado e mais próximo do aluno a sua aprendizagem acontece de forma mais fluida.

Para uma melhor sistematização, dividimos o e-book em duas partes principais. A primeira parte traz ca-

racterísticas gerais da modalidade EJA no contexto Parnaibano o que permite o leitor a construção do cenário onde ocorreu a pesquisa.

Já a segunda parte apresenta cinco sugestões de propostas didáticas que podem ser utilizadas pelos professores da modalidade em suas aulas, nessas aulas seriam utilizados fatos da cidade de Parnaíba que permeiam o cotidiano do sujeito que vive na cidade.

Desejamos a todos uma boa leitura!

PARTE 01

CONHECENDO PARA ATUAR

[...] É muito gratificante trabalhar com Educação de Jovens e Adultos, pois sinto que mais aprendo do que ensino [...].

Professor Participante da pesquisa

[...] Manter os alunos da EJA ativos é sempre uma luta diária, pois assim como eu, eles também estão cansados depois de um dia longo de trabalho [...]

Professor Participante da pesquisa

[...] Analiso a aquisição do ler e escrever o próprio nome é a possibilidade dos alunos de EJA se sentirem até mais importantes, é algo absurdamente transformador para eles [...]

Professor Participante da pesquisa

Início este texto trazendo a percepção de alguns participantes da pesquisa que originou este produto educacional em seus relatos percebemos como esses sujeitos enxergam a modalidade em que estão.

Sabe-se que o trabalho na Educação de Jovens e Adultos é algo desafiador, pois nos deparamos com inúmeros empecilhos: escassos ou inexistentes momentos de formação e a inexistência de recursos próprios são pontos fortes que acabam comprometendo o andamento das atividades neste segmento educacional.

Na cidade de Parnaíba-PI esses relatos ilustram a realidade aqui vivida. Atualmente, (dados até junho de 2021) a cidade conta com 17 (dezesete) escolas que ofertam a Educação de Jovens e Adultos. Notamos que infelizmente esse número de escolas e consequentemente matrículas, vem reduzindo no decorrer dos anos e não podemos deixar de enfatizar que o período pandêmico ocasionado pelo COVID-19 intensificou ainda mais tal processo.

Historicamente esta modalidade de educação formal destinada ao público jovem e adultos no município de Parnaíba-PI, foi iniciada, como uma tentativa da Secretaria Municipal de Educação suprir a demanda exigida pela Lei (9394/96), Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

No entanto, não houve uma preparação para que tal momento acontecesse, pois, alguns professores, aqueles que estavam próximos a aposentadoria, ou com o benefício da diminuição de carga horária, foram lotados nessas primeiras turmas.

A partir dessas informações notamos que o município possui ainda uma longa trajetória a ser trilhada. É essencial a conscientização de que a cidade é carente de uma identidade própria da modalidade. Investir na formação do docente é sem dúvida algo primordial, mas não significa que seja a única ação que pode ou deve ser realizada.

Faz-se necessário práticas como: a criação de diretrizes curriculares próprias e investimentos na infraestrutura. Pois o professor pode até ser inovador e criativo em suas aulas, com um amplo repertório metodológico, entretanto, se o docente não compreender de forma clara e objetiva suas informações, a ação docente se torna sem sentido. É necessário que tais práticas se tornem significativas para a vida dos discentes.

APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA E A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

[...] Práticas pedagógicas que dão voz aos alunos são aquelas que mais trazem resultados positivos. Nossa clientela é calada por diversos setores sociais, a escola muitas vezes é o único local que o mesmo pode se estressar [...]

Professor Participante da Pesquisa

[...] Penso que ensinar adulto ou jovem fora da faixa série/ idade é aprender a se colocar no lugar do outro constantemente, é levar em conta autoestima, expectativas e sempre valorizar a força de vontade de cada um e a história que cada um carrega [...].

Professor Participante da Pesquisa

Neste tópico trago os fundamentos da perspectiva de uma aprendizagem significativa voltada para as turmas de Educação de Jovens e Adultos. Perspectiva esta que tem o intuito de aproximar os conteúdos trabalhados em escola com a realidade vivida pelos alunos, público da EJA.

A seleção pela Aprendizagem Significativa, se deu pelas próprias vivências da pesquisadora da dissertação, como também pelos relatos dos professores interlocutores do estudo inseridos da modalidade aqui estudada.

Aprendizagem significativa é aquela em que ideias expressas simbolicamente interagem de maneira substantiva e não-arbitrária com aquilo que o aprendiz já sabe. Substantiva quer dizer não-literal, não ao pé-da-letra, e não-arbitrária significa que a interação não é com qualquer ideia prévia, mas sim com algum conhecimento especificamente relevante já existente na estrutura cognitiva do sujeito que aprende. (MOREIRA, 2012).

A partir da aprendizagem significativa pretendemos uma aproximação entre teoria e a prática, utilizando-se de alguns conhecimentos em comum que os alunos possam já possuir. Assim com essa proposta o aluno perceberá que pode sim, assumir o controle das suas aprendizagens e seus saberes de forma significativa.

Nossa intenção ao propor atividades no sentido da aprendizagem significativa é direcionar o docente a conhecer as diferentes e inúmeras realidades onde o seu aluno vive, e propor em suas atividades reflexões e debates como forma de elucidação de problemas. Mostrar ao aluno como aquilo que é aprendido na escola é aplicado cotidianamente.

PARTE 02

SUGESTÕES DE ATIVIDADES PRÁTICAS

Nesta etapa do livro digital traremos algumas sugestões de propostas de aulas que podem ou não ser utilizadas pelos professores da modalidade EJA. Enfatizo que as atividades aqui propostas foram elaboradas pela autora da pesquisa que gerou como fruto este Book.

Aproveito o ensejo e friso que atividades aqui propostas são apenas pontos significativos que podem ser reorganizados ou redefinidos de acordo com o ponto de vista docente uma vez que ao lidar com pessoas diferentes se faz necessário metodologias próprias que abracem as demandas que esses sujeitos trazem.

O que temos aqui são propostas, algumas já realizadas em turmas de EJA outras ainda em processo de utilização, como subsídio teórico, a perspectiva da aprendizagem significativa aproveitando os saberes e conhecimentos que os alunos já possuem acerca de uma temática principal, aqui chamada de subsunção?, para tentar chegar de fato algo significativo para o aluno que frequenta a EJA.

Inicialmente, pensamos que essas propostas deveriam contemplar as habilidades descritas na atual Base Nacional Comum Curricular, entretanto, verificamos que algumas delas, os alunos oriundos da EJA já possuem, afinal são adultos, trabalhadores desta forma iremos priorizar um ensino mais contextualizado emancipatório e principalmente reflexivo que exigirá um pensamento crítico para o desenrolar das atividades que aqui se seguem.

Veremos agora cinco propostas de atividades que podem ser trabalhadas nas turmas de Educação de Jovens e Adultos desde a primeira a Quinta Etapa. Obviamente, a seleção dos conteúdos e metodologias mais adequadas cabem ao professor. Aqui são exemplos apenas de contextualização entre a cidade de Parnaíba e possíveis objetos de estudo.

Da organização didática dividimos as propostas por áreas de conhecimento, seguindo assim aquilo que é exigido na BNCC(2015).

Segue a sistematização da divisão.



PROPOSTA 1

ÁREA DE CONHECIMENTO : LINGUAGEM

Nossa primeira proposta surge para trabalhar a área de conhecimento Linguagem; aqui traremos a lenda da Macyrajara, personagem que compõe o universo folclórico da cidade de Parnaíba.

COMO FAZER

- 1.** Apresentação da lenda, através de imagens (leitura de imagens), ou discussão acerca da Lagoa do Portinho, ponto turístico parnaibano.
- 2.** Após a apresentação das imagens, questionar os alunos se já conheciam? Quais bairros pertencem a lagoa? Quais as vias de acesso até chegar ao ponto turístico? E qual a qualidade das vias de acesso?
- 3.** Após essa primeira averiguação (levantamento dos conhecimentos prévios). Exibição de vídeo ou contação da lenda.
- 4.** Interpretação da lenda, para destaque aos nomes dos principais personagens,
- 5.** Leitura, escrita e reescrita dos personagens;
- 6.** Caracterização dos personagens e do local onde acontece o enredo da história;
- 7.** Contextualização com a língua inglesa ou espanhola (com a letra Y existente no nome da personagem principal);
- 8.** Pesquisa de outros nomes com Y, ou nomes de origem indígena,

- 9.** Escrever a relação dos nomes dos colegas da turma e da professora;
- 10.** Socialização dos nomes dos familiares e escolha do nome;
- 11.** Organização dos nomes próprios estudados em ordens alfabéticas;
- 12.** Releitura do texto, a partir das suas percepções;

PROPOSTA 2

ÁREA DO CONHECIMENTO: MATEMÁTICA

Nossa proposta para trabalhar a área de conhecimento da Matemática é trazer para a sala a discussão sobre o Projeto Federal dos Tabuleiros Litorâneos. O projeto existe desde 2002 e visa a geração de renda através da agricultura em região de caatinga.

Segundo o site do Governo Federal (2021)

A principal atividade produtiva do perímetro é a agricultura orgânica certificada. O destaque é a acerola que ocupa a maior área plantada, em região de caatinga. Na região também há produção de coco, caju, abacaxi, manga, goiaba e banana. As frutas cultivadas chegam às regiões Nordeste, Sul e Sudeste e também são exportadas para a Europa e América do Norte. (BRASIL, 2021).

Por intermédio do projeto muitas famílias são beneficiadas com trabalho e conseqüentemente a criação de renda, o que mantém o trabalhador motivado com a prestação do seu serviço.

Nosso intuito é utilizar esse projeto tão conhecido na cidade em algo que corrobore com a prática educativa na Educação de Jovens e Adultos.

COMO FAZER

- 1.** Apresentação do Projeto com um representante do mesmo na escola;
- 2.** Discussão sobre os impactos sociais e econômicos do projeto para a comunidade.
- 3.** Apresentação de gráficos e tabelas com informações sobre o número de famílias atendidas, quantos trabalhadores envolvidos, área de ocupação do projeto.
- 4.** Informar sobre os produtos mais e menos cultivados;
- 5.** A partir das informações mostradas, coletar esses dados e apresentar em sala;
- 6.** Comparar os preços dos produtos produzidos no projeto com aqueles produtos que não são produzidos e vem de fora.
- 7.** Estabelecer as diferenças nos preços e na qualidade dos alimentos.
- 8.** Propor problemas numéricos (utilizando as operações matemáticas) contextualizadas com as informações trazidas.

9. Atividade de pesquisa: verificar quais outras áreas fornecem os alimentos que abastecem nossa região.

PROPOSTA 3

ÁREA DO CONHECIMENTO: ENSINO RELIGIOSO

A proposta trazida para trabalhar a área do conhecimento que corresponde ao ensino religioso é a Lenda que dá origem a uma dança genuinamente piauiense, o Boi.

O Boi é uma dança com forte representatividade cultural no estado do Piauí e por mais que outros estados na atualidade se destaquem com essa festividade sua origem está atrelada ao processo de colonização do Piauí.

A celebração do boi é realizada para comemorar a “volta a vida” de um boi de estima de um fazendeiro muito rico. A lenda conta que um casal de trabalhadores de uma fazenda estava na expectativa da chegada do seu primeiro filho e a mulher – Catirina – sentiu um forte desejo em comer a língua do boi, seu marido – Pai Francisco – para atender os anseios da esposa, tirou a língua do boi para satisfazer os desejos da esposa.

O fazendeiro ao notar a ausência do seu boi preferido, reuniu todos os seus vaqueiros e só conseguiu que o boi melhorasse após um pajé/curandeiro/padre fizesse uma oração no animal. Só após a oração, o boi finalmente voltou a vida e foi feita uma grande festa para celebrar o feito.

COMO FAZER

- 1.** Exposição de fotos com os personagens típicos da festa;
- 2.** Levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos a partir de diálogos dirigidos;
- 3.** Recontar a história e perceber as diferenças entre as versões;
- 4.** Associar as figuras religiosas existentes na lenda (pajé, curandeiro e/ou padre);
- 5.** Relacionar as diferentes religiões aos seus principais representantes;
- 6.** Pesquisar as diferentes religiões existentes e a caracterização de cada uma delas;
- 7.** Conhecer e conversar com líderes religiosos no intuito de compreender a origem dos símbolos e tradições que cada religião traz consigo;

PROPOSTA 4

ÁREA DO CONHECIMENTO: CIÊNCIAS DA NATUREZA

A sugestão trazida nesta quarta proposta para se trabalhar a área do conhecimento – Ciências da natureza – é utilizarmos o Delta do Parnaíba. O Delta do Parnaíba é o único delta das américas e tem a nossa cidade como porta de entrada.

Trata-se de um arquipélago com mais de 50 ilhas, formando um labirinto de mangues e igarapés, de uma natureza exuberante e única. Rico em biodiversidade e completamente preservado. O Delta é uma região de fronteira com o estado do Maranhão.

COMO FAZER

- 1.** Exposição de fotos dos lugares e animais típicos daquele ambiente para os alunos reconhecerem;
- 2.** Proposição de perguntas para o debate: Quem já viu? Quem já fez o passeio? O que viu no passeio?
- 3.** Após a socialização das respostas, apresentar vídeos sobre o delta das américas e sua importância para o turismo local.
- 4.** Trazer dados sobre as espécies de fauna de flora encontradas na região e sua importância para o equilíbrio ecológico da região;
- 5.** Propor a escrita dos nomes das espécies presentes na região e associar as suas principais características;
- 6.** Montar um painel com as informações apreendidas durante a aula;

PROPOSTA 5

ÁREA DO CONHECIMENTO: CIÊNCIAS HUMANAS

Nossa última proposta sugere utilizar o debate sobre o crescimento de Parnaíba nos últimos anos. O intuito é levar o aluno a “perceber” sua cidade como organização viva que a cada dia e com novos empreendimentos que aqui surgem avança mais e mais no sentido de urbanização.

Quem vive na cidade nota o quanto a cidade se desenvolveu nos últimos anos. A chegada de empresas nacionais como também a instalação do Shopping, somada a expansão universitária desde 2007 movimentou positivamente a cidade e a fez desenvolver-se no sentido de infraestrutura.

COMO FAZER

- 1.** Exibir vídeo com imagens antigas e atuais da cidade de Parnaíba, a partir dessa exibição ir questionando se os alunos conhecem aquelas partes da cidade;
- 2.** A partir das falas dos alunos, associar as imagens de como elas eram antigamente e como se apresentam na atualidade;
- 3.** Propor a evolução dos lugares a partir dos tempos e a necessidade de mudanças para atender as necessidades da população;
- 4.** Trazer dados do IBGE do crescimento da cidade de Parnaíba;
- 5.** Listar os novos bairros surgidos na cidade e a origem de cada um;
- 6.** Pesquisar sobre a nomenclatura desses novos bairros;
- 7.** Analisar se as condições básicas de qualidade de vida como: educação, saúde, infraestrutura já são disponibilizadas nesses novos bairros a partir de escolas, postos de saúde, coleta de lixo e rede de esgotos;
- 8.** Visita a câmara de vereadores em alguma sessão para acompanhar pautas relacionadas ao tema

SAIBA MAIS

Lenda da Macyrajara

<https://www.youtube.com/watch?v=eYsJGk9RR6o>

Projeto Federal dos Tabuleiros Litorâneos

<https://www.youtube.com/watch?v=kai8lOguXw8>

Lenda do Boi

<https://www.youtube.com/watch?v=9YkJbmRC2k8>

O Boi em Parnaíba

<https://www.youtube.com/watch?v=HuVYZU-ts0G0>

O Delta do Parnaíba

<https://www.youtube.com/watch?v=gy0NWXAV4fY>

>

<https://www.youtube.com/watch?v=K4geSOM6DY4>

>

Parnaíba ontem e hoje

<https://www.youtube.com/watch?v=vcSaCuSiv9I>

<https://www.youtube.com/watch?v=K4JRlGtd-MH8>

Parnaíba contemporânea

<https://www.youtube.com/watch?v=KSk-vTjf6y0>

Parnaíba – 177 anos – Hino de Parnaíba

<https://www.youtube.com/watch?v=w6FMcpR6C-Zo>

REFERÊNCIAS

AUSUBEL, D.P.; NOVAK, J.D.; HANESIAN, H. (1980). **Psicologia educacional**. Rio de Janeiro. Ed. Interamericana.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996.

_____. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Consulta Pública. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2015. Disponível em: <<http://historiadabncc.mec.gov.br/documentos/BNCC-APRESENTACAO.pdf>>. Acesso em: 01 nov. 2015. Disponível em: <<http://historiadabncc.mec.gov.br/documentos/BNCC-APRESENTACAO.pdf>>. Acesso em: 01 nov. 2020.

IBGE – **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Censo Brasileiro de 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

MOREIRA, Marco Antonio. **Linguagem e aprendizagem significativa**. In: Conferência de encerramento do IV Encontro Internacional sobre Aprendizagem Significativa, Maragogi, AL, Brasil. 2003.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, a inteligência suprema, pela oportunidade de realização deste grande sonho. Obrigada, meu Senhor, por inserir em meu coração o desejo profundo de tentar o mestrado e não desanimar pelas vezes que não conseguia a tão sonhada aprovação.

Sou grata também a minha família, onde aqui trago inicialmente meu filho, Dante, obrigada meu filho, pela força que me deu após seu nascimento, pela mulher que me tornou com a sua chegada. Estendo meus agradecimentos ao meu companheiro de vida, luz dos meus olhos, meu amor Tchesco França, te amo meu amor!

Quero agradecer ao meu cunhado, que mais é um irmão para mim, obrigada Luiz Felipe, pela companhia, escuta, parceria e também por vibrar e brincar comigo sempre. Meus Pais, Ildener e Francisco, obrigada por todos os ensinamentos. Agradeço ao meu irmão Walber Carvalho, por cumprir de fato o que é Ser irmão, meu maior elo com o meu passado, confidente, amigo e parceiro.

Me saindo do seio familiar quero agradecer também aos professores colaboradores desta pesquisa, profissionais aos quais tiro meu chapéu, pois encarar esse processo metodológico em um ano atípico, com um leque de novas habilidades para serem desenvolvidas, aceitaram o desafio e escreveram comigo esta produção. Obrigada meus colegas de profissão.

Sou grata ao meu orientador, Professor Dr. Lourenço Ocuni Cá, que sempre me deixou bem à vontade na escrita, trazendo suas sabias colaborações a este trabalho. Aqui também estendo meus agradecimentos aos professores: Dra. Sinara Mota (UNILAB) e Dr. Cleidvan Alves (UFPI) pelas valiosíssimas contribuições, como também pelo impacto que causaram em minha vida acadêmica.

Agradeço a toda comunidade da Escola Municipal Antonio Seligmann, colégio onde fui alfabetizada e onde alfabetizei, instituição que estava trabalhando antes do mestrado. Quero agradecer também a toda comunidade da Faculdade de Ensino Superior de Parnaíba – FAESPA. Instituição que vi nascer e me dá a possibilidade de crescer profissionalmente, agradeço a Professora Rosilda Sales pelas inúmeras oportunidades dadas e confiadas a mim, agradeço a Dalva e Fabricio por dividirem comigo os sabores e dessabores do exercício da docência e coordenação no ensino superior.

Encerro meus agradecimentos trazendo os nomes dos meus avós maternos (*in memoriam*) Noêmia e Izidorio, vocês foram os primeiros que me levaram a escola e se preocuparam com o meu futuro nos estudos. Como eu queria vocês aqui comigo. A saudade sempre aperta, mas a certeza do reencontro me conforta.

Obrigada a todos! Família, amigos, trabalho, conhecidos, alunos e colegas. Vocês contribuíram muito para esse fato, que não é apenas um título, mas sim a grande realização de um sonho

OS AUTORES



Vanessa Carvalho da Silva França

Graduada em Pedagogia (UFPI-2010), graduada em Geografia (FIAR – 2018), Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional, Neuropsicopedagogia e Formação de Professores para o EaD. Mestre em Ensino e Formação Docente (UNILAB – 2021). Professora efetiva da rede municipal de Parnaíba – PI, onde atua no ensino fundamental e Educação de Jovens e Adultos. Tem experiência no AEE. Atualmente compõe o NDE do curso de Pedagogia da Faculdade de ensino Superior de Parnaíba – FAESPA, e coordena o curso de Pedagogia em EaD da mesma instituição.

OS AUTORES



Lourenço Ocuni Cá

Possui graduação em Letras pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP, 1996); graduação em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP, 2001); Mestrado em Administração e Supervisão Educacional pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP, 1999) e Doutorado em Políticas Públicas em Educação e Sistemas Educativos Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP, 2004). Tem experiência em Educação, com ênfase em Educação, aundo principalmente nos seguintes temas: Políticas Públicas em Educação e Gestão Educacional; Organização do sistema educativo da Guiné-Bissau, Educação de Jovens e Adultos; Educação, Cooperação e Desenvolvimento. Foi Diretor da Assessoria da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), Coordenador de Políticas Estudantis da UNILAB vinculado a Vice-Reitoria; Coordenador do curso de Pós-Graduação Lato Sensu, Coordenador do Curso de Licenciatura em Ciências da Natureza e Matemática. É Professor Associado da UNILAB.

